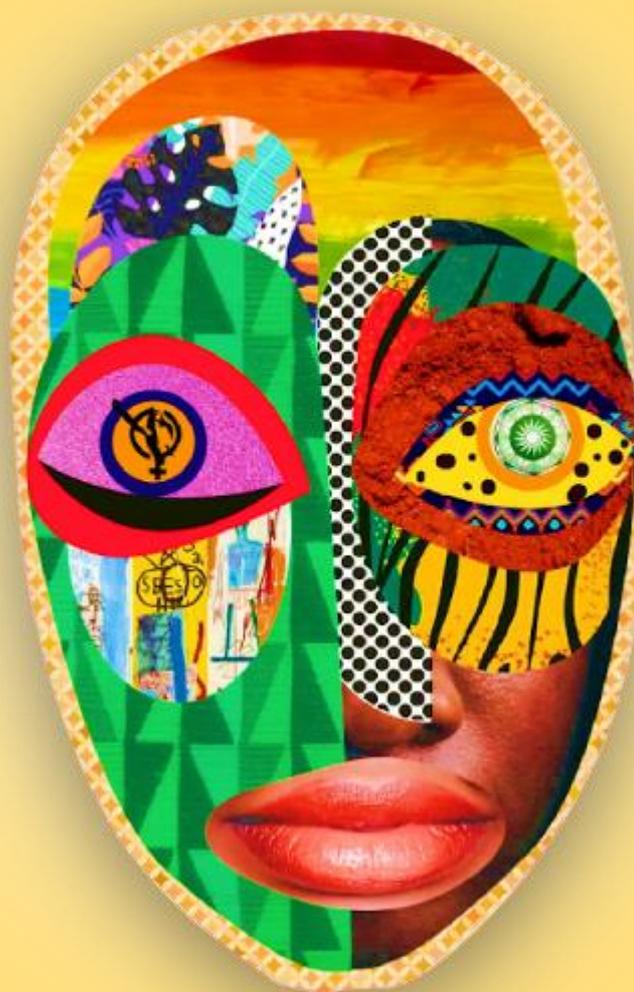




UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES

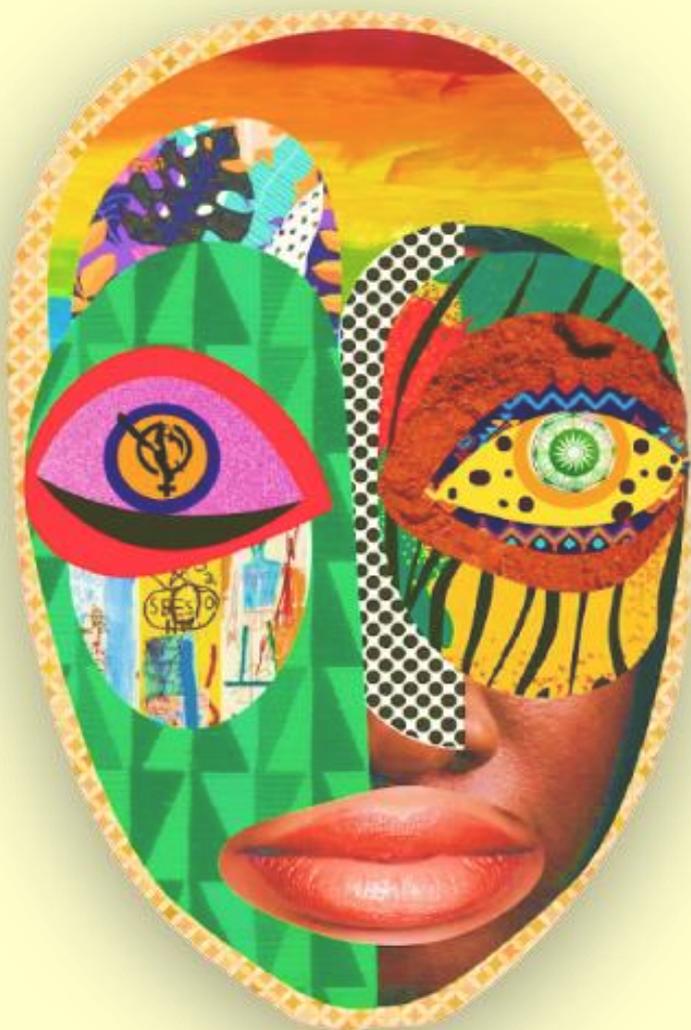


SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA



CADERNO DE RESUMOS
2022.1

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Departamento de Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações



Reitor

Alessandro Fernandes de Santana

Vice-Reitor

Maurício Santana Moreau

Diretor do DLA

Fernando José Reis de Oliveira

Coordenador do PPGL

Isaías Francisco de Carvalho

Vice-coordenadora do PPGL

Élida Paulina Ferreira

Secretária

Jaíne Andrade Pereira

Disciplina Métodos e Práticas de Pesquisa I

Paula Regina Siega

Vânia Lúcia Menezes Torga

Coordenação do Seminário Interdisciplinar de Pesquisa

Isaías Francisco de Carvalho

Comissão Organizadora

Isaías Francisco de Carvalho (Linha A) – ifcarvalho@uesc.br

Sonia María Chacaliaza Cruz (Linha A) – smccruz@uesc.br

Suellen Thomaz de Aquino Martins (Linha B) – stamartins@uesc.br

Camila Luiza Lelis (Linha C) – cllelis@uesc.br

SUMÁRIO

Apresentação 4

Linha A

Carlos Eduardo Góngora Sánchez

Narrativas criminais contemporâneas no México e Brasil: uma perspectiva comparada da narcoliteratura..... 6

Luana Caetano Thibes

Autoagenciamento feminino em narrativas de Chimamanda Adichie: perspectivas emancipatórias 13

Reinan da Silva Braga

Obra Poética de Sosígenes Costa: Outras Leituras..... 21

Sonia María Chacaliaza Cruz

Escrita encarnada: corpo-violência na narrativa feminina peruana contemporânea 27

Zidelmar Alves Santos

A obra de Itamar Vieira Júnior: uma poética dos excluídos..... 35

Linha B

Eliuse Sousa Silva

Processo de escrita acadêmica: uma abordagem sistêmica a partir de práticas reflexivas de estudantes de doutorado..... 43

Emerson Tadeu Cotrim Assunção

Gêneros de divulgação científica e negacionismos científicos: vozes da ciência e da religião em dialogia e tensão na Universidade 51

Jamille Santos Oliveira

A arquitetura da divulgação científica na esfera escolar: uma análise bakhtiniana de livros didáticos da Educação Básica..... 60

Juliana Alves dos Santos

Internacionalização do Ensino Superior de instituições estaduais brasileiras e suas políticas de adoção de línguas adicionais: desafios globais e perspectivas locais? 68

Patricia Alejandra Faúndez Ríos

Análise dos ensaios de opinião dos exames TOEIC e CELPE-BRAS à luz da Retórica Intercultural 77

Renata da Silva Posso
Letramento e Ensino de Argumentação na Educação de Jovens e Adultos: a construção colaborativa de materiais didáticos..... 85

Soade Pereira Jorge Calhau
Formação docente para o ensino da argumentação: critérios de planejamento e aplicação de cursos de formação continuada de professores de português para o desenvolvimento das capacidades argumentativas 93

Suellen Thomaz de Aquino Martins
Formação de professoras/es de inglês à luz de uma postura decolonial e sistêmica: em pauta o estágio e as primeiras experiências na profissão docente..... 101

Linha C

Camila Luiza Lelis
Autotraço: a ilustração como modo de se narrar 111

Denise Gonzaga dos Santos Brito
A alusão e a arquetônica da escrita autobiográfica feminina em Clarice Lispector..... 118

Renata de Melo Gomes
O funcionamento do cinismo na Blogueirinha do fim do mundo 125

Rodrigo Eduardo Rocha Cardoso
Círculos restaurativos de justiça: olhares discursivos sobre patriarcado, regulações e tensões de gênero..... 132

APRESENTAÇÃO

O Seminário Interdisciplinar de Pesquisa (SIP) do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UESC) é a oportunidade de todos, todas e todos da comunidade acadêmica do programa acompanharem o desenvolvimento das pesquisas que compõem as linhas de pesquisa. Como atividade obrigatória para o Mestrado e para o Doutorado, o SIP é um pré-requisito para a realização do Exame de Qualificação das dissertações e teses em andamento.

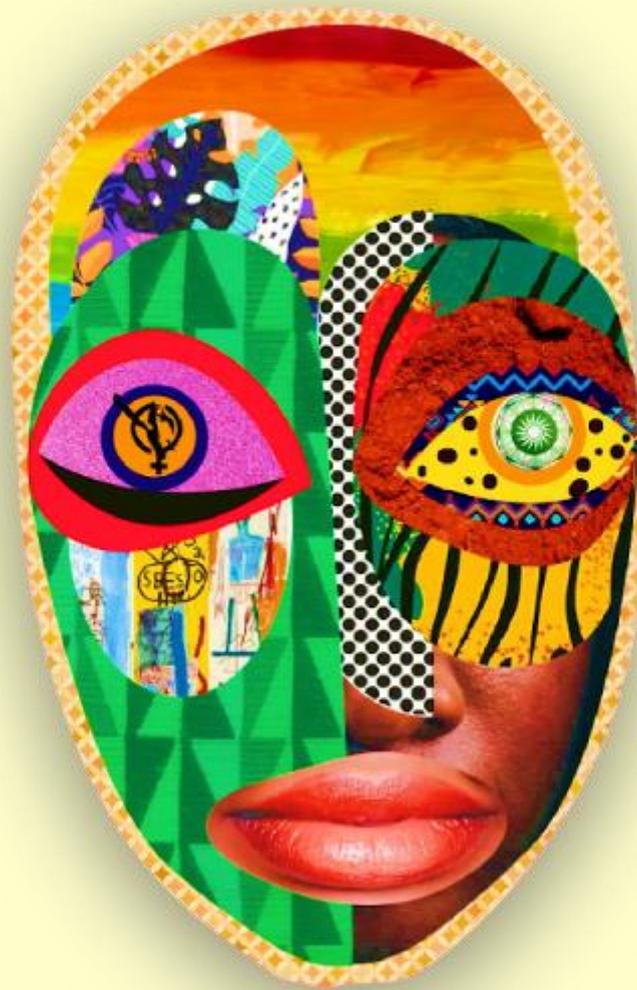
As apresentações são organizadas de acordo com cada Linha de Pesquisa: Linha A - Literatura e Interfaces; Linha B - Linguística Aplicada; Linha C - Linguagem e Estudos de Gênero. Cada dia de apresentação conta com duas/dois debatedoras/es de suas respectivas linhas que analisam os resumos produzidos por cada discente e compartilham suas contribuições, com o intuito de fomentar um debate crítico e construtivo e incentivar a continuidade e o crescimento das produções acadêmicas.

Atualmente, o SIP é realizado em dois momentos do ano: no primeiro semestre, reunindo as pesquisas desenvolvidas pelas/os doutorandas/os, e, no segundo semestre, com os trabalhos das/os mestrandas/os. Desde 2016, as programações e os resumos do SIP são disponibilizados na página do programa, contribuindo, desse modo, para uma relação de transparência com a comunidade e um aumento da visibilidade do conhecimento produzido pelo corpo discente e docente, com impacto positivo para os mecanismos de avaliação externa do PPGL/UESC.

Neste Caderno de Resumos, podemos conhecer as pesquisas que fazem parte do SIP 2022.1, nos dias 25, 26 e 27 de julho. Contamos com a presença de toda comunidade para prestigiar as apresentações e, desde já, parabenizamos as/os discentes e suas/seus orientadoras/es e agradecemos pelo esforço dedicado a nosso Programa.

Comissão Organizadora
SIP 2022.1 - PPGL/UESC





LINHA A
LITERATURA E INTERFACES

Narrativas criminais contemporâneas no México e Brasil: uma perspectiva comparada da narcoliteratura

Carlos Eduardo Góngora Sánchez¹

Prof. Dr. Cristiano Augusto da Silva – Orientador (UESC)

Apresentação

Numa palestra sobre as tendências atuais do thriller policial realizada em 2019 na cidade de Tepic, Nayarit, México, o escritor Paco Ignacio Taibo II discorreu sobre a importância social deste tipo de romance como resposta à violência do estado colidido com o crime organizado. Refere que o romance policial do crime oscila na sociedade, desde o palácio de governo até as manifestações da miséria, isto é, em termos de linguagem não só em termos de situações, dado que coloca como alvo a ruptura do tabu, o fato criminal, tem uma ruptura das aparências, em vista de que o criminoso encontra-se tanto na sociedade marginal, nos presídios, quanto na milícia, nos corpos policiais, nos grêmios jornalistas, dentro dos partidos políticos, no sistema judiciário e ministerial, em diferentes níveis de governo e instâncias, os ladrões de colarinho branco ou de mãos sujas disfarçam o crime, sendo necessário para eles mesmos criar alianças ou transgredir constantemente as regras do jogo, mediante o discurso ou as forças fácticas. Em outras palavras, o crime perpassa em diagonal todos os estratos da sociedade, e o thriller político tem se tornado o romance policial do nosso tempo.

Por sua parte o pesquisador brasileiro José Vicente Tavares dos Santos, em seu livro *O romance da violência: sociologia das metamorfoses do romance policial* (2021) sustenta que o romance policial contemporâneo tem se desenvolvido mundialmente a partir dos contextos violentos que os produzem e as interseções dos gêneros do crime. Tais fatos implicam a inclusão de “novos personagens, principalmente representantes do Estado e da internacionalização do delito [...] [são] obras que localizam o contexto em uma cidade e geram uma compreensão multidimensional da relação entre o crime e o capitalismo neoliberal.” (DOS SANTOS, 2021, p. 226)

Assim, em termos de representação do contexto histórico latino-americano, o autor propõe que a literatura é suscetível a sua interpretação, não só literária, senão sociológica, pois

¹ Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: cegsanchez@uesc.br

o conflito social se desloca para o centro da figuração literária, tornando possível: “observar os agentes de poderes macro e micro em ação, os capitalistas e os políticos; estes, muitas vezes, estão exercendo seu poder seguindo as regras do mercado, da corrupção e da brutalidade. Será possível identificar a repetição de alguns traços desta nova forma romanesca: a violência difusa, a crueldade, a fragmentação do espaço social e o dilaceramento do corpo.” (DOS SANTOS, 2021, p. 215)

Na América Latina, as narrativas de ficção sobre as organizações criminais e a corrupção política decorre no cinema, nas séries de televisão, na literatura, em contos e romances *crime fiction*, na poesia, em histórias de quadrinhos, nos videogames, na prensa, em pesquisas jornalísticas, sociológicas, antropológicas com maior ou menor seriedade e perspectiva crítica; em produtos culturais que tem feito do tema diversas abordagens².

Nas últimas décadas a consolidação no México, Colômbia e Brasil de certo tipo de representações literárias da criminalidade em contextos de violência, nas quais o narcotráfico aparece como fantasma ou protagonista de uma realidade brutal e cotidiana, levou a denominação de *narcoliteratura* por uma parte da crítica literária, sendo para outros uma linha editorial bastante robusta, que nem sempre consegue esquivar a espetacularização e o voyeurismo da violência.

Esse tipo de literatura pode ser interpretada, segundo James Valderrama Rengifo (2016), além da fascinação pela violência extrema e pelo crime, ou pela banalização do termo, também pode ser lida como resgate ou exercício de memória social, pois o crescente interesse dos escritores por esse tipo de romance para dar conta esteticamente de flagelos como a corrupção, o narcotráfico ou as ditaduras, da conta das características do gênero negro, ou policial, que facilitam o tratamento literário desses fenômenos sociais. O escritor mexicano Eduardo Antonio Parra (2005) contrasta que a literatura sobre o narco nem sempre é uma eleição temática:

En varias oportunidades, los escritores del norte hemos señalado que ninguno de nosotros ha abordado el narcotráfico como tema. Si éste asoma en algunas páginas es porque se trata de una situación histórica, es decir, un contexto, no un tema, que envuelve todo el país, aunque se acentúa en ciertas regiones. No se trata, entonces, de una elección, sino de una realidad. [...] La violencia es un elemento, no la esencia, pues

² No referente à ficção contemporânea sobre a violência e o crime no Brasil sobressaem as lentes narrativas de Marçal Aquino, Paulo Lins, Marcelino Freire, Patrícia Melo, Ana Paula Maia, Rubem Fonseca, João Antônio, Dalton Trevisan, Júlio Ludemir, nomeando alguns com trajetória consolidada.

No México, autores consagrados no gênero do policial e do crime na ficção contemporânea se encontram Eduardo Antonio Parra, Rafael Bernal, Vicente Leñero, Cristina Rivera Garza, J.M. Servin, Guillermo Fadanelli, Enrique Serna, Élmer Mendoza, Orfa Alarcón, Yuri Herrera, Bernardo Fernández, dentre outros.

el narcotráfico es un fenómeno integral, capaz de cimbrar —no destruir— todos los aspectos de la existencia humana, y también de sacar a relucir todas las miserias. (PARRA, 2005)

É nesse aspecto que gostaríamos de indagar na literatura, vista como uma das possíveis janelas para olhar o trauma social. Iremos analisar e confrontar as visões mexicana e brasileira a partir dos livros de contos propostos a continuação.

Objetivos

Objetivo geral

O objetivo é investigar e discutir a categoria de narrativas criminais, em especial aquelas que têm a ver com as representações dos espaços e das identidades culturais que resultam da necropolítica derivada do narcotráfico, em obras literárias contemporâneas de ficção curta do México e Brasil.

Objetivos específicos

- * Estudar e analisar os componentes formais e estruturais dos livros de contos *Parábolas del silencio* (2006) e *Sombras detrás de la ventana* (2012) do mexicano Eduardo Antonio Parra; assim como *Faroestes* (2001) e *Famílias terrivelmente felizes* (2003) do brasileiro Marçal Aquino;
- * Investigar no nível discursivo o corpus literário de México e do Brasil sobre a narrativa do crime numa perspectiva comparada, levando em conta o contexto de produção;
- * Identificar as trajetórias, paralelos e divergências das narrativas criminais do México e Brasil nas últimas décadas.

Justificativa

O interesse em nos focar na violência do Narco Estado representada nas obras literárias no México e Brasil se deve ao contexto de crise que as alimenta e parece perpetuar. O estudo das produções culturais em torno do crime, a partir da literatura adquire relevância se observarmos que suas singularidades têm a ver com uma resposta do entorno social onde são proferidas, funcionando como contraponto respeito à história oficial. Assim, este estudo pretende analisar as narrativas de crime, desenvolvendo uma pesquisa das representações da cultura do narco, mediante a análise dos discursos na ficção dos contos.

Existe outro motivo de ordem histórico que pretendo levar em consideração. Tem a ver com a continuidade do autoritarismo social e a violência constitutiva instalada no meio das sociedades latino-americanas que têm produzido obras literárias que articulam tais conflitos e lutas sociais, sem necessariamente documentar uma verdade unívoca. Em termos de representação, aquilo permite interpretar a literatura trazendo novas luzes sobre a problemática social.

Aparato teórico

Partindo do entendimento de que a cultura contém os veículos narrativos das sociedades, o antropólogo Clifford Geertz (2003) caracteriza a cultura em termos textuais, como um emaranhado de significações que contém as histórias sobre as diferentes realidades da condição humana. Para ele e para Ricoeur (2006), as textualidades e as narrativas se encontram vigentes em códigos culturais susceptíveis a sua leitura individual e coletiva.

Equiparando a noção do relato, texto e leitura da sociedade, uma narrativa pode reestruturar entendimentos individuais e, a partir deles, modos coletivos de perceber, e, por sua vez, a cultura marca nossa maneira de consumir narrativas. Em outras palavras, a soma das leituras individuais contribui para a construção cultural e social da realidade. (SOLTERO, 2016).

Em concordância com o argumento desenvolvido pelo pesquisador mexicano Daniel Inclán (2018), sobre a cultura da crueldade, assumimos de início que a leitura crítica da violência não pode se desprender da crítica ao poder e o entendimento das transformações do capitalismo contemporâneo.

Se pretende realizar a pesquisa utilizando a perspectiva interdisciplinar dos estudos culturais. As razões de ordem teórica que justificam a realização desta pesquisa encontram-se enraizadas nas abordagens dos estudos literários em perspectiva comparada. O ponto de vista dos estudos comparativos oferece a possibilidade de utilizar categorias de análise para explicar a correlação entre distintos tipos de narrativa do crime. O suporte teórico preliminar retoma os estudos sobre a narrativas criminais, tendo a ver com estudos comparativos. Para isso, os estudos de literatura comparada (NITRINI, 2000; CARVALHAL, 2006) e a discussão sobre as narrativas criminais e narcoliteratura irão auxiliar teoricamente para os objetivos deste estudo.

Metodologia

O percurso metodológico foca-se no estudo bibliográfico motivado na reflexão sobre as narrativas do crime. O marco interpretativo fica contextualizado pelas representações narrativas do narcotráfico no gênero literário do conto. O processo de pesquisa será composto por 4 etapas bem definidas.

A primeira fase exploratória é simultânea ao levantamento de material, consiste na identificação de fontes de documentação das literaturas mexicanas e brasileiras contemporâneas. Além das obras propostas, identificação de estudos já feitos sobre as obras (levantamento de fortuna crítica), a parte exploratória inclui a consulta de material teórico vinculado a análise literária e historiográfica do contexto político do narcotráfico.

A segunda fase será a sistematização dos dados encontrados, esclarecendo e discriminando.

O terceiro procedimento será baseado na análise das informações coletadas.

A quarta e última fase corresponde à escrita e defesa da tese de doutorado, e consiste em estabelecer um equilíbrio do estudado, de modo que a preocupação fundamental será compreender quais são as narrativas do crime contemporâneas no México e Brasil e como estão sendo representadas nas obras literárias,

Discussão

O conceito de narcoliteratura tem sido discutido e gerado polêmicas entre jornalistas e escritores do gênero, críticos e acadêmicos, e desde várias frentes. Por um lado, no referente ao sucesso editorial, a fetichização da literatura e a sacralização da literatura na universidade. Outros têm discutido sua fortuna como gênero, pastiche, alusão, sua intertextualidade com outros suportes e produtos culturais. Sobre a pertinência do prefixo *Narco-* tem se falado das implicações semânticas do termo. (PALAVERSICH, 2010; VÁSQUEZ MEJÍAS, 2017). Tal como aponta Sasse (2019) o conceito narcoliteratura ainda apresenta conflitos semânticos com sua recepção:

Apesar da popularidade, ainda há resistência por parte da academia em utilizar o termo “narcoliteratura”. Para alguns, o termo aplanaria obras ricas e complexas sob uma etiqueta genérica que a reduziria ao tema das drogas. Parte desse medo ao termo é explicada através da própria resistência acadêmica à ficção de entretenimento. Para esse tipo de crítico, usar —narcoliteratura só pode significar uma simplificação à medida que se entende que a literatura de crime não é capaz de falar sobre mais do que apenas o tema que aborda. Se há algo que os estudos da ficção de crime contemporâneos

mostram é que mesmo a formulaica ficção detetivesca clássica pode significar muito mais do que um mero passatempo lógico, como foi acusada em seu passado. Por narcoliteratura, então, entende-se o fenômeno literário de narrativas em que o narcotráfico é um elemento central, seja na produção nos interiores da América do Sul, na prática dos cartéis da América do Norte ou mesmo nas favelas do Brasil. (SASSE, 2019, p. 98)

Um antecedente importante a tais reflexões foi o livro do mexicano de Felipe Oliver Fuentes *Apuntes para una poética de la narcoliteratura* (2013) quem esboçou uma poética da narcoliteratura e resumiu algumas das polêmicas mais recorrentes sobre o termo. Pretende-se desenvolver, a partir de tais precedentes, uma poética do conceito no referente ao conto.

Vale destacar que até o momento da revisão da fortuna crítica me deparei com poucos estudos que abordem o conceito de narcoliteratura no referente ao gênero de conto, pois a maioria dos estudos se concentram no gênero do romance, do cinema e em menor medida, na poesia. Portanto, este estudo pretende revisar a fundo o que acontece com as narrativas da ficção curta que se propõem abordar o problema do narcotráfico, e como dialogam com as estruturas políticas, culturais e rituais que o sustentam.

Referências

- AQUINO, Marçal. *Faroestes*. São Paulo: Ciência do Acidente, 2001.
- AQUINO, Marçal. *Famílias terrivelmente felizes*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- CARVALHAL FRANCO, Tania. La literatura comparada en América del Sur. In: *Anuario de la Sociedad Española de Literatura General y Comparada. Anuario IX, 1995, 2006*. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc708d4>. Acesso em 10 out. 2020.
- FUENTES, Felipe Oliver. *Apuntes para una poética de la narcoliteratura*. Guanajuato: Universidad de Guanajuato, Departamento de Letras Hispánicas, Colección Estudios Literarios, 2013.
- GEERTZ, Clifford. *La interpretación de las culturas*. Barcelona: Gedisa, 2003.
- INCLÁN, Israel Daniel. La lógica de la violencia y la cultura de la crueldad: Las mutaciones sociales en tiempos de crisis civilizatoria. *Constelaciones: Revista de Teoría Crítica*, n. 10, p. 179-197, 2018.
- NITRINI, Sandra. *Conceitos Fundamentais. Literatura Comparada*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- PALAVERSICH, Diana. Narcoliteratura (¿De qué más podríamos hablar?). *Tierra Adentro*, México, n. 167-168, p. 54-63, 2010.

PARRA, Eduardo Antonio. *Parábolas del silencio*. México D.F.: Ediciones Era, 2006.

PARRA, Eduardo Antonio. *Sombras detrás de la ventana: cuentos reunidos*. México D.F.: Ediciones Era, 2009.

PARRA, Eduardo Antonio. Norte, narcotráfico y literatura. *Letras Libres*, México D.F., 2005. Disponível em: <http://www.letraslibres.com/index.php?art=10752>. Acesso em: 14 setembro 2020.

RICOEUR, Paul. *Del texto a la acción*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

SANTOS, Danilo; VÁSQUEZ MEJÍAS, Ainhoa; URGELLES, Ingrid. Lo Narco como modelo cultural. Una apropiación transcontinental. *Mitologías Hoy*. Revista de pensamiento, crítica y estudios literarios latinoamericanos. Barcelona, v.14, p. 9-23, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5565/rev/mitologias.401> Acesso em: 28 junho 2022.

SANTOS, Danilo; VÁSQUEZ MEJÍAS, Ainhoa; URGELLES, Ingrid (eds.) *Narcotransmisiones, neoliberalismo e hiperconsumo en la era del #narcopop*. Ciudad Juárez: El Colegio de Chihuahua. 2021.

SASSE, Pedro Puro. *As Narrativas Criminais na Literatura Brasileira*. 2019. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/10095>. Acesso em: 10 out. 2020.

SOLTERO, Gonzalo. Construcción de la violencia en México: Un análisis desde la teoría literaria. *Política y cultura*, México, n. 46, p. 121-142, 2016. Disponível em http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-77422016000200121&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 18 out. 2020.

VALDERRAMA RENGIFO, James. El crimen en la novela negra latinoamericana: entre la fascinación y la memoria. *Poligramas*, n. 42, p. 75-93, 2016.

VÁSQUEZ MEJÍAS, Ainhoa (ed.) *Narcocultura de norte a sur*. Una mirada cultural al fenómeno del narco. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México; Centro de Investigaciones sobre América del Norte; Universidad Autónoma de Chihuahua, 2017.

Palavras-chave: Narrativas criminais. Narcoliteratura. Conto contemporâneo. México. Brasil.

Autoagenciamento feminino em narrativas de Chimamanda Adichie: perspectivas emancipatórias

Luana Caetano Thibes¹

Prof. Dr. Isaías Francisco de Carvalho – Orientador (UESC)
Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Fernandes – Coorientador (IFBA/UESC)

Apresentação

Em diversas narrativas de Chimamanda Ngozi Adichie, existem momentos de ruptura que funcionam como impulsores para atos de contraposicionamento, partindo de suas personagens em relação à imposição hegemônica quanto à atuação feminina nas sociedades representadas pela autora. Embora esses cenários conduzam as histórias para diferentes conclusões, os esforços da autora para representar histórias de emancipação feminina são expressivos, bem como o caminho para o autoagenciamento toma formas diferentes. A partir desse argumento, levanto as seguintes questões de pesquisa: como são descritas as trajetórias de autoagenciamento de seis personagens protagonistas femininas nigerianas em cenas narrativas dos romances/contos de Chimamanda Adichie? Qual o potencial emancipatório de tais cenas emblemáticas como motivadoras de contraposicionamentos às configurações socioculturais subjogadoras de mulheres negras no contexto pós-colonial contemporâneo?

Para responder aos questionamentos levantados, analisarei exemplos de autoagenciamento feminino das seguintes personagens de romances/contos adichieanos: Kambili, de *Hibisco roxo* ([2003] 2011), Olanna, de *Meio sol amarelo* ([2006] 2008), Ifemelu, de *Americanah* ([2013] 2014), Nkem, de “Réplica” ([2009] 2017), Akunna, de “No seu pescoço” ([2009] 2017), e Nwangba, de “A historiadora obstinada” ([2009] 2017).

Objetivos

Objetivo geral

Investigar as trajetórias de autoagenciamento e emancipação de seis personagens femininas nigerianas em romances/contos de Chimamanda Adichie, na perspectiva dos estudos culturais pós-coloniais.

¹ E-mail: lcthibes@uesc.br

Objetivos específicos

- * Destacar passagens exemplificadoras de autoagenciamento das protagonistas dos romances/contos adichianos selecionados;
- * Identificar os elementos impulsionadores das ações das personagens para um contrapositionamento à hegemonia cultural subjugadora de mulheres negras e outras alteridades, numa perspectiva feminista interseccional;
- * Discutir a forma como essas narrativas adichianas apresentam conclusões diversas, mas que, cada uma a seu modo, representam trajetórias emancipatórias femininas.

Justificativa

A proposição desta pesquisa está inserida no necessário diálogo e alinhamento com grupos minoritários – em especial com a mulher negra – no que concernem ao enfrentamento dos meios de alienação hegemônica e sobre de que forma essa perspectiva influencia no autorreconhecimento identitário e no autoagenciamento de pessoas pertencentes a mais de um estrato social vulnerável e violentado historicamente. A proposta tem sua relevância pela possível interface cultura-literatura-identidade-política, a partir das representações no *corpus* selecionado que ilustram a relação da mulher negra nigeriana – em sua maioria, diaspórica – com sua própria individualidade, além de sua relação com estereótipos fixados.

Também destaco as representações contemporâneas – tomando as narrativas adichianas aqui como emblemáticas – em sua condição de fonte de aprendizado e conhecimento de mundo, mais notadamente para as mulheres, negras ou não. Nesse sentido, Chimamanda Adichie vem realizando a divulgação de parte da cultura nigeriana por meio de suas obras e de suas palestras, abordando assuntos relevantes no contexto global, tais como (i) o crescimento em países submetidos a outras culturas, (ii) as questões migratórias, (iii) a agência das mulheres nas sociedades e (iv) sua jornada de autodescoberta, sendo os dois últimos tópicos centrais para o estudo proposto.

Por fim, saliento que este projeto intenciona dar continuidade à pesquisa desenvolvida em nível de mestrado, que analisou os impactos da imposição hegemônica das potências modernas nas vidas de personagens adichianas nigerianas com o objetivo de observar possíveis graus de discriminação e hostilidade que as protagonistas sofrem em relação à raça, à etnia e ao

gênero, nos contextos nigeriano e estadunidense (THIBES, 2018). Assim, a investigação das perspectivas emancipatórias de autoagenciamento assegura o prosseguimento dos estudos em torno das narrativas adichieanas, apontando para especificidades de suas obras.

Aparato teórico

O conceito de agência [agency] é fundamental para esta pesquisa, particularmente como teorizado por Homi Bhabha ([1994]2013) e Gayatri Spivak ([1988]2010), em seus diálogos críticos com a filosofia eurocentrada. No Brasil, foi traduzido para “agenciamento” (SPIVAK, 2010) e para “agência” (BHABHA, 2013). Privilegio, nesta proposta de trabalho, a opção por agenciamento, mesmo que agência tenha ocorrências, quando mencionado por outras/os autoras/es.

A possibilidade de agenciamento individual efetua-se quando o deslocamento do discurso colonial acontece:

É um incidente pulsional, o movimento instantâneo em que o processo de designação do sujeito – sua fixação – se abre lateralmente a ele, em um estranho *abseits*, um espaço suplementar de contingência. [...] o momento de individuação do sujeito emerge como um efeito do intersubjetivo – como o retorno do sujeito como agente. (BHABHA, 2013, p. 296).

Esse deslocamento do discurso colonial parte, por exemplo, da presença negra que atravessa e subverte o que o homem branco ocidental entende por pessoa, conclusão alcançada pelo teórico a partir da análise da teoria de Frantz Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas* ([1952]2008). No entanto, essa noção de deslocamento é empregada por Bhabha, para descrever tanto a mudança na percepção identitária do indivíduo negro quanto o “retorno” do sujeito, em um ato complexo de retomada de consciência – imperativo para o agenciamento, que, por sua vez, é considerado uma ação determinante e individual.

Ao direcionar a pesquisa para o texto pós-colonial, sendo as narrativas adichieanas parte desse conjunto literário, pode-se observar que o momento de deslocamento que leva ao agenciamento está intimamente ligado à noção de identidade percebida pelas personagens das histórias – e aqui reitero o recorte proposto que investiga a perspectiva das protagonistas femininas das tramas selecionadas. Bhabha afirma que, nas produções textuais pós-coloniais, “[...] o problema da identidade retorna como um questionamento persistente do enquadramento, do espaço da representação, onde a imagem [...] é confrontada por sua diferença, seu Outro.”

(BHABHA, 2013, p. 87). Assim, resolver esse “problema” da identidade seria equivalente a alcançar o *status* de indivíduo agente, pois só ao compreender-se como sujeito haveria possibilidade de ação.

A adoção do termo autoagenciamento, aqui delineado e utilizado como operador analítico das obras que compõem o corpus da pesquisa, se deu pela busca em compreender mais nitidamente a questão dos movimentos que levam a/o indivíduo a “agir”. Essa perspectiva foi principalmente indicada por Spivak (2010), que questiona a possibilidade de agenciamento – em *Pode o subalterno falar?* –, ao detalhar o ritual hindu *sati* (*suttee*, nas primeiras traduções britânicas), em que mulheres viúvas “optavam” por subir à pira funerária do marido morto em um ato de autoimolação. Ao investigar as nuances da exceção à regra hindu imposta aos casos de suicídio, a teórica questiona se a escolha de morrer junto ao marido como sacrifício à deusa Sati seria de fato um movimento de agenciamento feminino. Spivak ironiza a defesa do ato de imolação como pertencente ao livre-arbítrio da mulher que, viúva, escolhe morrer junto ao marido. Nos escritos norteadores do ritual, as mulheres que optavam por realizar o ritual eram descritas como detentoras de “coragem” e “força de caráter”, enquanto as que escolhiam dizer não à autoimolação eram punidas e relegadas à vida de concubinas ou esposas encarceradas (SPIVAK, 2010, p. 103).

Os textos hindus reforçavam, também, as recompensas transcendentais para o *sati* que incluíam a admiração de dançarinas divinas, enquanto a opção terrena seria a não possibilidade de libertação:

Mesmo enquanto opera a mais sutil liberação do agenciamento individual, o suicídio sancionado peculiar à mulher toma sua força ideológica ao identificar o agenciamento individual com o supraindividual: mate-se na pira funerária de seu marido agora e você poderá matar seu corpo feminino em todo o ciclo de nascimento. (SPIVAK, 2010, p. 143-144).

Ao considerar a intensa influência da sociedade na decisão da mulher de encerrar a própria vida, é difícil enxergar o agenciamento individual como algo que parte unicamente da vontade feminina. E mesmo em histórias de transgressão e resistência, como o caso da jovem Bhuvanewari Bhaduri que escolheu conscientemente esperar o fim da menstruação para enforcar-se, de forma que não ligassem seu suicídio a uma gravidez ilícita, seu ato de agenciamento passa despercebido, mascarado pela conclusão de que a jovem provavelmente

suicidou-se por amor. Vale ressaltar que Bhaduri era membro de um grupo envolvido na luta armada pela independência da Índia, fato que só foi descoberto quase dez anos depois.

Ambos os eventos investigados por Spivak são descritos como agenciamento feminino e ambos falham como possibilidade real de autonomia feminina. No caso do ritual *sati*, os parâmetros e recompensas da imolação foram estabelecidos por homens, que concederam a possibilidade (ou não) das viúvas tornarem-se agentes. Já no episódio do suicídio premeditado de Bhaduri, sua tentativa de conduzir a compreensão de seus motivos falhou, e sua voz foi silenciada por anos. Assim, torna-se difícil acreditar no intitulado agenciamento feminino, principalmente em contextos de subalternização. Bhaduri não foi ouvida em seu ato calculado que deveria isentá-la da crença de morte por amor romântico, assim como as viúvas hindu que optaram por não morrer junto ao seu marido não foram ouvidas.

De fato, Spivak caracteriza essas mulheres como “(não)agentes que ‘atuam’”. Portanto, a adição do prefixo “auto” ao conceito de agenciamento pressupõe uma agência de si para si, apontando para um cenário de real possibilidade de atuação, elevando as mulheres, aqui representadas pelas personagens de Adichie – e pela própria pessoa Chimamanda Adichie –, à posição de agentes de em seus próprios destinos.

Além dos teóricos já citados, serão empregadas teorias feministas interseccionais, amplamente discutidas por estudiosas contemporâneas como hooks (2019), Davis (2016) e Akotirene (2019), além de Lugones (2014), Portolés (2010) e Segato (2016), que falam de um feminismo atravessado por raça e classe, a partir dos contextos pós-colonial, decolonial ou mesmo o considerado pós-moderno, mas que ainda apresenta características resultantes do colonialismo.

Metodologia

A pesquisa tem caráter descritivo-bibliográfico, priorizando uma abordagem teórico-crítica do *corpus* literário proposto. Artigo perspectivas do campo da teoria literária e contribuições atuais da crítica cultural, mais especificamente no contexto dos estudos culturais pós-coloniais (CARVALHO, 2012; GUGELBERGER, 1994).

Pretendo voltar o olhar para seis narrativas de Chimamanda Ngozi Adichie – três romances e três contos – e suas personagens femininas de destaque. O *corpus* da pesquisa é composto pelos romances e contos listados acima, os quais foram selecionados devido ao

potencial de contribuição para a emancipação da mulher negra nigeriana nas representações das trajetórias de autoagenciamento de suas protagonistas.

Discussão

Como ilustração da caracterização da pesquisa feita acima, menciono um excerto do conto “Réplica” (2017), em que Nkem descobre estar sendo traída. Essa nigeriana, casada com um homem de negócios que se divide entre a família, que reside nos Estados Unidos, e o trabalho, na Nigéria, recebe a notícia ao telefone e, ao inquirir sobre a amante, estabelece uma trajetória rumo ao autoagenciamento a partir do ato de cortar os cabelos:

Ela pega a tesoura, aquela que usa para cortar as fitas de cabelo de Adanna em laços mais definidos, e leva até a cabeça. Agarra tufo de cabelo e corta rente ao couro cabeludo, deixando os fios do comprimento de uma unha, longos o suficiente apenas para formar pequenos cachos com um texturizador. Nkem vê o cabelo flutuando, como tufo de algodão marrom caindo na pia branca. Ela corta mais. Mechas de cabelo voam para baixo, como asas chamuscadas de mariposas. Ela enfia a tesoura mais fundo. (ADICHIE, 2017, p. 35-36).

Essa ação ocorre após a notícia da traição, quando Nkem ouve de sua amiga que a amante mantém cabelos curtos e texturizados. Para a protagonista, essa informação é ainda mais incômoda, pois esta tem cabelos longos e alisados devido a um pedido do próprio marido, que diz preferir assim. Além disso, um gesto aparentemente comum ganha nuances muito mais complexas quando refletimos sobre a relação histórica da mulher negra com seus cabelos, referenciada constantemente em narrativas adichieanas. O ato torna-se, assim, o primeiro de muitos, que se intensificam gradualmente em direção a um cenário de autoagenciamento feminino. Nesse sentido, para ampliação posterior da discussão aqui proposta, as contribuições de feministas interseccionais – tais como Hooks (2019), Davis (2016) e Akotirene (2019) – serão de grande relevância.

Em um casamento no qual Nkem nunca teve voz ativa, cortar os cabelos, a despeito dos desejos do marido, é seu primeiro passo rumo a um contrapositionamento em relação à sociedade da qual ela entende fazer parte. Uma sociedade que a impõe obediência ao homem com quem se casou. No contexto contemporâneo em que vive, apesar de haver pouca possibilidade real de autonomia feminina, a protagonista ocupa uma posição confortável financeiramente. Assim, na esfera privada, pode tornar-se agente na própria vida.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Hibisco roxo*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Meio sol amarelo*. Tradução Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *No seu pescoço*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- CARVALHO, Isaías Francisco de. *Omeros e Viva o povo brasileiro: outrização produtiva e identidades diaspóricas no Caribe Estendido*. 179 f. 2012. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GUGELBERGER, Georg M. Postcolonial Cultural Studies. In: *The Johns Hopkins Guide to Literary Theory & Criticism*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1994. p. 581-584.
- hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo decolonial. *Revista de Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013>. Acesso em: 08 jul. 2022.
- PORTOLÉS, Asunción Oliva. Debates sobre el género. In: AMORÓS, C. MIGUEL, A. (Eds.) *Teoría Feminista: de la ilustración a la globalización*. Madrid: Minerva Ediciones, 2005, 2010. p. 15-60.
- SEGATO, Rita Laura. La norma y el sexo. Frente estatal, patriarcado, desposesión, colonialidad. In: BIDASECA, Karina (Coord.). *Genealogías críticas de la colonialidad en América Latina, África, Oriente*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Ciudad Autónoma de Buenos Aires: IDAES, 2016. p. 31-64.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

THIBES, Luana Caetano. *As mulheres de Chimamanda*: representações de raça, etnia e gênero. 85 f. 2018. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2018.

Palavras-chave

Mulher negra. Literatura nigeriana. Chimamanda Adichie. Autoagenciamento. Alteridade.

Obra Poética de Sosígenes Costa: Outras Leituras

Reinan da Silva Braga¹

Profa. Dra. Paula Regina Siega – Orientadora (UESC)

Apresentação

Nesta pesquisa, estudaremos a produção poética de Sosígenes Costa, procurando nela sentidos que passaram despercebidos pela crítica, sobretudo nas edições comemorativas que se seguiram à celebração dos cem anos de seu nascimento, em 2001.

Para tanto, retomamos a recepção crítica de sua obra, a partir do trabalho de José Paulo Paes intitulado *Pavão, Parlenda, Paraíso; uma tentativa de descrição da poesia de Sosígenes Costa*, publicado em São Paulo, pela Cultrix, em 1977. Vale ressaltar que para a realização desse primeiro grande estudo sobre a obra sosigenesiana, segundo nos informa Heitor Brasileiro Filho (op. Cit, p. 33), José Paulo Paes “esteve em Ilhéus e Itabuna para examinar o acervo de documentos e livros do poeta doado pelo seu irmão Octavio Marinho da Costa”. Esse estudo pode ser concebido como uma espécie de iniciação do público leitor na, até então, desconhecida poética sosigenesiana. Logo no sumário deste livro o próprio autor antecipa um pouco a respeito da importância e singularidade da poesia de Sosígenes Costa no quadro da moderna poesia brasileira. Ao falar do poeta ele diz, “Estou certo de que algum dia a literatura brasileira há de ficar devendo a Sosígenes Costa um desses certificados de vitalidade que só um grande poeta esquecido, quando criticamente reabilitado, pode passar-lhe.” (PAES, 1977, p.11)

Objetivos

Objetivo geral

Interpretar a poesia de Sosígenes Costa atentando aos aspectos pouco evidenciados pela crítica, que a partir das edições comemorativas estabelece um paradigma de interpretação que ressalta os aspectos regionais ou de cultor da forma.

Objetivos específicos

* Identificar os personagens menores que comparecem em sua poesia (prostitutas, mulheres que abandonam o lar, soldados, ribeirinhos etc.) delineando o ponto de vista empático a eles.

¹ Mestre em Linguagens e Representações (UESC/2011) Graduado em Letras (UESC/2006). E-mail: rsbraga@Uesc.br

* Atentar para sua poesia erótica, evidenciando a presença do humor e também da temática homoerótica.

* Relacionar alguns de seus poemas ao contexto político brasileiro (Estado Novo) e internacional (2ª guerra).

* Interrogar a sua poesia a partir da ideia de resistência conforme aparece no ensaio “Lírica e Sociedade”, de Adorno, e “Poesia Resistência”, de Bosi.

Justificativa

A importância desta pesquisa encontra sua razão de ser por significar mais uma tentativa de trazer à pesquisa acadêmica a análise da obra de um dos mais importantes poetas brasileiros, precursor do modernismo baiano, o belmontense Sosígenes Marinho Costa, apesar do esquecimento de seus contemporâneos, conseguiu se firmar como um dos representantes modernos da poesia brasileira. O trabalho de pesquisa a ser realizado, assenta sua razão de ser devido se constituir em mais uma oportunidade de trazer ao público leitor um maior conhecimento da obra desse poeta baiano cuja obra continua desconhecida do grande público. Ademais, sua importância também se manifesta na intenção crítica de estabelecer novos parâmetros de leitura da obra de Sosígenes Costa, o que implica em ir além da observação dos aspectos formais e estilísticos de sua escrita poética, detendo-se mais nos aspectos políticos de sua expressão poética enquanto discurso político de resistência.

Aparato teórico

Alfredo Bosi em *O Ser e o Tempo da Poesia* (1977), no capítulo “Poesia Resistência” constata que existem várias formas de resistência. Ele destaca que a forma mais usual é a poesia que em seu discurso tece a crítica social, aquela que ataca o *status quo*, que satiriza. Bosi também pontua que há a poesia oriunda da carga subjetiva do poeta e que esta pode se opor involuntariamente à prosa ideológica, aquela em que forma e conteúdo contribuem para manter o *status quo*. Segundo Bosi (1977), o que transforma esse tipo de poesia em resistência é o uso estranho e diferenciado que o poeta faz da linguagem, e não que o poeta tenha decidido atacar determinada sociedade.

Nessa perspectiva de perceber a resistência poética além da forma satírica que se expressa através da crítica social, fazemos uso do texto de Theodor Adorno “Palestra sobre Lírica e Sociedade”, do livro *Notas de Literatura I* (ADORNO, 2003 pp. 65 a 89). Nesse texto, Adorno aborda sobre essa característica na poesia de alguns poetas surrealistas e simbolistas. Estes poetas eram acusados pelos marxistas ortodoxos de serem alienados uma vez que a poesia que produziam era muito subjetiva. Esse equívoco dos marxistas ortodoxos é pontuado por Adorno, ao afirmar que,

(...) a configuração lírica é sempre, também, a expressão subjetiva de um antagonismo social. Mas como o mundo objetivo, que produz a lírica, é um mundo em si mesmo antagonístico, o conceito de lírica não se esgota na expressão da subjetividade (ADORNO, 2003, p. 76)

Na modernidade, o individual se expressa no social à medida em que o poeta rompe com a funcionalidade da linguagem e passa a empregá-la como meio de ressignificação e criação do mundo social no qual habita. Ressignificando também a concepção do sujeito na medida em que tanto o social como o individual são constituídos na e pela linguagem, na contingência das relações sociais, é através dessas relações que ambos se formam. Como nos lembra Adorno (op. cit., p. 79), o sujeito poético “não se trata da pessoa privada do poeta, nem de sua psicologia, nem de sua chamada “posição social”, mas do próprio poema, tomado como relógio solar histórico-filosófico”. Ao tematizar sua poesia a partir da sua carga subjetiva o poeta se opõe ao uso funcional da linguagem, transformando sua poesia em resistência.

A assunção de uma hipótese que afirma ser a poesia de Sosígenes Costa uma poesia de resistência requer pensar a resistência nos moldes acima apresentados, de uma poesia que faz uso da linguagem de modo a desestabilizar o uso convencional dos signos linguísticos. Em um mundo em que a linguagem se torna cada vez mais funcional, usar signos linguísticos que potencializa a ressignificação das ideias e coisas é um ato de resistência poética e política.

Todavia, não basta inverter dos signos linguísticos para situar a poesia no campo da resistência. A interpretação social da lírica deve considerar a abordagem da forma e do funcionamento da linguagem (os espaços internos do poema), na medida em que o teor social (os espaços exteriores da sociedade) na poesia se apresenta de modo imanente. A linguagem poética dá forma aos processos sociais.

Daí que, na abordagem da lírica, os elementos sociais não devem ser aplicados de fora (sociedade) para dentro (poesia), sim, de dentro para fora. O movimento de leitura é: do interior da linguagem para o mundo. Conforme Adorno (2003, p. 66) “a referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela”.

É considerar que, na poesia o mundo é linguagem, e esta não deve ficar restrita ao uso funcional, pois ela é historicamente participante e crítica do mundo moderno. Adorno propõe, portanto, uma crítica da sociedade de consumo. Nesta perspectiva, a poesia se manifesta como um meio de crítica, de insubmissão e de contraideologia dessa sociedade.

A respeito do conceito de leitura adotado neste projeto, assumimos a proposição de Roger Chartier em seu livro *A História Cultural: entre práticas e representações* (2002), a saber, leitura como prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significação de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros: ela é uma “caça furtiva”, no dizer de Michel de Certeau. (op. cit., p. 123).

Portanto, neste projeto, adotamos “a noção de apropriação: porque permite pensar as diferenças na divisão, porque postula a invenção criadora no próprio cerne dos processos de recepção” (Chartier, 2002, p. 136). Ou seja, nos permite pensar a leitura como um processo aberto, uma prática na qual o texto impresso é apropriado pelo público leitor a partir de diferentes expectativas. É pensar a leitura em suas três vertentes: o leitor, o texto impresso e o suporte de sua divulgação.

Chartier (2002, p. 121) propõe uma metodologia de análise dos hábitos de leitura que, de um lado, não atribua ao texto em si o poder absoluto de determinar quais as formas e sentidos oriundas de sua leitura, ele dispensa a abordagem que concebe ao leitor a liberdade de atribuir sentidos ao texto sem considerar as práticas de leituras efetivadas em cada contexto social e tempo histórico. Ou seja, é considerar a leitura como um processo em que interagem liberdade (do leitor) e condicionamentos (dos editores, da época e lugar)

Portanto, para Chartier (*ibidem*, p. 122) importar pensar como o processo de transformação do escrito em texto impresso interfere nas formas e sentidos que os objetos impressos (livros, revistas, jornais, etc.) passam a ter a partir das práticas de leitura, é preciso considerar duas perspectivas: a dos leitores e a dos editores. A primeira enquanto expectativa, ou tentativa de controle da leitura, a segunda efetiva, na medida em que considera os modos de leituras postos em prática pelos leitores. (*ibidem*, p. 123)

Essa é uma importante percepção, por pensar o texto como uma ação do escritor (individual), e o impresso como um trabalho de equipe (coletivo), o que envolve o trabalho dos editores. Portanto, podemos supor que a intenção do autor nem sempre coaduna com a da equipe envolvida na transformação (adequação) do escrito em impresso. (*ibidem*, p. 127).

O que implica pensar a forma (ou suporte) não apenas em termos de sua materialidade, mas investigar como essas condições de publicação interferem nos sentidos atribuídos pelo leitor através da leitura dos textos impressos. Segundo Chartier (2003, p. 127), “é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dar a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao leitor”.

Chartier sugere que para pensarmos o processo através do qual os textos adquirem sentido, é preciso considerar as relações estabelecidas entre três polos: o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática de leitura que dele se apodera. Ou seja, a 'apropriação' do escrito não ocorre de modo unívoco, é preciso pensar o próprio texto, numa dada época e lugar.

pensar a prática de leitura como uma apropriação do texto é essencial, pois possibilita pensar as práticas de leituras, isto é, a sua apropriação e sentidos de modo sempre diferenciado, uma vez que as épocas e lugares são diferentes, os leitores também o são. Daí que, ler um texto impresso em folhas de papel, é diferente de ler esse mesmo texto em um suporte digital.

O que Chartier nos leva a pensar é que há diversas maneiras de apropriação do texto, assim como há diversos tipos de leituras: a cada época e lugar um tipo de leitura diferente. O que equivale a afirmar que os sentidos extraídos do texto lido depende do tipo de apropriação realizada, do tipo de leitor, da expectativa do leitor em reação ao impresso e sua efetiva vivência cultural. (Chartier, 2002, p. 131).

Metodologia

Para a efetivação desta pesquisa, por ser esta eminentemente bibliográfica, a investigação se dará através da análise dos textos poéticos de Sosígenes Costa, além de textos recorrentes aos conceitos de literatura de resistência enquanto elementos (per) formativos de estratégias narrativas.

As Atividades serão realizadas através das seguintes etapas:

1. Leitura das poesias selecionadas.
2. Pesquisa bibliográfica dos textos teóricos.

3. Seleção dos elementos textuais dos poemas.
4. Leitura dos textos teóricos.
5. Defesa da tese.

Discussão

Como resultado desta pesquisa, espera-se poder contribuir para uma maior percepção do *corpus* de pesquisa como obras literárias capazes de trazer novas interfaces sobre a obra poética de Sosígenes Costa. Ademais, por tratar-se de uma pesquisa em andamento, certamente que novas questões irão surgir até a sua conclusão. Por ora, a referida pesquisa encontra-se em estágio inicial e, portanto, apresenta resultados parciais como a produção de artigos e apresentações em eventos acadêmicos.

Referências

- ADORNO Theodor. “Palestra sobre Lírica e Sociedade”. In: Notas de Literatura I; tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003. (2003)
- BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da Poesia*. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.
- CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988, 244 p.
- FILHO, Heitor Brasileiro. *Sosígenes Costa: centenário, ilustre e desconhecido*. In: O triunfo de Sosígenes Costa: (estudos, depoimentos e antologia) / Seleção, organização e notas de Cyro de Mattos, Aleilton Fonseca. – Ilhéus, Ba: Editus/UEFS-Ed., 2004
- PAES, José Paulo. *Iararana ou o Modernismo Visto do Quintal: um roteiro de leitura*. In: In: Costa, Sosígenes. *Iararana*. Introdução, apuração de texto e glossário por José Paulo Paes; apresentação de Jorge Amado; ilustrações de Aldemir Martins. São Paulo, Cultrix, 1978.
- PAES, José Paulo. *Pavão, Parlenda, Paraíso*. São Paulo: 1ª Edição. Editora Cultrix, 1977.
- PÓLVORA, Hélio. *A crônica de Sosígenes Costa: Coleção de Gemas Refulgentes*. In: Ed. Bahia. Ano III, nº 7 Edição Especial do Centenário de Sosígenes Costa. novembro/2001 a fevereiro/ 2002.

Palavras-chave

Poesia. Sosígenes Costa. Literatura. Política.

Escrita encarnada: corpo-violência na narrativa feminina peruana contemporânea

Sonia María Chacaliaza Cruz¹

Prof. Dr. Isaias Francisco de Carvalho – Orientador (UESC)
Profa. Dra. Yolanda Westphalen Rodríguez – Co-orientadora (UNMSM)

Apresentação

A tese visa estudar a narrativa peruana feminina produzida na atualidade a partir do conceito de “corpo-violência” e sua aplicação metodológica e interpretativa. O corpus escolhido para a pesquisa está integrado pelos romances *La sangre de la aurora* (2013), de Claudia Salazar Jiménez, e *La sangre, el polvo, la nieve* (2010), de Karina Pacheco Medrano. Para tal propósito, apelamos à “escrita encarnada” como o eixo de leitura que permite definir e sistematizar algumas características relevantes dessa literatura. Por um lado, entendemos escrita encarnada como uma manifestação artística feita desde o corpo das autoras, visto que elas são afetadas por marcas sociais como gênero, raça, classe e esses aspectos são visíveis nas suas narrativas. Por outro lado, essa escrita também está presente na representação do corpo de personagens subalternizadas, majoritariamente mulheres, e das violências que sofrem. Assim, objetivamos reforçar a literatura feminina como produção que deve ser avaliada desde a sua singularidade enunciativa e, dessa forma, problematizar o conceito de Literatura (com L maiúsculo) entendido como discurso universal que apaga as marcas sociais de quem escreve. Também visamos discutir o papel da crítica literária hegemônica e patriarcal que, no uso do termo universalizante, relegou as escritoras e suas produções ao esquecimento durante a vida republicana do país ao classificá-las como “literatura menor”. A fundamentação teórica se baseia principalmente nos estudos culturais decoloniais, especialmente no feminismo latino-americano. Contudo, são utilizados alguns conceitos teóricos feministas desenvolvidos nas primeiras ondas e propostas de filósofos e pensadores pós-modernos.

¹ Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: smccruz@uesc.br

Objetivos

Objetivo geral

Delinear e estabelecer “corpo-violência” – como conceito e categoria analítica – e “escrita encarnada” – como eixo de leitura dos romances *La sangre de la aurora*, de Salazar Jiménez (2013), e *La sangre, el polvo, la nieve*, de Pacheco Medrano (2010) – para a caracterização de traços predominantes na narrativa peruana contemporânea escrita por mulheres, no campo dos estudos culturais decoloniais.

Objetivos específicos

- * Identificar e definir alguns aspectos importantes da narrativa peruana do início deste milênio escrita por mulheres, com vistas a compreender vertentes, temáticas e estratégias linguístico-narrativas aí operadas;
- * Determinar e aplicar a “escrita encarnada” como categoria explicativa dessa narrativa em dois níveis, o da enunciação e o do enunciado, abrangendo tanto os processos e agentes sociais que influenciam sua produção quanto os elementos discursivos incluídos na representação literária;
- * Fundamentar a importância da narrativa feminina atual estabelecendo os aportes que ela fornece ao desenvolvimento do panorama literário peruano e ampliando a divulgação dessa literatura no contexto latino-americano;
- * Enfatizar a construção e a consolidação teórico-metodológica do conceito de “corpo-violência” para a análise de personagens subalternizadas descritas nos romances selecionados, bem como em outras produções.

Justificativa

Nas últimas décadas, a literatura escrita por mulheres no Peru tem experimentado um crescimento acelerado. Porém, a fortuna crítica que estuda essas produções ainda é escassa se compararmos com a quantidade de obras produzidas. Por outro lado, ainda existe a percepção de que ao falar da literatura se devem omitir aspectos transversais como o gênero, a raça e a classe de quem escreve. Assim, a produção feminina como manifestação literária é pouco atendida por parte da crítica literária mais tradicional ou, se estudada, responde a análises sob teorias imanentistas que realçam a “autonomia” do texto literário. Devido a esses fatos, não há

estudos que definam as características dessa literatura ou expliquem os motivos do desenvolvimento prolífico de escritoras durante o presente século.

Também é necessário assinalar que das duas obras analisadas na pesquisa, *La sangre de la aurora* (SALAZAR JIMÉNEZ, 2013) é o romance sobre o qual tem se elaborado uma quantidade maior de artigos e dissertações. Entre os motivos de ter chamado à atenção da crítica estão a temática abordada e ter recebido um prêmio internacional em 2014. Por sua vez, *La sangre, el polvo y la nieve* (PACHECO MEDRANO, 2010) é um romance que capturou o interesse dos jornalistas e do público, mas até a elaboração desse projeto, não se encontrou registro de artigos, dissertações ou teses que centrem suas pesquisas nessa obra. Sobre a autora, Pacheco Medrano, tem se escrito pouco e o foco de interesse costuma ser o primeiro romance: *La voluntad del molle* e que, por sinal, se insere tematicamente – como *La sangre de la aurora* – na “literatura da violência”.

A situação de ambas as autoras dentro do campo literário é uma pequena, mas significativa, amostra do pouco interesse que a literatura escrita por mulheres contemporâneas incentiva na crítica literária. Quando se fala dessa literatura, existe a tendência de olhar para o passado, reivindicar autoras do século XIX ou da primeira metade do século XX, mas ainda existe uma dívida a respeito das autoras do século XXI. É nessa dívida que aponta este projeto a partir da elaboração de ferramentas conceituais e analíticas que permitam compreendê-la desde a sua singularidade.

Aparato teórico

Para a configuração da categoria corpo-violência, é necessário definir “corpo”, especialmente o feminino, e “violência”. Para isso, apoiarmo-nos em propostas de pensadores pós-estruturalistas, feministas das primeiras ondas, assim como nas teorias decoloniais e feministas latino-americanas. No caso das teorias pós-estruturalistas, considerarmos as propostas de Merlay-Ponty, Derrida, Foucault que definem o corpo desde a perspectiva da diferença. Na definição de violência aparecem quatro autores que conduzem as reflexões, Benjamin, Bourdeu, Foucault e Zizek. Também é importante assinalar os aportes da teoria feminista das primeiras ondas que trabalham o conceito “corpo”. Inicialmente, auxiliamo-nos nas propostas de Beauvoir, Cixous, Irigaray, Kristeva e Butler.

Esses conceitos teóricos permitem uma melhor compreensão das teorias que conformam a base principal da construção teórica: os estudos culturais decoloniais. Dessa forma, apontamos como principais aportes os desenvolvimentos teóricos de Anibal Quijano, Mignolo, Grosfoguel, Dussel, Walsh e das teóricas feministas latino-americanas que trabalham a relação entre o corpo e as marcas sociais. Assim revisamos Lugones, a primeira a introduzir a relação colonialidade e gênero, passando por perspectivas mais atuais como as propostas de Rita Segato, Gloria Anzaldúa, Yuderlys Espinoza Miñoso e Marta Lama. Assim, incorporamos também o papel da mulher “desobediente”, como define Segato, que com suas atitudes e sua literatura esquetejam os estereótipos femininos de herança colonial.

Por sua vez, a definição de “escrita encarnada” tem sua origem nas propostas da antropóloga brasileira Suely Messeder (2020), que define a figura da pesquisadora-encarnada como uma postura acadêmico-política para realizar as pesquisas. Ela deve considerar tanto as marcas sociais das sujeitas/os analisadas/os, quanto a relação que estabelecem com a pesquisadora, que também é afetada por fenômenos sociais. Dessa forma, a corporeidade e as marcas das/os sujeitas/os e da pesquisadora são consideradas na sua proposta de investigação antropológica. A partir do exposto por Messeder e no amparo das teorias feministas sobre a escrita feminina (WOLF, 2021; CIXOUS, 1995; CASTELLANOS, 2005; GUERRA, 2007), compreendemos que é um processo intelectual que não apaga o corporal dentro da expressão literária e crítica. Assim, a escrita encarnada insere-se como um aspecto fundamental do conceito corpo-violência.

Metodologia

A pesquisa é qualitativa, de caráter conceitual e interpretativo. Porém, ao se tratar de obras pouco estudadas por parte da crítica literária, essa investigação incorpora procedimentos metodológicos mistos. Em princípio, constitui-se como uma pesquisa bibliográfica, cujas fontes primárias de análise são *La sangre de la aurora* (SALAZAR JIMÉNEZ, 2013) e *La sangre, el polvo, la nieve* (PACHECO MEDRANO, 2010), mas que também se ampara na revisão de livros e artigos teóricos, críticos-interpretativos publicados em revistas especializadas e anais de eventos acadêmicos. Porém, ao ter pouca fortuna crítica, também é necessário realizar uma pesquisa documental, utilizando artigos e resenhas literárias realizadas em jornais, assim como em sites e blogs. Cabe destacar que esses registros são utilizados de forma referencial por

carecer de rigor acadêmico. Também se consultam vídeos de entrevistas às autoras e lançamentos de livros, disponíveis nas diversas plataformas digitais. Dessa forma, a pesquisa se desenvolve em quatro etapas.

A primeira consiste na revisão e fichamento da crítica literária e jornalística sobre as autoras, os romances analisados e a literatura peruana escrita por mulheres do presente milênio; porém, para uma maior compreensão desse panorama literário, também faz-se necessário incluir estudos sobre poetisas e narradoras das últimas duas décadas do século XX por serem antecedentes e influências imediatas para as escritoras atuais. Durante a segunda etapa se realiza a sistematização de textos teóricos que sustentam a elaboração do conceito “corpo-violência” e do eixo de leitura “escrita encarnada”, enfatizando aqui os aportes dos estudos culturais decoloniais e do feminismo latino-americano. Já a terceira etapa visa a análise de *La sangre de la aurora* (SALAZAR JIMÉNEZ, 2013) e *La sangre, el polvo, la nieve* (PACHECO MEDRANO, 2010) aplicando os conceitos teorizados na etapa prévia. Por último, na quarta etapa se pretende fundamentar a importância da narrativa feminina atual e os aportes que ela está fornecendo ao desenvolvimento literário peruano e problematizar categorias hegemônicas como Literatura e Cânone.

Discussão

Ao falar da narrativa peruana escrita por mulheres e da pesquisa aqui desenvolvida é importante se questionar sobre como está se desenvolvendo; de que forma a escrita encarnada, sustentada no conceito corpo-violência, representa literariamente a relação do corpo com a violência social e estrutural; e como pode ser caracterizado o local de enunciação das autoras estudadas. Na pesquisa pretendemos responder esses questionamentos indicando que está desenvolvendo-se sob uma forte influência do realismo, mas que enfatiza problemáticas não abordadas ou apresentadas eufemisticamente pelas narrativas canônicas. Destacamos a representação de subalternizadas/os e sua luta contínua pela sobrevivência em uma sociedade que as/os marginaliza, a dessacralização da família como núcleo social e formador de valores morais, a desmistificação da maternidade como “dom divino”, o questionamento da identidade sexual, o direito a falar do prazer do corpo feminino, entre outras temáticas. Essas narrativas também estabelecem diálogos com outros discursos, tais como o histórico, o antropológico e o

sociológico, os quais permitem reforçar o teor realista; não obstante, também possibilitam outros olhares sobre a história e a sociedade ao trazerem mulheres como protagonistas.

Dessa forma, nos romances analisados, a relação entre o corpo feminino e o entorno social está atravessada pela violência. Em *La sangre de la aurora* (SALAZAR JIMENEZ, 2013), propomos que o corpo das mulheres é representado como “campo de guerra”, que deve ser conquistado pelos terroristas ou reconquistado pelos militares, quem utilizam o estupro e a tortura para tal finalidade (CRUZ; CARVALHO, 2021). Ambos os mecanismos revelam, além da violência contra mulheres, uma metáfora do que representou o Conflito Armado Interno (CAI), no Peru, na década de 1980. Por sua vez, em *La sangre, el polvo, la nieve* (PACHECO MEDRANO, 2010), a protagonista se rebela contra as leis da sociedade patriarcal na primeira metade do século XX. O corpo feminino é apresentado como “vítima” da violência familiar e social, mas também como “resistência”, já que a mulher impede a reprodução e descendência de homens cruéis, assim como evita replicar práticas violentas contra sujeitas/os subalternizadas/os.

Por último, o local de enunciação das/dos narradoras/es e das autoras também apresentam características comuns nos dois romances. Em princípio, postulamos que as/os narradoras/es demonstram que existe uma impossibilidade da linguagem em retratar o horror da violência na sua completude. Essa incapacidade é representada utilizando técnicas narrativas, tais como a fragmentação e a elipse, e a partir da narração do trauma decorrente de situações violentas. Por sua vez, o local de enunciação das autoras permite estabelecer vínculos com outros discursos além dos literários. No romance de Salazar Jiménez se evidencia um diálogo com o relatório da Comisión de la Verdad y Reconciliación (CVR) que consigna testemunhos de mulheres violentadas durante o CAI. No caso de Karina Pacheco Medrano, sua profissão de antropóloga influencia na produção de uma narrativa realista fortemente vinculada com a história. O romance não replica a história oficial, mas a recria, estabelecendo vínculos com os sucessos locais de uma cidade periférica como Cusco. Além disso, essas duas narrativas também se relacionam com a história individual de mulheres que sofrem as violências intra e extrafamiliares na sociedade peruana do início do século XX.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. *Borderline / La frontera*. The new mestiza. San Francisco: Aunt Lute, 1987.

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENJAMIN, Walter. Para una crítica de la violencia. In: BENJAMIN, Walter. *Para una crítica de la violencia y otros ensayos*. Madrid, Taurus. 1999. p. 23-45.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan*. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- CÁRDENAS, Mónica. Ruptura del cuerpo y ruptura del lenguaje en la novela de la memoria histórica en el Perú. Estudio comparativo de *Adiós Ayacucho* de Julio Ortega y *La sangre de la aurora* de Claudia Salazar. *Revista del Instituto Riva-Agüero*, Lima, v. 1, n. 2, p. 11-46, 2016.
- CASTELLANOS, Rosario. *Sobre cultura femenina*. México DF: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- CIXOUS, Hélène. *La risa de la medusa*. Barcelona: Anthropos, 1995.
- CRUZ, Sonia Chacaliaza; CARVALHO, Isaías Francisco de. Representações de estupro e tortura contra mulheres em *La sangre de la aurora*. *Scripta Uniandrade*, v. 19, n. 3, p. 208-228, 2021.
- DIAZ, Carmen. *Narrativas alternativas de la violencia. Análisis de las novelas Rosa Cuchillo y La sangre de la Aurora*. 2019. 107 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Facultad de Letras y Ciencias Humanas, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 20 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.
- GUERRA, Lucia. *Mujer y escritura: Fundamentos teóricos de la crítica feminista*. México DF: Universidad Autónoma de México, 2007.
- IRIGARAY, Luce. *Espéculo de la otra mujer*. Madrid: Akal, 2007.
- KRISTEVA, Julia. *Historias de amor*. México D.F.: Siglo XXI, 1987.
- LAMAS, Marta. *Cuerpo: Diferencia sexual y género*. México D.F.: Taurus, 2002.
- LOSSIO, John. *Más allá de las víctimas: la representación de la violencia en La sangre de la aurora de Claudia Salazar Jiménez*. 2018. Dissertação (Mestrado em Literatura Hispanoamericana) – Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, 2018.
- LUGONES, Maria. Colonialidad y género: hacia un feminismo descolonial. In: MIGNOLO, Walter (Org.). *Género y decolonialidad*. Buenos Aires: Del Signo, 2008. p. 13-54.
- MERLAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia de la percepción*. Barcelona: Planeta, 1993.

- MESSEDER, Suely. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. In: BUARQUE, Heloísa (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2000. p. 180-198.
- MOLINA, Mario. Género y memoria en *La sangre de la aurora* de Claudia Salazar Jiménez. *Revista Letral*. Lima, n. 22, p. 90-109, 2019.
- PACHECO MEDRANO, Karina. *La sangre, el polvo, la nieve*. Lima: San Marcos, 2010.
- SALAZAR JIMÉNEZ, Claudia. *La sangre de la aurora*. Lima: Animal de invierno, 2013.
- SEGATO, Rita. *La escritura en el cuerpo de las mujeres asesinadas en Ciudad de Juárez: Territorio, soberanía y crímenes de segundo estado*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2013.
- SEGATO, Rita. *Las estructuras elementales de la violencia*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.
- SEGATO, Rita. Las nuevas formas de guerra y el cuerpo de las mujeres. *Sociedad y estado*. v. 29, n. 2, p. 341-371, 2014.
- WESTPHALEN, Yolanda. El horror de la memoria y las modernidades *borderline*. *América sin Nombre*, San Vicente del Raspeig, n. 22, p. 37-47, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14198/AMESN.2017.221.03>. Acesso em: 13 dez. 2019.
- WOLF, Virginia. *Una habitación propia*. Barcelona: Planeta, 2021.
- ZIZEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. São Paulo: Boitempo, 2014.

Palavras-chave

Escritoras. Peru. Decolonialidade. Corpo-violência. Contemporaneidade.

A obra de Itamar Vieira Júnior: uma poética dos excluídos

Zidelmar Alves Santos¹

Inara de Oliveira Rodrigues – Orientadora (UESC)

Apresentação

O romance *Torto Arado*, do escritor baiano Itamar Vieira Júnior (2019), tem se destacado como um dos principais fenômenos editoriais da literatura brasileira e afro-brasileira contemporâneas. Vencedora de prêmios importantes, como o Leya (Portugal) e o Jabuti (Brasil), a referida obra já foi publicada em vários países, como México, Colômbia e Portugal.

Muito do sucesso do romance de Vieira Júnior se dá pela competente imersão feita pelo autor no denominado Brasil profundo: o interior do país, marcado pela desigualdade social no espaço rural e pelas lutas pelo direito, ocupação e uso da terra. Sabe-se que Vieira Júnior (2017b), geógrafo de formação, fez doutorado em Estudos Étnicos e Africanos na Universidade Federal da Bahia – UFBA e que sua tese se relaciona ao seu trabalho no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA. Isso indica um outro aspecto de sua obra: a aproximação entre seu fazer acadêmico e sua escrita literária. É possível perceber, em *Torto Arado*, semelhanças entre as histórias-trajetórias das pessoas entrevistadas nos processos de demarcação de terras quilombolas e as personagens da narrativa do seu aclamado romance.

Sua tese de doutorado, intitulada *Trabalhar é tá na luta: vida, morada e movimento entre o povo da Iuna, Chapada Diamantina*, analisa os modos de ser, viver e resistência de um povo em busca de reconhecimento enquanto comunidade quilombola. Defendida em 2017, parece ter sido a base principal para a composição do romance *Torto arado*: a semelhança entre lugares e personagens dá a entender que o trabalho acadêmico foi transposto para o plano ficcional. É dessa forma que Vieira Júnior compõe uma espécie de poética dos excluídos: com forte apelo nos problemas sociais da realidade brasileira, o escritor dá protagonismo a pessoas marginalizadas dos processos de decisão no Brasil, homens e mulheres negras, professores, trabalhadores rurais, dentre outras. Nos seus contos, também se destacam a luta de ciganos, carrascos, indígenas, parteiras, empregadas domésticas, escravizados, etc.

¹ Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: zid175@hotmail.com

Assim, a obra de Vieira Júnior tem como uma das suas principais características a representação de populações que foram esquecidas ou deixadas à margem dos cânones literário e historiográfico brasileiro ao longo dos anos. Esta forte relação entre situações reais de exclusão e a ficção, também é perceptível nas coletâneas de contos *A Oração do Carrasco* (VIEIRA JÚNIOR, 2017a) e *Doramar ou a Odisséia* (VIEIRA JÚNIOR, 2021) nas quais também há o protagonismo de diversas personagens excluídas da história e da literatura. Considerando o que foi exposto, pretende-se aqui investigar os elementos composicionais de uma poética dos excluídos na obra do referido escritor.

Objetivos

Objetivo geral

Discutir os conceitos de literatura afro-brasileira e negro-brasileira, situando a obra de Itamar Vieira Júnior em uma das duas vertentes;

Objetivos específicos

- * aprofundar os estudos sobre a interface entre estudos literários e estudos étnicos;
- * Investigar a relação entre o texto acadêmico e ficção na obra de Itamar Vieira Júnior.
- * Reconhecer, na abordagem dos temas e linguagem que caracterizam a ficção de Itamar Vieira Júnior, a construção de uma poética dos excluídos.

Justificativa

A obra literária de Itamar Vieira Júnior² merece ser alvo de discussões e estudos na academia, principalmente porque traz para o centro da literatura brasileira personagens que são excluídas da história e dos textos literários em geral. As obras demonstram estratégias de sobrevivência e relações sociais de pessoas que têm suas possibilidades de ascensão social muito limitadas, principalmente por causa do racismo, o que evidencia a perseguição às populações afro-brasileiras.

² A obra de Itamar Vieira Júnior também conta com *Dias* (Caramurê, 2012), primeira coletânea de contos do escritor, atualmente fora de catálogo.

Aparato teórico

Com um forte apoio da história, a obra de Itamar Vieira Júnior desnuda diversas situações de exclusão, onde a questão étnico-racial se destaca, principalmente em sua obra de maior sucesso: o romance *Torto arado*. Entretanto, essa obra não pode ser considerada propriamente um romance histórico. Segundo Lopes e Fleck (2017, p. 93), o que define o romance histórico “é seu intuito de reconstruir épocas, espaços, personagens e acontecimentos passados, cuja realidade empírica possa ser comprovada por meio de documentos oficiais de uma dada comunidade”.

Em *Torto arado*, Vieira Júnior conta as trajetórias e histórias de moradores de uma comunidade quilombola da Chapada Diamantina, Bahia. Nessa obra, o escritor ressalta a questão da luta pela sobrevivência e pela moradia, as práticas religiosas afro-brasileiras e os usos da terra em um romance que indica novas possibilidades para interpretação do histórico na literatura. Essa literatura possui um forte papel reivindicatório, ligado às dificuldades das populações afro-brasileiras em sua busca por justiça social, denunciando, dentre outras coisas, a falta de representatividade das populações marcadas pela diáspora negra na “história oficial” do Brasil.

Para diferenciar a produção literária dos negros e afrodescendentes no Brasil, alguns teóricos pensaram em conceitos para abrigar essa produção. Segundo Duarte (2008), a literatura afro-brasileira afirma-se através da conjunção de elementos que lhe são próprios: a autoria, a temática, o ponto de vista, a linguagem e o público. Não se trata apenas de uma produção escrita por afrodescendentes. A junção desses pontos de convergência, ao mesmo tempo em que “constitui uma vertente da literatura brasileira, chega para abalar a inteireza do todo, da unicidade antes existente” (DUARTE, 2013, p. 149).

Entretanto, um dos principais problemas com que se depara o pesquisador da literatura afro-brasileira diz respeito à polêmica conceitual com a denominada literatura negra. Essa discussão divide a crítica literária em campos distintos, já que separa aqueles que possuem um posicionamento conciliador de outros pensadores que consideram uma postura mais radical como fundamento para a composição do texto negro/afro-brasileiro.

Em “Por um conceito de literatura afro-brasileira”, Duarte (2014) analisa várias proposições acerca da aceção de literatura negra, elucidando as divergências entre as diversas perspectivas teóricas sobre o tema. Se por um lado, os autores vinculados aos *Cadernos Negros*,

como Cuti, possuíam um viés de militância, que compreende a literatura negra pelo pertencimento étnico e pela discussão dos problemas enfrentados pela raça negra, por outro, alguns escritores, como Muniz Sodré e Joel Rufino dos Santos, pertencem a uma linha “menos empenhada em termos de militância” (DUARTE, 2014, p. 261).

Proença Filho contribui com uma visão conciliadora, que abarca tanto o pertencimento étnico quanto o viés temático. Segundo o pesquisador (PROENÇA FILHO, 2004, p. 185), “em sentido restrito, considera-se *negra* uma literatura feita por negros ou por descendentes assumidos de negros. *Lato sensu*, será *negra* a arte literária feita por quem quer que seja, desde que centrada em dimensões peculiares aos negros ou aos descendentes de negros.

A presença do negro na literatura brasileira seria marcada por dois posicionamentos distintos: “*a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada*” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 161, grifos do autor). Isso ratificaria a existência de uma literatura sobre o negro e de uma literatura do negro. O crítico, assim, esquiva-se de uma postura engajada ao preferir um posicionamento que propõe como caminho uma integração harmoniosa entre múltiplas identidades na literatura brasileira. Esse posicionamento parece desconsiderar a existência de um cânone literário e demais mecanismos de poder que excluíram as populações subalternizadas dos estudos da arte literária no Brasil.

Roberto Reis (1992, p. 70), ao discorrer sobre o cânone, ressalta que esse conceito não pode ser desassociado da questão do poder, pois “os que selecionam (e excluem) estão investidos da autoridade para fazê-lo e o farão de acordo com os seus interesses (isto é: de sua classe, de sua cultura, etc.)”. Dessa maneira, os escritores negros, ao se articularem em espaços para divulgação de suas obras, não estão se isolando da produção considerada nacional, como entende Proença Filho. Estão, sim, buscando um espaço para reivindicação das demandas de pessoas que foram silenciadas e excluídas ao longo de séculos.

A escrita, dessa maneira, com seu caráter reivindicatório e denunciador das condições de vida das populações subalternizadas, constitui uma ferramenta de resistência para essas pessoas. Conceição Evaristo (2009, p. 18) ressalta que “coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência”. Uma literatura que se afasta dos valores canônicos seria uma dessas formas, já que vai de encontro à escrita “veiculada pelas classes detentoras do poder político-econômico” (EVARISTO, 2009, p. 18).

Para a escritora, os processos de escrita são contaminados pela subjetividade ou vivência dos autores. Dessa forma, utiliza o termo “escrevivência” para caracterizar a sua escrita enquanto mulher negra. Assim, Evaristo (2017) revela que sua intenção, enquanto mulher negra que escreve a partir de suas vivências, é “acordar os da Casa Grande, incomodá-los em seus sonos injustos”. A literatura afro-brasileira, nessa perspectiva, assume um papel que reivindica espaço não apenas para a escrita afrodescendente, mas para o texto de autoria da mulher negra, com ela se representando.

Esse posicionamento demonstra que Evaristo é uma escritora engajada e dedicada à reflexão sobre a produção literária dos afrodescendentes, já que ela transita entre vários gêneros literários, além de ter experiência acadêmica. Isso permite que ela, assim como outros autores, por exemplo, Nei Lopes, além de escreverem obras literárias, reflitam sobre suas áreas de atuação, o que os diferem de pesquisadores que ficam restritos à crítica literária ou à literatura propriamente dita.

O escritor e pesquisador Luiz Silva, mais conhecido como Cuti, opta pelo termo “negro-brasileira(o)”. Para o pesquisador, “‘Afro-brasileiro’ e ‘afrodescendente’ são expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana (CUTI, 2010, p. 35-36). Sobre os autores, Cuti (2010, p. 38) ressalta que o prefixo “afro” abarca a produção de mestiços e brancos, o que acaba diferenciando da produção destes pelo viés do racismo/preconceito vivido por aqueles com pele mais escura.

À princípio, a utilização do termo “afro-brasileiro” como categoria de análise parece mais adequada, pois, “remete ao processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos.” (DUARTE, 2014, p. 264). Entretanto, a denominação “negro-brasileira” também tem sido muito utilizada pelos pesquisadores do tema. O trabalho de Vieira Júnior pode ser encaixado nas duas vertentes. Daí a necessidade de aprofundar a análise conceitual e optar por uma delas.

Diante disso, compreende-se que a obra de Itamar Vieira Júnior merece ser estudada, principalmente por salientar questões acerca da identidade e cultura de populações negras e outras minorias do Brasil, deixando transparecer as experiências de vida, resgatando a memória e as relações sociais de pessoas que estiveram por muito tempo excluídas dos livros didáticos e manuais de literatura.

Metodologia

O desenvolvimento deste projeto acontecerá por meio de pesquisa essencialmente bibliográfica, com metodologia descritiva e analítica, cujas fontes estão disponíveis ao aceno do pesquisador.

Discussão

Espera-se chegar ao delineamento, na obra de Itamar Vieira Jr., de uma poética dos excluídos a partir de suas relações com as realidades de exceção na sociedade brasileira (comunidades quilombolas, escravidão, imigrantes, empregadas domésticas, professores da educação básica, indígenas, parteiras, homens e mulheres negras, religiões de matriz africana, etc.), afirmando-se que o trabalho do escritor em estudo tem contribuído para o debate acerca dos muitos problemas sociais do Brasil.

Referências

- CUTI [Luís Silva]. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010. (coleção consciência em debate).
- DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 31, p. 11-23, 2008.
- DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. *Navegações*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 146-153, 2013.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Rassegna Iberistica*, v. 37, n. 102, p. 259-279, 2014.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. In: *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.
- EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: 'minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra'. *Nexo Jornal*. São Paulo, 26 maio 2017. Entrevista concedida a Juliana Domingos de Lima. Disponível em: <encurtador.com.br/wDFIO>. Acesso em: 25 jun. 2018.
- LOPES, Rodrigo Smaha. FLECK, Gilmei Francisco. Romance histórico: outra via de inteligibilidade sobre o passado. *Diálogo e Intereção*, Cornélio Procópio, vol. 11, n. 1, p. 91-102, 2017.
- PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004.

REIS, Roberto. Cãnon. In: JOBIM, José Luis. (Org.) *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 65-92. (Coleção Pierre Menard).

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *A oração do carrasco*. Itabuna: Mondrongo, 2017a.

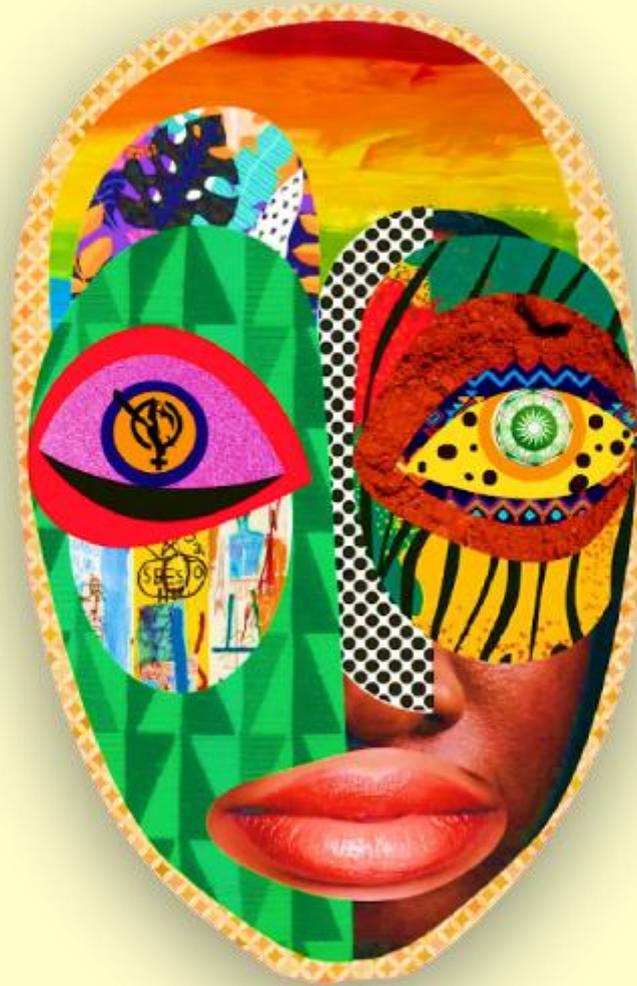
VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Trabalhar é tá na luta: vida, morada e movimento entre o povo da Iuna, Chapada Diamantina*. 2017. 300 f. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017b.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Doramar ou a odisseia: histórias*. São Paulo: Todavia, 2021.

Palavras-chave

Literatura afro-brasileira. Literatura negro-brasileira. Poética dos excluídos.



LINHA B
LINGUÍSTICA APLICADA

Processo de escrita acadêmica: uma abordagem sistêmica a partir de práticas reflexivas de estudantes de doutorado

Eliuse Sousa Silva ¹

Prof. Dr. Rodrigo Camargo Aragão – Orientador (UESC)

Apresentação

Este Projeto de Doutorado tematiza a investigação de processo de escrita acadêmica, com recorte à tese, a partir de práticas reflexivas de estudantes de doutorado, com vistas a uma abordagem sistêmica. Assim, através de Pesquisa Narrativa, considerarei conversações reflexivas (ARAGÃO, 2019) desenvolvidas por tais estudantes, acerca de seus processos e das variáveis envolvidas e como essas pessoas têm se sentido e se transformado ao longo da escritura da tese e em decorrência dela.

Como forma de contextualizar o nascimento dessa proposta, trago observações pontuais oriundas de minha vivência como docente universitária. Como regente, por mais de uma década, da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na graduação de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), venho observando como estudantes lidam com o contexto de pesquisa e de escrita do TCC. Se por um lado a maioria manifesta grande desconforto, por outro, uma minoria expressa desenvoltura e bem-estar.

Ao longo desse período, pude verificar ainda que esse cenário não se restringe ao nível de graduação, pois o contato com recém mestra/es e recém doutora/es revelou que grande parte dela/es também chegou ao final de seus respectivos cursos bastante esgotada física, mental e emocionalmente. Apenas pouca/os colegas expressaram que o doutorado havia sido mais tranquilo que o mestrado, em vista de já estarem mais madura/os para a pesquisa.

Ante esse contexto, surgiu o interesse em compreender a dinâmica de escritura acadêmica a partir de quem está imersa/o no processo, através da reflexão que faz desse seu movimento. Para essa compreensão, busco uma perspectiva sistêmica, por identificar que há não só questões particulares e singulares, mas também questões de uma coletividade

¹ E-mail: eliusesilva@uesc.br

institucional e socioestrutural, ou seja, há muitas variáveis entrelaçadas, que tornam essa temática complexa.

Para tal, amparo-me em estudos de Aragão (2007; 2019), Martins (2017), Souza (2017) e Silva, 2020 – apenas para citar alguns –, do Grupo de Pesquisa FORTE (Formação, Tecnologias e Emoções), que vem desenvolvendo estudos relativos ao entrelaçamento emoções, cognição e ação no contexto de ensino/aprendizagem de línguas; esse GP, por sua vez, ampara-se na Biologia do Conhecer, postulada por Humberto Maturana (1997; 2009; MATURANA; VARELA, 2001).

Assim, seguindo esse caminho sistêmico que interrelaciona ensino/formação e emoções, trago por recorte o espaço acadêmico em seu nível de doutoramento, especificamente a escritura de tese, procurando responder:

- i. Como, segundo relatos de estudantes de doutorado, configuram-se seus processos de escrita de tese, isto é, como ocorre a interrelação entre suas experiências de redação e os elementos que participam dessas danças sistêmicas?
- ii. Consoante narrativas de doutoranda/os, como a rede de conversações incide sobre o processo particular de escritura de tese?
- iii. Como o agir (o escrever), o emocionar e o se transformar se entrelaçam à medida que doutoranda/os refletem, no domínio da linguagem, acerca de seus processos de escrita de tese?
- iv. Como o fluxo reflexivo de estudantes de doutorado, promovido por esta investigação, pode contribuir para a formulação de estratégias de enfrentamento ao mal-estar vivenciado durante e em decorrência da escritura de tese?

Objetivos

Objetivo geral

Investigar o fenômeno de escritura acadêmica, focalizadamente a escritura de tese, em uma perspectiva sistêmica, a partir da compreensão de quem o vivência, qual seja, estudantes de doutorado.

Objetivos específicos

- Analisar as configurações de escrituras de tese, isto é, as interrelações entre os componentes que participam dessas danças sistêmicas, à luz de construções narrativas de estudantes de doutorado;
- Explicitar, com amparo nos relatos de participantes da pesquisa, como os processos de escritura de tese se relacionam com o meio e a rede de conversações as quais essa/es participantes integram;
- Discutir os entrecruzamentos entre o escrever tese, o fluxo do emocionar e as transformações vivenciadas por estudantes de doutorado, ao longo do percurso de reflexões narrativas que fazem sobre a própria experiência do redigir seu trabalho final;
- Desenvolver estratégias de enfrentamento ao desconforto vivenciado – por alguns – durante e em decorrência do doutoramento e da escritura de tese, a partir do fluxo reflexivo de participantes da pesquisa.

Justificativa

A escritura em nível de doutoramento ainda não foi tomada como objeto de estudo em uma abordagem sistêmica conforme proposta neste projeto, como se constata em varredura feita em plataformas de pesquisa acadêmica (cf. Google Acadêmico e Scielo). Assim, considerando esse contexto lacunar de uma literatura nacional que discuta de forma abrangente o tema, esta pesquisa mostra-se substancialmente relevante.

Além disso, a efetivação desta investigação se justifica por fortalecer o Grupo de Pesquisa ao qual se vincula, o GP-FORTE (Formação, Tecnologias e Emoções), que vem desenvolvendo pesquisas acerca do imbricamento emoção, cognição e ensino/aprendizagem de línguas (LEMOS, 2017; MARTINS, 2017; SOUZA, 2017; SILVA, 2020). Fortalece simultaneamente a linha de pesquisa na qual se insere neste programa de pós-graduação, Linha B - Linguística Aplicada.

Aparato teórico

Como dito, este Projeto de Doutorado se respalda em estudos acerca da relação entre emoções, cognição e ação no contexto do ensino/aprendizagem de línguas (ARAGÃO, 2007;

2019; LEMOS, 2017; MARTINS, 2017; SOUZA, 2017; SILVA, 2020), que, por sua vez, fundamentam-se na Biologia do Conhecer – BC (MATURANA, 1997; 2009; MATURANA; VARELA, 2001).

Trilho o caminho dessa episteme sistêmica, porque me permite fundamentar *como funcionamos como seres humanos e qual a base de nosso agir, considerando o escrever (tese) como um agir em um domínio específico*.

Consoante Maturana, nossa existência como seres vivos se dá na concomitância e interinfluência de dois domínios, o fisiológico (biológico) e o comportamental (das interações). Sustentando a noção de *autopoiese*, a BC entende que todo ser vivo é um sistema operacionalmente fechado, que gera a si mesmo; o meio pode influenciar, perturbar, esse sistema, mas não determiná-lo, porque o que o determina é sua fisiologia. Nesse enquadre, os comportamentos são distinções feitas, por um observador, de mudanças de estado de um ser vivo diante das perturbações do meio ou oriundas de dinâmicas internas.

Conforme a interpretação do observador, há comportamentos ditos comunicativos que seriam coordenações de um ser com outro ser, num jogo interativo. Coordenar significa colocar seres em influência mútua, em operação de acordo recíproco na linguagem. Esse ato de estar na linguagem seria o *linguajar* e consistiria em um fluir de interações recorrentes e consensuais. Havendo mudança na fisiologia do ser vivo, seu modo de estar em relação com outros também se altera, alterando-se, por conseguinte, seu linguajar. Se esse altera-se, há mudança no espaço do linguajeio no qual o ser vivo está e nas interações da qual participa.

Nosso linguajar, então, desenvolve-se no viver congruente com o linguajar daqueles que nos cercam, humanos ou não. Também assim o que Maturana (2009) denomina *emocionar*, que surge nos espaços de convivência nos quais crescemos e nos inserimos, como um aspecto dessa convivência dentro e fora da linguagem. As emoções, assim, constituem o espaço onde efetivamente nos movemos, modulando nossas ações, determinando aquelas possíveis; o que denota que cada emoção especifica certos comportamentos e não outros. Logo, as emoções são o fundamento das ações, quaisquer que sejam essas.

Quando as pessoas passam de um domínio de ação a outro, os cursos de seu linguajar e de seu raciocinar simultaneamente se modificam, por haver um imbricamento dinâmico entre o linguajar e o fluxo do emocionar (trânsito de emoções). Esse entrelaçamento

linguagem/emoções Maturana designa *conversar* e “*conversação* o fluir, no conversar, em uma rede particular de linguajar e emocionar” (MATURANA, 1997, p. 172).

Amparado nessa compreensão, Aragão (2019), num estudo de emoções de professores em contextos de crises, defende que a *reflexão* tem grande relevância para o conversar, por possibilitar gerar responsabilização sobre os próprios querer e suas interferências no agir, quando, pela reflexão, se tem consciência do querer ou não as consequências das ações praticadas.

Nessa linha, pesquisas como as de Lemos (2017), Martins (2017), Souza (2017) e Silva (2020) robustecem a importância de se promover conversações reflexivas para provocar, nas pessoas envolvidas, transformações libertadoras e a consciência das responsabilidades sobre as consequências do emocionar em suas relações linguageiras. Também assim, proponho, no desenvolvimento deste projeto, a (auto)reflexão sobre a formação do(a) pesquisador(a) e seu agir na/para escritura de tese, uma reflexão que atente às conversações em âmbitos acadêmico, social, familiar etc., nos quais a/os participantes e esta investigadora estejamos inserida/os.

Metodologia

Esta investigação é de caráter qualitativo (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2015), tendo por princípio de delineamento a Pesquisa Narrativa (PN), conforme desenvolvida em estudos no âmbito da Linguística Aplicada (TELLES, 1999; BARCELOS, 2006; PAIVA, 2008; ARAGÃO, 2007; 2008; MELLO, 2020).

Em uma adaptação de Telles (1999) acerca de professores, destaco que a PN se volta aos significados que pesquisadora/es em formação elaboram, ao narrar, sobre suas vivências, sobre suas relações com o meio e sobre como esses sentidos influenciam o lidar com o escrever. Essa é, pois, uma abordagem em que método e fenômeno se fundem (CLANDININ; CONNELLY, 2000) e que permite uma compreensão sistêmica do fenômeno estudado.

Assim, para tal compreensão, interpretarei conversas/narrativas (no sentido sustentado por Maturana (1997) e Aragão (2019)) de estudantes de doutorado. A proposta é não só provocar reflexões e diferentes formas de narrativas – entendidas como “relatos de experiências pessoais” (PAIVA, 2008, [s.p.]) –, como também que o processo investigativo funcione como uma rede de apoio mútuo entre doutoranda/os, incluindo esta investigadora, para nossos processos de

escrita, sustentando espaços seguros de partilhas e escutas. Por pesquisar pessoas, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UESC.

Comporão o grupo de participantes, nove doutoranda/os de programas de pós-graduação da UESC que não estejam cursando disciplinas, que estejam dedicada/os às suas pesquisas e que aceitem o convite de participar voluntariamente de todos os procedimentos de geração de documentos, assinando, pois, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O quantitativo de nove se respalda em Aragão (2007) e visa que o estudo seja expressivo, porém exequível em sua análise.

Os procedimentos de geração de documentos, realizados em um período médio de quatro meses, serão: *Conversas de Interação*; *Círculos de Diálogos*; *Seleções de Meme* que expressem sentimentos relativos à escritura da tese; *Elaboração de Narrativas Autobiográficas Visual e Verbal*; *Entrevistas Semiestruturadas*; formação de *Grupo de Apoio Mútuo* durante todo o período de pesquisa, constituído na Plataforma Whatsapp; e *Notas de Campo*. As narrativas orais serão gravadas, conforme autorização prevista no TCLE.

Para análise dos documentos, através de triangulação, será aplicado o método de Análise de Conteúdo, com perspectiva semântico-semiótica, tomando por unidade o eixo temático. Serão três etapas: a) preparação do material – transcrição das gravações e ordenação relativa a cada participante; b) pré-análise – leitura “flutuante” para o fluir de impressões e orientações (BARDIN, 2016), marcações de pistas linguísticas e imagéticas, identificação de padrões e elaboração de indicadores temáticos; c) análise semântico-semiótica exploratória e discussões.

Discussão

Com amparo no aparato teórico (MATURANA, 1997; 2009; MATURANA; VARELA, 2001; ARAGÃO, 2007, 2008, 2019), defendo que as emoções modulam toda e qualquer ação, modulando, por conseguinte, o escrever (acadêmico).

O escrever é, pois, um domínio de ação que, como qualquer outro, é mobilizado por emoções específicas vivenciadas pela/os estudantes, conforme suas relações de interinfluência entre suas corporalidades (aspecto biológico) e o meio no qual se inserem. Portanto, a experiência do escrever tese é orientada sistemicamente pelos imbricamentos dos dois domínios de existência da/o doutoranda/o: o corporal (biológico) e o comportamental (das interações).

Desse modo, a/o doutoranda/o tende a vivenciar um processo complexo, decorrente da própria inextricável rede do viver: o refazimento constante de si em uma dinâmica denominada autopoiese; mudanças ininterruptas em contínua interação com o meio (seja o acadêmico, o familiar, o profissional, o das amizades etc.), sustentadas ciclicamente pelas variadas transformações corporais e convivências sociais (conversações), que provocam um fluxo emocional que por sua vez modula o agir, o escrever.

Referências

ARAGÃO, R. C. Emoções e pesquisa narrativa: transformando experiências de aprendizagem. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 8, n. 2, 2008.

ARAGÃO, R. C. Linguajar e emocionar os tempos de crise na formação de professores de línguas. In: SILVA, W. M.; SILVA, W. R.; CAMPOS, D. M. (Org.). *Desafios da formação de professores na linguística aplicada*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

ARAGÃO, R. C. *São as histórias que nos dizem mais: emoções, reflexão e ação na sala de aula*. 2007. 141 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BARCELOS, A. M. F. Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês. *Linguagem & Ensino*. v. 9, p. 145-175, 2006.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George; (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho Guareschi. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CLANDININ, J.; CONNELLY, M. *Narrative inquiry: experience and story in qualitative research*. San Francisco: Jossey Bass Publishers, 2000.

LE MOS, L. S. *Estratégias de ensino/aprendizagem com o WhatsApp: emoções e multiletramentos*. 2017. 137f. Dissertação (Mestrado em Letras) -Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Representações, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2017.

MARTINS, S. T. de A. *O impacto do PDPI nas emoções-identidades de professores de inglês*. 2017. Dissertação (Mestrado em em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Representações, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2017.

MATURANA, H. *A ontologia da realidade*. Cristina Magro, Miriam Graciano e Nelson Vaz (orgs.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Tradução de José Fernando Campos Fortes. 1ª ed. atualizada. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

MATURANA, H.; VARELA, F. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MELLO, D. Pesquisa narrativa e formação de professores. In: GOMES JÚNIOR (org.). *Pesquisa narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

PAIVA, V. L. M. de O. A pesquisa narrativa: uma introdução. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, jul-dez 2008.

SILVA, F. F. *As emoções no processo de formação inicial de licenciandos em espanhol na UESC*. 2020. 117f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2020.

SOUZA, N. E. S. *Emoções entre o ser-aluno e o ser-professor: transformações entre o aprender e o ensinar inglês*. 2017. 128f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2017.

TELLES, J. A. *A trajetória narrativa: histórias sobre a formação do professor de línguas e sua prática pedagógica*. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 34, p. 79-92, 1999.

Palavras-chave

Escrita acadêmica. Abordagem sistêmica. Práticas reflexivas. Pesquisa narrativa. Emoções.

Gêneros de divulgação científica e negacionismos científicos: vozes da ciência e da religião em dialogia e tensão na Universidade

Emerson Tadeu Cotrim Assunção¹

Prof. Dr. Urbano Cavalcante da S. Filho – Orientador (IFBA/UESC)

Apresentação

Em 2018, com a eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República do Brasil, as Universidades se tornaram um dos alvos da crítica do governo. Costumeiramente, o presidente acusa as Instituições de Ensino Superior (IES) de serem uma maquinaria de ideologização de esquerda e, por isso, um *locus* a ser vigiado e combatido. Soma-se a isso as políticas de cortes e sucateamento, de ataques à autonomia das IES e de discursos anti-científicos e negacionistas, sobretudo alicerçados em discursividades características das esferas religiosas, especialmente de espectros evangélicos e neo-pentecostais, base de apoio e sustentação do governo Bolsonaro. Nos quase quatro anos do atual governo, sentimos² em nossas trocas didáticas em sala de aula sentidos provenientes dos discursos presidenciais rarefeitos nos discursos dos discentes. São posicionamentos carregados de críticas à ciência e negando fatos e dados científicos que, como são proferidos pelo Presidente da República, maior autoridade do Brasil, adquirem *status* de verdade e, por isso, são reproduzidos cotidianamente por sujeitos em ações linguageiras em seus locais de exercícios pessoais e profissionais, a exemplo das discussões em sala de aula de temas considerados mais sensíveis (como direitos humanos, direitos da população LGBTQIA+, racismo, entre outros) e nas próprias produções acadêmicas dos discentes.

Cumpramos registrar que o presidente, ao ocupar uma posição de poder, reproduz em seus discursos efeitos de verdade e, por isso, produz saber em/no seu interlocutor. Ao dizer ou silenciar, o sujeito na posição de poder carrega consigo outros discursos que, na acepção bakhtiniana, não é a fonte de surgimento do que se diz. Melhor dizendo, não há um discurso adâmico, primeiro, inaugural, já que “o falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez” (BAKHTIN, 2006,

¹ Bolsista PAC/UNEB-DT. E-mail: emersonbrumado@hotmail.com

² Orientador e orientado dessa pesquisa são professores de Instituições de Ensino Superior Públicas.

p. 300), ou seja, somos e estamos afetados por um leque de discursividades já-ditas na história e que recuperamos em nossas projeções discursivas.

Pensando nesses afetamentos discursivos presentes nos discursos dos alunos da graduação, temos como problema de pesquisa o interesse em analisar como os currículos dos cursos de graduação em Letras, Pedagogia e Direito, os três cursos do *Campus* de uma Universidade estadual do interior baiano, que apostam em um *continuum* de componentes curriculares que tematiza mecanismos de produção, recepção e publicização de textos acadêmicos, dão mostras de como as trocas didáticas no entorno dessa produção (e do produto em si) deixam (entre)ver estratégias que materializam discursos diversos, entre eles a relação de discursos científicos, anti-científicos e negacionistas, com os objetos de pesquisa.

Embora com aspectos diferentes, esses três cursos vislumbram a produção e publicização de gêneros da esfera acadêmica como mediação entre os saber-fazer e o saber-dizer e, também, como estratégia de divulgação de pesquisas feitas pelos discentes da graduação para a comunidade. O que inquieta a pesquisa é compreender como se materializam, através do “fazer” e do “feito” dos gêneros acadêmicos produzidos pelos discentes, os registros que os sujeitos da pesquisa trazem linguisticamente marcados dos enunciados advindos de diferentes esferas, entre elas os discursos anti-ciência, religiosos, de negação de evidências científicas e do senso comum, e como docentes e discentes tratam tais questões como objeto de didatização em aulas e em sessões de orientação.

Objetivos

Objetivo geral

- Mapear e analisar em sessões de orientação e em gêneros acadêmicos orais e escritos, produzidos no interior de disciplinas que tratam de objetos de estudo/pesquisa e de produção de gêneros da esfera acadêmica/de divulgação científica, de três cursos de graduação (Letras, Pedagogia e Direito) de uma IES Baiana, como docentes-orientadores e discentes negociam as tensões entre os discursos religiosos, que materializam posições/enunciados anti-científicos e negacionistas, com as posições científicas, características do discurso acadêmico.

Objetivos específicos

- Tematizar a sala de aula universitária como ambiente sociodiscursivo e lugar de profissionalização potencializada na dialogia professor-formador e aluno em formação inicial mediada por gêneros acadêmicos orais, escritos e multimodais;
- Defender a Linguística Aplicada e a Análise Dialógica do Discurso como ciências da linguagem interessadas pelos usos da língua em práticas sociais, evidenciando suas sensibilidades com o entendimento dos problemas reais de usos linguísticos em contextos diversos, a exemplo da sala de aula universitária;
- Analisar os gêneros produzidos na sala de aula universitária como lugar para se capturar indícios de posicionamentos discursivos que colocam em oposição ciência X anti-ciência;
- Acompanhar, por meio da produção e publicização de gêneros acadêmicos, como a formação teórico-metodológica-conceitual e de reconstrução do sujeito com a linguagem tratam de questões discursivas e de sentido advindas de discursos sobre ciência;
- Contrastar, por meio de índices linguístico-discursivos, como o processo de reconstrução conceitual de saberes se materializa/cristaliza no trabalho com os gêneros acadêmicos, produtos da relação orientador-discente-discursos, característico do letramento acadêmico.

Justificativa

Em decorrência de uma aposta em analisar os discursos acadêmicos materializados em gêneros também da esfera acadêmica (orais, escritos e multimodais), é importante, tanto para docentes da graduação quanto para graduandos, compreender como a *movência* de sentidos de discursos anti-científicos e negacionistas se mostram no cotidiano de rotinas acadêmicas em torno do desenvolvimento de pesquisas acadêmicas e, na mesma medida, da construção de gêneros acadêmicos para a sua divulgação científica. Se, pela acepção bakhtiniana, não falamos frases isoladas e tampouco palavras desconexas e o que produzimos de mais relevante é o gênero discursivo, entendemos a materialidade discursiva acadêmica como lugar que permite (entre)ver estratégias que são co-construídas na graduação em curso pelos alunos em formação,

entre essas ações os discursos (oficiais ou não) com efeitos de autoridade, a exemplo dos discursos religiosos sobre a ciência.

A escolha por esse objeto e *locus* de pesquisa se dá em consonância com pesquisas já desenvolvidas pelos pesquisador e orientador desse projeto de tese e se justifica em decorrência de ser o espaço de interesse profissional destes. Como dito anteriormente, sou professor do Campus XX da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) desse *Campus* dessa Universidade e transito como professor, pesquisador e orientador pelos três cursos de graduação e estou exposto em meu cotidiano com as questões que suleiam essa aposta de pesquisa. Além disso, como sujeitos históricos, estamos vivenciando um momento em que os discursos de negação da ciência têm emergido com certa regularidade, se consolidado em discursos governamentais e como estratégia de governo. Por esse motivo, traçar um movimento investigativo que trate do tema ciência x anti-ciência se mostra relevante, uma vez que a universidade é um dos espaços privilegiados de pesquisa científica e divulgação da ciência.

Aparato teórico

Embora em todo o corpo dessa proposta de investigação que aqui apresentamos esteja a Análise Dialógica do Discurso (ADD) linguisticamente marcada, a pesquisa é, de fato, em Linguística Aplicada (CELANI, 2016; MOITA LOPES, 2013; KLEIMAN, 2013, MENEZES *et. al.*, 2009; RAJAGOPALAN, 2008). A ADD nos serve como teoria de leitura que ajuda a compreender *corpus/corpora* de língua/linguagem e também por fornecer conceitos imprescindíveis para analisar objetos presentes nas relações que tenham a língua/linguagem como espeque teórico. Por mais que o pensamento academicista tente enquadrar autores/teóricos em caixa herméticas de determinadas áreas, o cerne fundante da LA se apoia em diferentes abordagens, daí poder falar que a LA é inter e transdisciplinar, já que seus objetos não podem ser explicados apenas pela língua em si, mas por todas as relações sociais que marcam e mesmo constituem as ações linguageiras (MATENCIO, 2006; KLEIMAN, 2006).

De igual modo, ao trazer termos que nos remetem aos Estudos dos Letramentos (STREET, 2014), especialmente o acadêmico e o do professor em formação, estamos falando de uma LA e uma ADD implicada com exercícios linguageiros em práticas sociais e situadas de usos da língua e da linguagem. Como a pesquisa se interessa por cursos de graduação com suas peculiaridades epistêmicas e por ser a universidade o lugar privilegiado de promoção de

letramentos acadêmico e de produção de gêneros da esfera acadêmica, uma abordagem que interessa de perto essa investigação é o letramento acadêmico. Em síntese, à espreita de estudos mais ligados à multiplicidade de letramento, vez que este projeto de pesquisa agencia noções de e sobre letramento acadêmico, é salutar compreendê-lo como um lugar de interação social, cujos eventos são mediados por gêneros (BARTON; HAMILTON, 2000), já que entendemos a universidade como entidade que prima por promover atividades que proporcionem o uso da linguagem que atenda às exigências do contexto acadêmico e por ser a universidade o lugar privilegiado de estudos dos fenômenos sociais à luz da ciência.

Metodologia

Para esse investigação, a metodologia seguirá caminhos da pesquisa qualitativa (FLICK, 2002; MINAYO, 2015) de inspiração etnográfica (ERICKSON, 1973), já que o *locus* da pesquisa é, também, lugar de exercício profissional do pesquisador. Como apostas metodológicas para geração e coleta dos dados, a pesquisa se utilizará de: *i) Entrevista semiestruturada*, gravada em audiovisual com câmera móvel, com vistas a apreensão dos dizeres dos sujeitos da pesquisa, com posterior transcrição dos textos, regulamentada por normas de transcrição de texto oral; *ii) Gravação audiovisual*, com câmera fixa, de seções de orientação, sem a presença do pesquisador, momento em que cada docente com o grupo sob sua responsabilidade tratam das questões da pesquisa e teórico-conceituais e gravação com câmera móvel das seções de publicização dos gêneros acadêmicos em eventos de natureza científica ao final de cada semestre em cada respectivo curso e *iii) Análise dos gêneros finais*, orais, escritos e multimodais, produto sócio-histórico que deixa (entre)ver as posições assumidas pelos sujeitos quando registram saberes e informações e, por isso, marcam as suas posições no e sobre o mundo.

Discussão

Os resultados esperados com essa abordagem de pesquisa e com estes instrumentos serão triangulados e analisados à luz das categorias discursivas de ADD, quais sejam: *i)* os enunciados (BAKHTIN, 2015), (re)produzidos por docentes e discentes no tratamento das questões temáticas e como esses aparecem rarefeitos nas materialidades linguístico-discursivas registrados nos gêneros do discurso das posições de sujeito-professor e sujeito aluno no

tratamento de questões de ciência x anti-ciência; ii) a *responsividade*, já que “palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, ou seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos” (BAKHTIN, 2006, p.295), que podem ser lida nos gêneros discursivos produzidos nas interações didáticas entre alunos e professores; c) o *heterodiscurso* (BAKHTIN, 2015), como produto sócio-histórico característico da diversidade de vozes que estão presentes nos discursos do cotidiano, ora se combinando, ora se contrapondo, nos enunciado elaborados dos sujeitos e, por fim, d) e a *dialogia* (BAKHTIN, 2010), registrada na cadeia discursiva produzida pelo sujeito quando este lança mão de outras vozes, vindas de diferentes sujeitos em diferentes *cronotopias*.

Se os gêneros acadêmicos cristalizam discursos, valores e crenças de quem os produziu, com seus expoentes e lacunas, é através do processo, do fazer, que a pesquisa mostra a sua força investigativa. As estratégias, métodos, planejamentos, caracterização dos sujeitos envolvidos, currículo do curso, gêneros textuais/discursivos, momento de orientação como espaço da dialogia professor-orientador-aluno, ente outros, permitem compreender a ação “[...] como construção social das realidades em estudo, interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano em relação ao estudo” (FLICK, 2002, p. 16).

Num gesto breve de análise discursiva já feito por nós em um exercício que toma o corpo de um artigo científico (no prelo), encontramos no discurso do presidente Bolsonaro certas filiações ao discurso religioso. Cada escolha lexical feita por ele nos autoriza a mostrar na história como os enunciados se mostram repetidos por outros sujeitos, especialmente líderes religiosos, em diferentes momentos ao longo do tempo. Também, já mapeamos como os discursos de negação da ciência presentes nas rotinas acadêmicas de uma determinada universidade produzidos por discentes da graduação mostram o funcionamento do discurso religioso (esse, sim, um discurso fundador), ocupando um lugar de destaque nas trocas didáticas de produções de gêneros da esfera acadêmica, escamoteando a ciência em face de crenças religiosas.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. Formas de tempo e de cronotopo no romance (Ensaio de poética histórica). In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. p. 211-362.

BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. In: *Questões de literatura e de estética: teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et alii. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, pp. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz. *Situated Literacies: reading and writing in context*. New York: Routledge, 2000.

BRAIT, B; CAMPOS, M. I. B. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.

CELANI, M. A. A. *Um desafio na Linguística Aplicada contemporânea: a construção de saberes locais*. D.E.L.T.A., Vol. 32, No. 2, p. 543-555, 2016.

ERICKSON, F. What makes school ethnography “ethnographic”? In: *Council on Anthropology and Education Newsletter/Antropology & Education Quarterly*, v. 4 (2). Boston: Little Brown, 1973.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, pp. 45-65.

FIORIN, J. L. Categorias de análise em Bakhtin. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (orgs.). *Círculo de Bakhtin: diálogos in possíveis*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010, pp. 33-48.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

KLEIMAN, A. B. Agenda de pesquisa e ação em linguística aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). *Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. *Professores e agentes de letramento: identidade e posicionamento social*. *Revista Filol. linguíst. port.*, n. 8, p. 409-424, 2006.

LEA, M.R.; STREET, Brian. *Student Writing in higher education: an academic literacies approach*. In: *Studies in Higher Education*. London, v. 23, n. 2, pp. 157-16, June, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes Editores, 1989.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I.F. *Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos*. In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

MINAYO, Maria Cecília. *Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17 n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: Acesso em: 30 out. 2015.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. *Gêneros na formação do professor: construção de saberes e representações em atividades interacionais*. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 3, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2009, pp. 17-28.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. *Estudos do letramento e formação de professores: retomadas, deslocamentos e impactos*. *Revista Calidoscópio*, Vol. 7, n. 1, p. 5-10, jan/abr 2006.

MOITA LOPES, L. P. da (Org.). *Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013.

MOITA LOPES, L. P. da. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo, SP: Parábola, 2006.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo, SP: Parábola, 2008.

RECUERO, Raquel. *Discurso mediado por computador nas redes sociais*. In: LEFFA, Vilson; ARAÚJO, Júlio. *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* São Paulo: Parábola, 2016.

SOARES, Magda. BATISTA; Antonio Augusto Gomes. *Alfabetização e Letramento*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

STELLA, P. R. *Palavra*. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012, pp. 177-190.

STREET, Brian V. *Letramentos sociais*. São Paulo: Parábola, 2014.

VOLÓSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterian Vólkova. São Paulo: Editora 34, 2018.

Palavras-chave

Linguística Aplicada. Análise Dialógica do Discurso. Sala de aula universitária. Gêneros acadêmicos. Negacionismo científico.



A arquitetura da divulgação científica na esfera escolar: uma análise bakhtiniana de livros didáticos da Educação Básica

Jamille Santos Oliveira¹

Prof. Dr. Urbano Cavalcante Filho – Orientador (IFBA/UESC)

Apresentação

Considerando a importância sociopolítica e histórico-cultural que a divulgação científica (DC) desempenha na sociedade, principalmente em contextos de desvalorização e negação da ciência e do fazer científico, e considerando a esfera educacional como um campo privilegiado de concepção, materialização e circulação de gêneros discursivos da DC, esta investigação se interessa em analisar, a partir da perspectiva teórica da análise dialógica do discurso, a arquitetura da DC nos mais variados gêneros discursivos de livros didáticos das diferentes áreas do conhecimento. Assim, a questão que orienta nossa pesquisa pode ser traduzida em: Como se constitui a arquitetura da DC numa esfera ideológica específica, a escolar, tomando como base a relação indissociável entre o material, a forma e o conteúdo na constituição de enunciados da DC presentes nos livros didáticos da Educação Básica?

Objetivos

Objetivo geral

Investigar, a partir dos pressupostos da teoria bakhtiniana da linguagem, a arquitetura que a DC apresenta na esfera escolar, materializada nos livros didáticos dos componentes curriculares da Educação Básica, considerando a articulação indissociável entre o material, a forma e o conteúdo na constituição dos seus enunciados.

Objetivos específicos

- * Identificar e elencar os enunciados orientadores e normativos do ensino e da produção de livros didáticos dos diferentes componentes curriculares da Educação Básica oferecidos pelo governo federal brasileiro, no que diz respeito à necessidade da presença de trabalho com DC na esfera escolar, analisando o conteúdo e as relações dialógicas estabelecidas entre eles;

¹ E-mail: jamelleca@gmail.com

- * Identificar as matrizes ideológicas e os centros valorativos que influenciam a realização da forma arquitetônica na materialização linguístico-discursiva da DC nos livros didáticos dos componentes curriculares da Educação Básica;
- * Analisar como a forma composicional organiza o material na realização da arquitetônica da DC nos livros didáticos dos componentes curriculares da Educação Básica;
- * Analisar comparativamente a forma, o material e o conteúdo da DC dos livros didáticos de cada componente curricular, buscando depreender a arquitetônica que a DC assume na esfera educacional/escolar.

Justificativa

Vivemos numa sociedade na qual a tecnologia e a informação estão se modificando de forma veloz e que, em contrapartida, a propagação de notícias falsas e a negação da ciência têm ganhado espaço. Diante desse cenário, e sabendo da importância da ciência para a vida cotidiana, divulgar a ciência é um meio de combater e alterar essa situação.

Propomos, então, estudar a arquitetônica que a DC assume nos anos finais da Educação Básica, mais precisamente, no Ensino Médio (EM), por entender a necessidade de conhecer um pouco mais sobre o que vem sendo proposto pelo Governo Federal para esta etapa do ensino público, que passou por mudanças consideráveis com a publicação da versão final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e que ainda está em processo de apropriação e organização curricular.

Considerando a diversidade de manifestações discursivas da DC, podemos e devemos perceber a importância de refletir sobre as matrizes ideológicas e os centros valorativos que influenciam a realização da forma arquitetônica na materialização linguístico-discursiva da DC nos livros didáticos dos componentes curriculares da Educação, considerando a articulação entre o material, a forma e o conteúdo.

Entendemos, também, que esta pesquisa contribui para a construção de um arcabouço teórico sobre a divulgação científica na esfera educacional, tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico, para o campo dos estudos discursivos, em especial, os estudos bakhtinianos, ao propormos um estudo que articula a questão da forma, do material e do conteúdo na compreensão de um fenômeno discursivo, fora do escopo do enunciado literário.

No que se refere à DC no ensino dos diferentes componentes curriculares, a presente pesquisa trará reflexões que contribuirão para os estudos da política educacional e editorial de produção, aprovação e distribuição de livros didáticos para as escolas, ao se pensar o papel da ciência e sua divulgação nesses materiais. Além disso, na articulação da teoria bakhtiniana com a Linguística Aplicada, a pesquisa possibilitará ampliação nas abrangências, relações e articulações entre as perspectivas teóricas no estudo do processo de ensino e aprendizagem de nossos jovens.

Aparato teórico

A definição de divulgação científica não é sempre muito clara e, como consequência, encontramos abordagens e definições diferenciadas. Dessa maneira, nossa pesquisa utilizará a definição de divulgação científica proposta por Grillo (2013) de que a divulgação científica é “uma modalidade particular de relação dialógica (...) entre a esfera científica e outras esferas da atividade humana” (GRILLO, 2013 p. 88).

Buscando atingir os objetivos estabelecidos para esta investigação e após estudos realizados, a teoria dialógica da linguagem se apresenta como o aporte teórico basilar para o empreendimento investigativo que propomos nessa pesquisa.

Mikhail Bakhtin define a língua como dialógica, tomando o enunciado como a “*real unidade* da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016, p. 28, grifo do autor). Os enunciados produzidos pelos sujeitos socio-históricos materializam-se num contexto, levando em consideração as condições e finalidades de cada esfera da comunicação, bem como o destinatário presumido que, ao receber as informações, assume uma atitude responsiva diante do que foi enunciado. Para os pensadores do Círculo, a língua e as relações dialógicas por ela estabelecidas em sua concretude, devem ser objeto de uma disciplina chamada de Metalinguística.

As reflexões de Bakhtin e do Círculo começaram a ser desenvolvidas no início dos anos 1920, no entanto, a proposta da disciplina Metalinguística apareceu 40 anos mais tarde. No estudo das obras ao longo deste período, percebemos a relação de proximidade existente entre os conceitos e reflexões bakhtinianos que levaram ao estabelecimento dessa disciplina.

Ao apresentar a Metalinguística, o filósofo russo não desconsidera os estudos do sistema da língua realizados pela linguística, já que ambas estudam a língua, mas sob diferentes

perspectivas. Grillo (2010) confirma que o estudo de natureza metalinguística “ultrapassa a análise puramente linguística e a abordagem do gênero deve levar em conta os aspectos dialógicos e extralinguísticos da linguagem” (GRILLO, 2010, p. 52).

Uma noção central nessa investigação é o conceito de arquitetônica. Sua conceituação não pode ser feita sem a realização de um estudo conjunto de algumas obras de Bakhtin e do Círculo, já que não há uma obra específica onde possamos encontrar tal elaboração e explicação desse conceito. No entanto, Cavalcante Filho (2017), em sua tese de doutoramento, defende que a compreensão dessa noção resulta do estudo articulado dos quatro primeiros trabalhos de Bakhtin, considerando-os imprescindíveis para se depreender tal conceito. São elas: *Arte e responsabilidade* (1919), *Para uma filosofia do ato* (1920-4), *O autor e a personagem na atividade estética* (1920-3) e *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* (1924). Essas obras serão fundamentais em nossos estudos, mas consideraremos também outras obras do Círculo nas quais o conceito é retomado, mesmo que implicitamente.

Em nossa pesquisa, consideramos que as noções de conteúdo, material e forma pensados por Bakhtin, inicialmente tratando do objeto estético, são importantes para o estudo da arquitetônica dos enunciados em geral. Assim, objetivamos ultrapassar os limites de uma análise meramente estética, transcrevendo “o acontecimento ético no seu aspecto social, já vivido e avaliado (...), mas também sai dos limites do objeto e introduz o acontecimento em ligações sociais e históricas mais amplas” (BAKHTIN, 2010, p. 43).

A noção de arquitetônica privilegia o enfoque axiológico que atribui um sentido concreto ao enunciado materializados em palavras, que se organizam em orações, períodos, capítulos, etc., que se constroem a partir de um conjunto de relações axiológicas que transformam “um conjunto verbal, compreendido linguística e composicionalmente, no todo arquitetônico” (BAKHTIN, 2010, p. 51). Desse modo, todo enunciado traz em si uma valoração, um ponto de vista que junto com uma rede axiológica dialoga com o já dito e com a resposta subsequente. A significação vem da interação, da reciprocidade ativa com outros pontos de vista, na relação dialógica entre os sujeitos do discurso, autor-criador e destinatário presumido (VOLOCHÍNOV, 2018).

Diante disso, uma análise dialógica do conteúdo, do material e da forma dos enunciados dos livros didáticos e dos documentos orientadores de suas elaborações, suas significações e a relação com os aspectos extralinguísticos que influenciam no trabalho com a DC no contexto

escolar é fundamental para deprendermos a sua arquitetura na esfera escolar, na observação de suas peculiaridades, quando pensamos a DC em outras esferas ideológicas.

Partindo desse pressuposto, compreendo que a elaboração dos livros didáticos, a escolha dos gêneros que os compõem, a forma que os conteúdos adquirem, sua forma arquitetônica e composicional, refletem a história do ensino no país e os confrontos ideológicos entre os discursos constituídos ao longo dos anos.

Metodologia

Estudo documental

Com o objetivo de identificar e elencar os enunciados orientadores e normativos do ensino e da produção de livros didáticos dos diferentes componentes curriculares da Educação Básica, no que diz respeito à presença do trabalho da DC na esfera escolar e analisar o conteúdo e as relações dialógicas estabelecidas entre eles, será realizado um estudo detalhado da forma, do material e do conteúdo dos seguintes documentos:

- Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018);
- Decreto nº 9099, de 18 de julho de 2017, que dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático;
- Editais de convocação para o processo de inscrição e avaliação das obras didáticas, literárias e recursos digitais;
- Guias mais recentes do Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD (BRASIL, 2020; BRASIL, 2020a).

Nossa investigação observará:

- Indicação, explícita ou implícita, do trabalho com Divulgação Científica;
- Conceito de DC adotado em cada documento;
- Critérios de elaboração dos livros didáticos que influenciam na arquitetura da DC levando em consideração as orientações dadas em relação ao material, à forma e ao conteúdo;
- Princípios e critérios de avaliação dos livros didáticos relacionados à DC;
- Relação dialógica estabelecida entre os documentos no que se refere à DC.

Delimitação do corpus

Critérios para a escolha dos livros didáticos:

- Terem sido aprovadas pelo PNLD 2021, o mais recente para o Ensino Médio;
- Serem as coleções e obras de volumes únicos mais escolhidas pelas escolas públicas de cada região do país (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste, Centro-oeste e Distrito Federal).

Direcionaremos nossa investigação para as obras didáticas indicadas pelos guias do PNLD 2021 (BRASIL, 2020; BRASIL, 2020a):

- ✓ As coleções das obras didáticas de Projetos Integradores Linguagens e suas tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas;
- ✓ As coleções didáticas interdisciplinares das áreas de Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; e as obras específicas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas em diálogo com a Matemática.
- ✓ Obras didáticas específicas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas em diálogo com a Matemática.

A partir dessa informações, realizaremos:

- Leitura dos guias do programa que apresentam todas as obras aprovadas e que puderam ser analisadas e selecionadas pelos professores;
- Coleta dos dados estatísticos de aquisição e distribuição de livros aos alunos do ensino médio, fornecidos pelo site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

As obras selecionadas a partir desse levantamento serão objeto de análise desta pesquisa. Porém, é importante salientar que utilizaremos as versões disponíveis para divulgação - os manuais do professor - nos sites das editoras e que são de acesso público e gratuito.

Forma de abordagem

Prosseguiremos observando as seguintes etapas:

1. Apresentação das obras específicas e das coleções que serão objeto de análise buscando detalhar informações de publicação, autores, editoras, estrutura dos volumes e outros pontos que se mostrarem relevantes;
2. Levantamento dos gêneros da DC, identificados ou não como tal;
3. Leitura e análise da materialização linguístico-discursiva da DC, identificando as matrizes ideológicas e os centros valorativos nos livros analisados;
4. Identificação e análise do material e da forma composicional que realiza a arquitetura da DC;
5. A partir de todas as informações levantadas até esta etapa, buscaremos desenhar a arquitetura que a DC, diferentemente de outras esferas ideológicas, assume na esfera escolar.

Discussão

A importância da ciência para a vida cotidiana, para a formação de sujeitos mais críticos que tenham o conhecimento científico como um meio de transformação social, que se interessem pelo desenvolvimento científico e tecnológico, visando participação política que reflita na melhoria da qualidade de vida de sua comunidade é fundamental na contemporaneidade. Por isso, dentre tantos outros motivos, estudar a divulgação da ciência na esfera escolar é algo extremamente importante.

Depreender a arquitetura da DC numa determinada esfera possibilitar-nos-á compreender os sujeitos socio-históricos envolvidos no processo comunicativo, suas intenções discursivas, os valores axiológicos que orientam os projetos de dizer, os diálogos estabelecidos entre os diferentes enunciados que advêm de diferentes esferas para constituir a enunciação da DC.

Sabendo que a DC assume diferentes formas, o estudo da DC na esfera escolar permite observar as peculiaridades, a valoração e a intenção de se divulgar ciência na escola, nos livros didáticos dos diferentes componentes curriculares, possibilitando aos estudantes do ensino médio acesso a fatos e descobertas científicas. A ciência dessas informações pode colaborar com a democratização do acesso ao conhecimento científico, permitir que o cidadão reflita sobre os impactos da ciência e da tecnologia, amplie sua visão de ciência, de pesquisa científica e, assim, compreenda sua importância.

Referências

BAKHTIN. *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*. Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance). Trad. A. F. Bernardini, J. Pereira Júnior, A. Góes Júnior, H. S. Nazário e H. F. de Andrade. Hucitec Editora: São Paulo, 2010.

BAKHTIN. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. *Guia Digital- PNLD 2021: Projetos Integradores e Projeto de Vida – Apresentação*. 2020. Disponível em: https://pnld.nees.ufal.br/assets-pnld/guias/Guia_pnld_2021_proj_int_vida_Apresentacao.pdf. Acesso em: 07 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. *Guia Digital - PNLD 2021: Didático– Apresentação*. 2020a . Disponível em: https://www.gov.br/fnde/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-livro-didatico/copy_of_Guia_pnld_2021_didatico_Apresentacao.pdf. Acesso em: 07 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 07 jul. 2022.

CAVALCANTE FILHO, Urbano. *A arquitetura da divulgação científica nos enunciados das Conferências Populares da Glória (Séc. XIX)*. 540 f. *Tese* (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. *Divulgação científica: linguagens, esferas e gêneros*. 2013. *Tese* (Livre-Docência) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/8/tde-04112015-181038/publico//2013_SheilaVieiraDeCamargoGrillo.pdf. Acesso em: 20 maio 2021.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Dialogismo e construção composicional em reportagens de divulgação científica de pesquisa FAPESP. In: PAULA, Luciane de; STAFFUZA, Grenissa (orgs.). *Círculo de Bakhtin: Diálogos in possíveis*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010. p. 49-68. Série Bakhtin: Inclassificáveis; v. 2.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2 ed. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

Palavras-chave

Divulgação Científica. Livro Didático. Arquitetônica. Teoria Bakhtiniana. Esfera Escolar

Internacionalização do Ensino Superior de instituições estaduais brasileiras e suas políticas de adoção de línguas adicionais: desafios globais e perspectivas locais?

Juliana Alves dos Santos¹

Profa. Dra. Élide Paulina Ferreira – Orientadora (UESC)

Apresentação

As Instituições de Ensino Superior (IES), desde seu início, tem como uma de suas características o intercâmbio de conhecimentos. Atualmente, essa troca tornou-se imprescindível para o funcionamento das instituições, já que é um caminho necessário para ampliar as atividades de pesquisa, ensino e extensão. Aliada a essa atribuição, a globalização da economia e da sociedade impõe que as IES adquiram competências facilitadoras das interações entre países, desenvolvendo a internacionalização de suas atividades.

Nesse ínterim, a difusão e conhecimento de línguas adicionais passam a ser requisitos essenciais para que a internacionalização seja cumprida. Porém, nem todas possuem regulamentações de política linguística e de internacionalização que viabilizem essa missão. O que se tem visto nas páginas institucionais são resoluções que tratam de mobilidade acadêmica e acordos institucionais, ou seja, o processo de internacionalização é reduzido a ações pontuais, não sendo incorporado nas funções das IES.

Considerando esse contexto, propomos analisar as políticas de internacionalização, as políticas linguísticas e planos de ação de 16 universidades estaduais brasileiras, além de refletir sobre as estratégias constantes nesses documentos, bem como propor sugestões que respondam às possíveis adversidades identificadas, em particular na UESC. Para isso, sob o viés da pesquisa qualitativa, usaremos o método interpretativista na análise documental por entendermos que nenhum texto é inocente, todo texto reflete fragmentos do mundo em que vivemos e que analisa-lo significa analisar formações discursivas essencialmente políticas e ideológicas por natureza (KUMARAVADIVELU, 2006).

¹ Discente Programa de pós graduação em Letras: Linguagens e Representações; Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia - Campus XVIII, Eunápolis - BA. E-mail: julalves@gmail.com.

Objetivos

Objetivo geral

Ao investigar as políticas de internacionalização do Ensino Superior no Brasil atreladas às políticas de adoção de línguas adicionais nas universidades públicas estaduais brasileiras², refletir sobre os desafios postos e estratégias definidas pelas instituições para promover e dar visibilidade (tradução de websites) a seus processos de internacionalização, bem como propor sugestões que respondam às possíveis adversidades identificadas, em particular na UESC.

Objetivos específicos

- Examinar nas políticas de internacionalização das Instituições de Ensino Superior estaduais brasileiras: os conceitos, desafios e estratégias constantes nesses documentos acerca do processo de internacionalização;
- Identificar se existem e quais são as políticas linguísticas voltadas para línguas adicionais nas universidades públicas estaduais brasileiras no contexto da promoção da internacionalização do Ensino Superior;
- Analisar nas políticas linguísticas identificadas quais são os conceitos, desafios postos e soluções que elas apontam;
- Analisar a política linguística, a política de internacionalização e as ações em curso na UESC nos níveis de graduação e pós graduação;
- Elaborar uma proposta de plano de ação de internacionalização para a UESC, com base nas suas políticas linguística e de internacionalização.

Justificativa

Uma boa parte das pesquisas voltadas para a internacionalização das IES situa-se no âmbito de compreender os processos de internacionalização e suas influências nas universidades e uma outra parte se interessa pela compreensão e análise das experiências de implementação dessas políticas nas universidades (STRECK; ABBA, 2018). Uma das lacunas deixadas pelas investigações consiste na carência de análise das dimensões institucionais, organizacionais e programáticas (BIZARRIA; MOREIRA; NASCIMENTO, 2022), o que

² UEMS, UEFS, UESC, UECE, UEMA, UPE, UERN, UEMG, UERJ, UENF, USP, UNICAMP, UNESP, UEPG, UNIOESTE, UNESPAR.

possibilita entender como a IES pode realizar sua quarta missão olhando para cima, mas sem se distanciar da sua base (BUARQUE, 2012). Assim, nesta pesquisa refletiremos sobre o processo de internacionalização em instituições universitárias nos valendo de um estudo documental das políticas de internacionalização, as políticas linguísticas e planos de ação, quando houver.

Serão analisados documentos das universidades estaduais por estarmos inseridas enquanto docentes e aluna em duas dessas instituições. E, ainda, por que há poucos estudos voltados para a internacionalização em instituições estaduais, diferente das instituições federais (MORAES, 2018; PAZELLO, 2019; LAUS, 2012; GUIMARÃES, 2020).

Assim, é na LA que vamos encontrar apoio teórico para análise, tendo em vista que essa área vem denunciando as subserviências com as quais a IES vem sendo tratada. E, também, por ser a área que tem a possibilidade de cobrir a fissura entre a emergência de pensar a língua como prática social, ao passo que pensamos na premência da internacionalização do ensino superior.

Aparato teórico

Devido à mudança de papéis assumido pelas IES a internacionalização entrou numa lógica da competitividade, num pensamento mercadológico mais do que de alimentar intercâmbio de conhecimentos (SOUSA SANTOS, 2011), como era inicialmente concebida. Além disso, passou a assumir o papel de legitimar o conhecimento que é produzido no país, pois, não basta que exista ciência de qualidade, as produções acadêmicas devem fazer parte de rankings reconhecidos internacionalmente.

Internacionalização será entendida a partir de Jane Knight, que propõe que “internacionalização em níveis nacionais, setoriais e institucionais é definida como um processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global relacionadas às propostas, funções ou oferta da educação pós secundária” (KNIGHT, 2003, p. 2). Consideramos esse conceito como fundamental, visto que abraça a importância da interculturalidade e da sua relação com os aspectos da educação superior e o papel dela na sociedade.

Observa-se que é uma concepção transversal, com finalidade de aprimorar a qualidade do ensino, da pesquisa, da extensão e da gestão universitária, considerando o global e o local. Assim, a comunicação é indispensável, implicando na existência de uma política linguística como fundamental para seu desenvolvimento e execução. Contudo, é cristalizado na universidade que o inglês é a única língua de comunicação científica, ela entra na lógica de ser

um instrumento que aumenta a competitividade em um setor direcionado por razões econômicas e competição global (CABRAL-CARDOSO, 2020). O autor chama essa difusão de “Englishization” e completa que uma das maneiras de diminuir essa anglicização são políticas linguísticas multilíngues.

É na área das Políticas Linguísticas (PL) que essas discussões são amparadas, Ricento (2006) enfatiza que a PL não é “apenas um exercício de investigação filosófica; está interessada em abordar problemas sociais que muitas vezes envolvem a linguagem, em um grau ou outro, e em propor soluções realistas.” (RICENTO, 2006, p. 11, tradução nossa). Desta feita, nessa proposta a PL que nos interessa é o papel que as línguas estrangeiras/adicionais desempenham nos documentos institucionais relacionados à internacionalização.

Além dos tópicos destacados nessa fundamentação, faz-se necessário um panorama mais aprofundado sobre as pesquisas brasileiras desenvolvidas nesse tema, para destacar os desafios e soluções que elas apontam, para assim, elaborar um plano de ação para o projeto de internacionalização da UESC, que abrigue uma política linguística localmente construída.

Metodologia

Objetiva-se refletir sobre o processo de internacionalização em instituições universitárias, sob o viés da pesquisa qualitativa (FLICK, 2009) e método interpretativista (MOITA LOPES, 1994) na análise documental (LÜDKE; ANDRÉ, 1986; CELLARD, 2012).

O corpus é constituído pelos documentos da política de internacionalização (incluindo resoluções, programas ou projetos), as políticas linguísticas e estratégias de visibilidade (apresentação e tradução de websites) das instituições públicas estaduais que possuem esses documentos publicizados em suas páginas eletrônicas, são elas:

Centro Oeste: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul;

Nordeste: Universidade Estadual de Feira de Santana; Universidade Estadual de Santa Cruz; Universidade Estadual do Ceará; Universidade Estadual do Maranhão; Universidade de Pernambuco; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte;

Sudeste: Universidade do Estado de Minas Gerais; Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro; Universidade de São Paulo; Universidade Estadual de Campinas; Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho";

Sul: Universidade Estadual de Ponta Grossa; Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Universidade Estadual do Paraná.

Discussão

Na primeira etapa da pesquisa serão analisados os conceitos, desafios e estratégias constantes nas políticas de internacionalização e PL das IES listadas acima. Serão buscadas as regularidades e padrões de unidades de significados (MOITA LOPES, 1994), também chamados de critérios de análise, e, para essa proposta, foram elencados os seguintes:

- (1) Identificar e analisar as concepções de internacionalização sustentadas nos documentos;
- (2) Identificação e análise de estratégias para internacionalização que são propostas/adotadas;
- (3) Identificação das políticas linguísticas adotadas, e
- (4) Exame da apresentação e da tradução das páginas eletrônicas institucionais.

Para a análise de websites, adotaremos os seguintes critérios:

- (1) Línguas nas quais as páginas são traduzidas;
- (2) Seleção de itens traduzidos;
- (3) Adequação comunicacional dos itens traduzidos (relevância do conteúdo em face do público-alvo ao qual a tradução se dirige (alunos, pesquisadores, agentes financiadores estrangeiros));
- (4) Se nas páginas há referência à internacionalização e itens afins;
- (5) Adequação linguística (registro em que se constrói a tradução: tradução literal ou não);
- (6) Recursos utilizados para veicular a informação (texto, vídeos, imagens, depoimentos);
- (7) Interatividade da página (se há formas de possíveis interessados fazerem contato por ex.);
- (8) navegabilidade (se é fácil ou difícil acessar possíveis tópicos de interesse de alunos, pesquisadores, agentes financiadores estrangeiros)

Na segunda etapa da investigação, as ações voltadas para a internacionalização na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), nos níveis de graduação e pós graduação, serão investigadas, para a partir daí conseguirmos elaborar um plano de ação para a política de internacionalização que abrigue uma PL localmente construída.

Também nos fundamentaremos na Linguística Aplicada Crítica (LAC) para a produção e interpretação dos dados, uma vez que será possível a partir desses documentos termos “uma consciência crítica de como o uso da linguagem é modulado e remoldado por forças institucionais, processos históricos e agendas políticas dominantes e de como a linguagem pode

funcionar (...) como transportador e tradutor de ideologias que serve a interesses claros.” (KUMARAVADIVELU, 2006, p. 143)

Em um gesto de análise da política de internacionalização da UESC, observamos que a concepção de internacionalização está em consonância com o conceito proposto por Knight (2003)³. O conceito abraça os atores envolvidos no processo de internacionalizar, além de se preocupar que a inovação e interculturalidade seja atravessada nos três pilares da instituição. Santos e Almeida Filho (2012) destacam que um dos setores que a internacionalização encontra mais espaço é no campo da terceira missão, onde ela responde ao seu compromisso com a sociedade, através da prestação de serviços, transferência de tecnologia, do empreendedorismo, da inovação e da cultura.

No capítulo III do documento, verificou-se que é atribuída à Assessoria de Relações Internacionais (ARINT) a coordenação e apoio da política de internacionalização. As atribuições se concentram em atividades administrativas e percebe-se que são concedidas funções centradas na mobilidade dos atores envolvidos no processo. Essas incumbências limitam-se a entender internacionalização como mobilidade, excluindo atividades de acolhimento de alunos estrangeiros, comunidade externa e atividades de internacionalização em casa, por exemplo. E, ainda, não delega ao setor o envolvimento em ações que aprimorem a qualidade do ensino, da pesquisa, da extensão e da gestão universitária.

Ainda neste capítulo, observamos que o apoio financeiro se restringe a editais externos, não existindo financiamento interno⁴: O Artigo 12 ressalta que o financiamento da instituição é de “complementação”, caso exista disponibilidade orçamentária e financeira. Pode-se afirmar, então, que as atividades de internacionalização ficam restritas à existência de financiadores externos, não tendo a instituição prioridade em alocar recursos para isso, possivelmente esse é um dos desafios da internacionalização nessa instituição.

A concepção de PL da UESC é apresentada no documento como “um conjunto sistemático de ações para habilitar a comunidade universitária a comunicar-se nas línguas

³ “Entende-se como internacionalização universitária o processo de inclusão de componentes internacionais, interculturais, inovadores e globais nas funções da Universidade, visando melhorar a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão para os estudantes, professores e funcionários, bem como para contribuir com a sociedade” (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ, 2018).

⁴ “Art. 12 - A UESC apoiará financeiramente os programas e projetos de internacionalização ou que incluam componentes internacionais e interculturais, em complementação a exigências de contrapartidas de financiadores externos ou mediante seus próprios programas, observada a disponibilidade orçamentária e financeira.”

escolhidas para promover a internacionalização da universidade e para desenvolver as atividades fins e de gestão” (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ, 2018). Observa-se que existe a ênfase em pontuar a situação sociolinguística a que se aplicará a PL (internacionalização) e também percebe-se que a PL é considerada como sinônimo de planejamento linguístico, já que é centrada na sistematização de ações.

Foram observados *en passant* alguns desafios nos documentos: i. a alocação de recursos, que é deixada a cargo de financiadores externos e ii. a necessidade de uma maior compreensão do processo de internacionalizar pelo setor responsável, já que as funções textualizadas centram-se em mobilidade e o princípio norteador trata de internacionalização com funções globais, interculturais e inovadores.

Referências

BIZARRIA, F. P. de A.; MOREIRA, M. Z.; NASCIMENTO, L. A. Internacionalização do Ensino Superior por descrição bibliométrica com suporte em 76 anos de investigações indexadas na Web of Science. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, v. 30 n. 92. jul. 2022. <https://doi.org/10.14507/epaa.30.7162>

BUARQUE, C. *Prefácio*. In: SANTOS, F. S.; ALMEIDA FILHO, N. A quarta missão da universidade: Internacionalização universitária na sociedade do conhecimento. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

CABRAL-CARDOSO, C. *The Englishization of higher education, between naturalisation and resistance*. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/140117/2/536720.pdf> Acesso em: 01 jul. 2022.

CELLARD, A. *A análise documental*. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 295-316

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GUIMARÃES, F. F. *Internacionalização e multilinguismo: uma proposta de política linguística para universidades federais*. 2020. 266 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020. Disponível em: <https://docplayer.com.br/227900415-Universidade-federal-do-espírito-santo-centro-de-ciencias-humanas-e-naturais-programa-de-pos-graduacao-em-estudos-linguisticos.html> Acesso em: 10 jun 2022.

KNIGHT, Jane. Updated Definition of Internationalization. *International Higher Education*, Boston, n. 33, p. 2-3, 24 set. 2003. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/7391/6588>. Acesso em: 24 maio 2021.

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na Era da Globalização. In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LAUS, Sonia Pereira. *A internacionalização da educação superior: um estudo de caso da*

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. *D.E.L.T.A.* v. 10, n. 2, 1994. p. 329-338. Disponível em : <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45412/29985> Acesso em: 04 maio. 2022.

MORAES, E. M. de A. “*Deixa-me ir e vir*”, *canta o rouxinol: reminiscências docentes e política linguística de internacionalização para uma ciência sem fronteiras*. 2018. 256 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/34910/1/2018_ElkerlaneMartinsdeAra%C3%BAjo.pdf Acesso em: 10 jun. 2022.

PAZELLO, E. *Internacionalização na UTFPR-CT: da cereja do bolo às duas pontas do iceberg*. 2019. 402 f. Tese (Doutorado em Letras) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/65612/R%20-%20T%20-%20ELIZABETH%20PAZELLO.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 02 maio 2022.

RICENTO, T. Language Policy: theory and practice – An introduction. In: RICENTO, T. *An Introduction to language policy: theory and method*, 2006. p. 10 - 23.

SANTOS, F. S.; ALMEIDA FILHO, N. *A quarta missão da universidade: Internacionalização universitária na sociedade do conhecimento*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

SOUSA-SANTOS, B. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. In: SOUSA-SANTOS, B.; ALMEIDA FILHO, N.; *A universidade no século XXI: para uma Universidade Nova*. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/A%20Universidade%20no%20Seculo%20XXI.pdf> Acesso em: 11 jun. 2022.

STRECK, D.; ABBA, J. Internacionalização da educação superior e herança colonial na América Latina. In: KORSUNSKY, Lionel *et al* (comp.). *Internacionalización y producción de conocimiento: el aporte de las redes académicas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Iec - Conadu; Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Clacso, 2018. p. 113-131. Disponível em: <http://www.cres2018.unc.edu.ar/uploads/Cuaderno%203%20-%20Internacionalizaci%C3%B3n%20y%20producci%C3%B3n%20de%20conocimiento.pdf>. Acesso em: 15 maio 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ. Resolução nº 02, de 08 de maio de 2018. Cria a política de internacionalização da UESC, define princípios e programas transversais de internacionalização nas atividades fins e na gestão. *Resolução CONSU*. Disponível em: <http://www.uesc.br/publicacoes/consu/05.2018/02.2018.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ. Resolução nº 07, de 31 de julho de 2018. Aprova a política linguística da UESC, definindo princípios, ações e competências para sua aplicação. *Resolução CONSU*. Disponível em: <http://www.uesc.br/publicacoes/consu/07.2018/07.2018.rtf>. Acesso em: 03 jun. 2022.

Palavras-chave

Internacionalização. Política Linguística. Universidade.

Análise dos ensaios de opinião dos exames TOEIC e CELPE-BRAS à luz da Retórica Intercultural

Patricia Alejandra Faúndez Ríos¹

Profa. Dra. Isabel Cristina Michelan de Azevedo – Orientadora (UESC)

Apresentação

Este projeto de pesquisa situa-se no campo da Linguística Aplicada ao ensino de línguas, da Retórica Intercultural e das Teorias da Argumentação, e tem como objetivo geral investigar os padrões retóricos nos ensaios de opinião em português e em inglês nos exames TOEIC e CELPE-BRAS. Ambos os exames são reconhecidos internacionalmente como comprovantes de proficiência tanto em inglês quanto em português para estrangeiros, e são cada vez mais exigidos daqueles que querem estudar em universidades estrangeiras e esperam postular trabalhos relacionados com línguas estrangeiras. Por entendermos que existem diversas variáveis sociodiscursivas e sócio-históricas que influenciam a produção escrita dos estudantes em língua estrangeira, e considerando a complexidade que envolve seguir os padrões culturais e linguísticos do discurso escrito em outra língua e cultura, optamos por investigar como diferem os padrões retóricos em ambas as línguas em contexto de exames internacionais. Nosso intuito é a elaboração de critérios retóricos comparativos a fim de auxiliar os professores no ensino de produção escrita de ensaios de opinião neste contexto.

Objetivos

Objetivo geral

Analisar os padrões retóricos nos ensaios de opinião em português e em inglês nos exames TOEIC e CELPE-BRAS com base nos postulados da Retórica Intercultural e as Teorias da Argumentação.

¹ E-mail: Patriciafaundez.rios@gmail.com.

Objetivos específicos

- 1) Identificar os padrões retóricos na produção escrita dos ensaios de opinião em português e em inglês dos exames TOEIC e CELPE-BRAS com base em critérios formulados na pesquisa;
- 2) Compreender como os fatores demográficos, etnográficos e educacionais influenciam a produção escrita da comunidade discursiva de hispanofalantes nos ensaios de opinião TOEIC e CELPE-BRAS;
- 3) Analisar os resultados de um estudo contrastivo entre ambos os exames, considerando o impacto dos fatores interculturais nos padrões retóricos da produção escrita do gênero discursivo ensaio de opinião.
- 4) Elaborar padrões retóricos comparativos na produção escrita dos ensaios de opinião em contexto dos exames de proficiência TOEIC e CELPE-BRAS.

Justificativa

Devido à relevância que têm os exames internacionais para que estudantes e/ou trabalhadores atuem no estrangeiro em instituições de ensino ou no ambiente comercial, por exemplo, considera-se essencial que os estudantes de LE estejam preparados não apenas na produção oral, mas também na produção escrita em situação de testes. Desse modo, a formação das práticas retóricas nos discursos escritos na língua estrangeira não pode ser negligenciada, sendo ainda um fator determinante para os estudantes alcançarem o nível de proficiência esperado dentro do contexto de cada exame. A escolha pelos exames CELPE-BRAS e TOEIC ocorreu porque, de um lado, o CELPE-BRAS continua sendo o único exame de proficiência do português brasileiro reconhecido internacionalmente. Além disso, o CELPE-BRAS é composto unicamente por tarefas (SCARAMUCCI, 2001, p. 80), o que permite que os examinados possam se posicionar numa situação comunicativa concreta considerando as situações que acontecem fora da sala de aula. De outro lado, existem diversos exames de proficiência na língua inglesa, contudo, o TOEIC é o único, reconhecido mundialmente, que está focado apenas no âmbito do trabalho e que utiliza tarefas em parte do exame.

Assim, esta pesquisa tem como referência a Retórica Intercultural, que tem como um dos seus princípios básicos identificar os diferentes padrões retóricos que ocorrem em distintas

culturas, com o fim pedagógico de auxiliar os escritores de LE na sua produção escrita (SANCHEZ-JIMÉNEZ, 2020 [2015], p.25).

Aparato teórico

Nossa pesquisa objetiva elaborar critérios retóricos comparativos que auxiliem no ensino de produção escrita aos professores de PLE e ILE, especializados nos exames CELPE-BRAS e TOEIC, respectivamente. Destaca-se que o TOEIC (*Test of English for International Communication*) é um dos exames internacionais padronizados de inglês no âmbito profissional mais prestigiados e é o exame internacional mais usado no mundo, além de ser reconhecido em mais de 160 países, conforme o seu *site* oficial.

O exame CELPE-BRAS (Certificação de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros), por sua vez, é o exame oficial de português, variante brasileira, com validade internacional para comprovar o nível de proficiência na língua portuguesa, conforme o *site* oficial. Esse exame pode ser exigido dos estrangeiros para estudar tanto na graduação quanto na pós-graduação das universidades brasileiras, como também pode ser exigido de profissionais que buscam trabalhar em empresas brasileiras no Chile ou dar aulas de PLE.

Tanto o CELPE-BRAS quanto o TOEIC possuem tarefas na sua composição. De fato, o exame de português está constituído unicamente por elas (SCARAMUCCI, 2001, p. 80). Ellis indica que a tarefa é a forma mais favorável para o estudante desenvolver a competência comunicativa em L2/LE, pois é vivenciada de forma próxima a que é usada fora da sala de aula, isto é, o participante reage à tarefa, visando a utilizá-la como instrumento para a comunicação. Aliás, esse é objetivo principal das tarefas (ELLIS, 2003).

Além disso, nesses exames internacionais, não só se exige do participante apenas completar uma tarefa, mas antes de tudo argumentar. O estudante terá que pensar em um possível interlocutor, ou melhor, na imagem dele projetada na tarefa proposta (AMOSSY, 2011 [2008]). Destarte, terá que ter em conta, em primeiro lugar, a situação de enunciação imaginária para “mobilizar um conjunto de recursos linguísticos e de estratégias discursivas mais ou menos programadas” e, em segundo lugar, o gênero discursivo que “ocupa um lugar particular num espaço social dado e que comporta seus objetivos, suas regras e suas próprias restrições” (AMOSSY, 2011 [2008], p. 133). Dessa forma, o estudante deverá ser capaz de argumentar numa LE para completar a tarefa escrita. No entanto, as atividades didáticas de produção escrita

no ensino de LE têm sido negligenciadas, quando se observa o histórico disponível na literatura. Isso talvez possa ser explicado pelo fato de que a produção escrita de textos é uma habilidade que exige a transposição da L1 para a L2/LE, o que se torna muito complexo de ser acompanhado. A esse respeito, Kaplan (1966, p. 3) afirma que é um erro considerar que o fato de que um estudante possa escrever um ensaio na sua língua materna, de forma apropriada, conforme os padrões próprios do gênero do discurso, seja um indicativo de que também poderá escrevê-lo na L2/LE.

Como aponta Sánchez-Jiménez (2020 [2015], p. 2), entende-se que “a linguagem e a escrita são fenômenos culturais” e, portanto, não há uma forma universal de produzir um discurso escrito ou oral dentro de um gênero discursivo específico. Tal discussão representa um ponto de partida nas discussões da Retórica Contrastiva, como se observa nos trabalhos de pesquisadores como Kaplan (1966), Connor, (2008), Uysal, (2012), Sánchez-Jiménez, (2020 [2015]), entre outros.

Metodologia

A pesquisa em curso será de tipo bibliográfica (GIL, 2008, p. 50) e descritiva (GIL, 2008, p. 28) e supõe um estudo de cunho qualitativo nas análises dos materiais que serão coletados. Após um levantamento bibliográfico, que será desenvolvido durante o segundo semestre do ano 2022, período no qual faremos as leituras necessárias, os fichamentos bibliográficos, e escreveremos a Fundamentação Teórica prevista para realizar as futuras análises. Além disso, no término do primeiro semestre deste ano, submeteremos nosso projeto de pesquisa ao Comitê de Ética.

Durante o primeiro semestre do terceiro ano de pesquisa, selecionaremos o *corpus* de estudo: 1 ensaio de opinião tanto no exame TOEIC quanto no CELPE-BRAS. O nosso critério de escolha é que possuam o mesmo tópico em comum para sermos capazes de contrastar as semelhanças e diferenças de uma forma mais apropriada.

Para além disso, de um lado, nos primeiros meses do ano 2023, faremos um levantamento dos padrões retóricos em ensaios de opinião e de escrita acadêmica em inglês, em um contexto de exames ou na academia. De outro lado, quanto ao português, pretendemos analisar e depreender os padrões retóricas depois de reunir uma quantidade mínima de 30 textos

acadêmicos que, conforme as pesquisas realizadas por outros pesquisadores da área, é uma quantidade mínima que permite a análise de padrões retóricos.

Quanto ao nosso projeto de campo (GIL, 2008, p. 57), acontecerá segundo cinco etapas de coleta, que serão desenvolvidas durante o ano 2023: 1) seleção da amostragem; 2) preenchimento do questionário; 3) cumprimento de uma tarefa, elabora conforme um exame de proficiência em LE; 4) redação do ensaio de opinião; 5) entrevista individual.

Em primeiro lugar, nossa pesquisa estará construída por uma amostragem por acessibilidade (GIL, 2008, p. 94), que será levantada a partir do primeiro semestre do ano 2023. Com o intuito de sua constituição, inicialmente, entraremos em contato com as três universidades públicas mais destacadas de uma região urbana, localizadas na cidade de Santiago do Chile.

Quanto ao processo de construção da amostragem, terá uma duração estimada de 4 meses, nos quais pretendemos formar um grupo de aproximadamente 150 estudantes e trabalhadores como sujeitos de pesquisa. No entanto, somos conscientes de que é um número ambicioso, mas pretendemos estender o convite de participação a essa quantidade devido às necessidades do tipo de estudo que está sendo proposto. Em um processo completo desenvolvido respeitando os princípios da Retórica Intercultural, para que seja representativo, o estudo precisa analisar, no mínimo, 50 ensaios de opinião em português e 50 em inglês. Os critérios de seleção da amostragem serão os seguintes: 1) ter cursado ou estar cursando um curso universitário; 2) ter um nível de proficiência na LE intermediário ou avançado; 3) possuir como língua materna o espanhol.

Em segundo lugar, para aferir a proficiência dos participantes em inglês, usaremos o teste *online* do *site* chamado *Language Level*, disponibilizado de forma gratuita, no qual se indica ao examinando em que nível de LE estão inscritas as suas respostas a partir do CEFR (*Common European Framework of Reference for Languages*). Quanto o exame de proficiência em português, selecionamos o exame do *site Language Life School*.

Em terceiro lugar, serão obtidos os dados demográficos, etnográficos e educacionais dos participantes por meio de um questionário *online*, que será enviado por meio de um formulário de *Google*. Por meio dele, objetivamos analisar o processo de escrita, o *background* histórico e o contexto que afeta tanto a escrita quanto o próprio escritor, segundo Connor, Nagelhout e Rozycki (2008).

Em quarto lugar, faremos o envio do segundo formulário de *Google* com o ensaio de opinião, que terá um tempo limite para ser terminado. No caso do TOEIC, o limite é de 30 minutos, de outro lado, no caso do CELPE-BRAS, será de 1 hora. Essa diferença respeita o tempo disponível para aqueles que realizam cada um dos exames.

Para a análise estrutural dos ensaios, usaremos o *software* de análise de dados qualitativos chamado *QDA Miner Lite*. Pensamos que o emprego deste programa será chave para possibilitar ao pesquisador lidar com grande volume de ensaios de opinião que serão coletados, bem como com as informações obtidas na entrevista final.

Em quinto lugar, como última parte do trabalho de campo, iremos fazer uma entrevista de forma *online* aos examinandos por meio da plataforma *Zoom*. Mediante a plataforma iremos gravar cada entrevista, e o objetivo dessa gravação é a transcrição de partes da entrevista, o que será realizado por meio de um *software* chamado *Speech-to-text* de *Google*. Essa entrevista acontecerá por pauta (GIL, 2008, p.112), com perguntas abertas (GIL, 2008, p.122), em torno de fatos (GIL, 2008, p.125). Devido à natureza desta pesquisa, os entrevistados responderão às questões com as suas próprias palavras e poderão fornecer dados concretos, se for necessário. A entrevista terá uma duração máxima de 20 minutos.

O planejamento da investigação prevê prestar a Qualificação de Doutorado no final do primeiro semestre do ano 2023 e, antes disso, iremos efetuar uma análise piloto com 3 sujeitos em cada exame.

No terceiro trimestre do ano 2023, elaboraremos os critérios de análise do *corpus* conforme a Fundamentação Teórica. Em seguida, nos primeiros meses do ano 2024, faremos as análises das produções escritas do gênero ensaio de opinião do exame CELPEBRAS e TOEIC por meio do método indutivo (GIL, 2008, p. 10) e comparativo (GIL, 2008, p. 16), para que possamos comparar ambos.

Ao final do ano 2024 enviaremos nossa tese à banca de defesa e a início do ano 2025 está prevista a defesa da tese.

Discussão

Acreditamos que os padrões retóricos do inglês e do português, no gênero ensaio de opinião, terão variações significativas devido à caracterização demográfica, à formação acadêmica, à ocupação profissional e ao histórico acadêmico da língua inglesa ou portuguesa

dos sujeitos de pesquisa. Porém, pensamos que será possível depreender movimentos retóricos em comum, em cada língua, o que nos permitirá elaborar critérios retóricos para que os professores de inglês como língua estrangeira (ILE) e português como língua estrangeira (PLE), dedicados ao trabalho com estudantes que prestarão os exames TOEIC e CELPE-BRAS, possam utilizar tais referências no ensino da produção escrita de ensaios de opinião em ambos os exames.

Referências

AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. Coordenação da tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.

BLOOM, B. The thought processes of students in discussion. In S. J. French (ed.) *Accent on teaching: Experiments in general education*. New York: Harper, 1954. pp.23-46.

CELPE-BRAS – Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros. *INEP*. 2019. Disponível em: <http://celpebras.inep.gov.br/celpebras/>. Acesso em: 23 mai. 2022.

CONNOR, Ulla. *Contrastive Rhetoric: cross-cultural aspects of second-language writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

CONNOR, Ulla; NAGELHOUT, Ed; ROZYCKI, William (eds.). *Contrastive rhetoric: Reaching to intercultural rhetoric*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.

ELLIS, Rod. *Task-based Language Learning and Teaching*. New York: Oxford University Press, 2003.

ETS TOEIC. *The TOEIC Program*. Disponível em: <https://www.ets.org/toEIC>. Acesso em: 23 mai. 2022.

GIL, Antonio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

HALLECK, Gene B.; CONNOR, Ulla M. Rhetorical moves in TESOL conference proposals. *Journal of English for Academic Purposes*, n. 5, p. 70-86, 2006.

HEMAIS, Barbara; BIASI-RODRIGUES, Bernardete. A proposta sociorretórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 108-129.

HUH, Myung-Hye; LEE, Inhwan. A search for EFL college students' culture-related rhetorical templates of argumentative writing. *English Teaching*, v. 74, n. 3, p. 55-77, 2019.

KAPLAN, Robert B. Cultural thought patterns in intercultural education. *Language Learning*, n. 16, p. 1-20, 1966.

KRAMSCH, Claire. *Context and Culture in Language Teaching*. Bristol: Oxford University Press, 1993.

LIU, Yameng. Justifying my position in your terms: cross-cultural argumentation in a globalized world. *Argumentation*, n. 13, v. 3, p. 297-315. 1999.

PERELMAN, Chaïm. *O império retórico*. Tradução: Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Edições ASA: Porto, 1992 [1977].

PERELMAN, CHAIM; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de la argumentación – la nueva retórica*. Madrid: Editorial Gredos, 1989.

SÁNCHEZ-JIMÉNEZ, David. 50 años de evolución en los estudios lingüísticos transculturales: de la Retórica Contrastiva a la Retórica Intercultural. *Argus-a: Artes & Humanidades*, Buenos Aires, v. V, n. 18, p. 1-33, 2015. Disponível em: <http://www.argus-a.com.ar/archivos-dinamicas/estudios-linguisticos-transculturales.pdf>

UYSAL, Hacer Hande. Argumentation across L1 and L2 writing: exploring cultural influences and transfer issues. *VIAL – Vigo International Journal of Applied Linguistics*, n. 9, p. 133-159, 2012.

Palavras-chave

Retórica Intercultural. Teorias da Argumentação. TOEIC. CELPE-BRAS. Línguas Estrangeiras.

Letramento e Ensino de Argumentação na Educação de Jovens e Adultos: a construção colaborativa de materiais didáticos

Renata da Silva Posso¹

Profa. Dra. Isabel Cristina Michelan de Azevedo – Orientadora (UESC/UFS)

Apresentação

A oposição de ideias e a existência de conflitos discursivos têm feito parte da construção da história da humanidade no Ocidente, especialmente em torno de temas que geram tensões entre elementos contrários e discursos conturbados. No Brasil, principalmente na última década, observa-se que o viés político tem causado polarização de opiniões, e isso tem gerado um clima de intolerância e a divisão dos cidadãos em lados contrários.

No último triênio, por exemplo, o mundo viveu a pandemia do COVID-19, que ocasionou mais de 6,3 milhões² de mortes em todo mundo e provocou medo entre as pessoas, mudou hábitos, tornou obrigatório o uso de máscara e o isolamento social. Diante desse cenário, a polarização de opiniões diante da negação da gravidade da doença e a subnotificação dos dados epistemológicos geraram boicote às recomendações da OMS, incentivo a tratamentos terapêuticos sem validação científica e tentativas de descredibilizar a eficácia da vacina.

Diante da preocupação de professores e gestores em lidar com a diferença e o dissenso e da dicotomia ocasionada por diferentes situações sociais, este projeto de pesquisa propõe o trabalho com a argumentação na educação básica, como uma oportunidade para os cidadãos assumirem suas posições ideológicas ao defender seus pontos de vista, lutar por seus direitos e por uma sociedade mais justa e igualitária, modificar as situações existentes, a fim de fortalecer a democracia por meio do exercício da cidadania.

Além disso, a BNCC³ (BRASIL, 2018) dentre as dez competências gerais para a educação básica, consta a orientação para o estudante aprender a:

¹ E-mail: renataposso@gmail.com.

² Segundo a World Health Organization: <https://covid19.who.int/>, até o momento já foram 550 218 992 milhões de casos confirmados da doença e 6 343 783 milhões de mortes.

³ A BNCC (BRASIL, 2018) elenca competências específicas para cada área do conhecimento, perpassando todos os segmentos de ensino (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) específicas associadas a cinco áreas do conhecimento, perpassando por toda a educação básica, da educação infantil ao ensino médio, que visam favorecer a comunicação entre os conhecimentos e saberes dos diferentes componentes curriculares (BRASIL, 2010).

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta (BRASIL, 2018, p. 9).

É nesse contexto que se faz necessário pensar no ensino de argumentação em sua dimensão discursiva que permita organizar práticas pedagógicas que superem o uso de estratégias de um sujeito consciente interessado em vencer seu oponente ou persuadir seu ouvinte (PIRIS, 2021). Sendo necessário possibilitar aos estudantes a participação em situações argumentativas na escola (e fora dela), capazes de gerar argumentos que coloquem pontos de vista e posições ideológicas em discussão.

Ainda, destacam-se as reflexões de Azevedo (2016; 2022) referentes à constituição dos sujeitos mediante o desenvolvimento de capacidades argumentativas relacionadas à condição humana, à ação de linguagem e à expressão discursiva, a partir de práticas de linguagem argumentativas, ou seja, quando acontecem em uma situação argumentativa oriunda de situação sociais.

A argumentação também pode ser tomada como um esforço para construir a perspectiva de civilidade, uma maneira de se resolver problemas relacionados a questões políticas, sociais e de convivência, isto é, é compreendido como um viés importante para resolver conflitos por meio da palavra, sem precisar recorrer à força, à violência (GRÁCIO, 2011).

Desse modo, circunscreve-se a importância de se aprender a argumentar, isto é, de se desenvolver um ensino de argumentação voltado para a ideia de argumentar como uma ação de linguagem realizada em um processo interacional, por meio de eventos de letramento que podem desencadear capacidades ligadas à competência argumentativa, bem como nortear ações, saberes e fazeres (FERNANDES, 2021).

Considerando que é a partir da linguagem que nos constituímos como sujeitos inseridos num ambiente social (VOLÓCHINOV, 2017), se faz necessário pensar no desenvolvimento de práticas significativas de leitura, de escrita e de oralidade para que estudantes e professores possam participar efetivamente das atividades de ensino de argumentação. Fazendo com que a participação não se restrinja a exercícios mecânicos e repetitivos, mas se constitua em ações sociais concretas, daí a necessidade de se estabelecer uma relação coerente entre os estudos de letramento e de argumentação.

Em particular, para lidar com a complexidade da EJA, que atende adolescentes, jovens, adultos e idosos, consideramos ser necessários cursos de formação de professores que venham a possibilitar a adequação deles às demandas e, para tanto, é preciso que “[...] direcionem as práticas pedagógicas para uma ação em que não apenas constatem os problemas, mas para que possam aprender a resolvê-los em sala de aula” (BARBATO, 2012, p. 314) e fora dela.

A partir dessas referências iniciais, desenvolveremos nossa investigação a fim de encontrar respostas à seguinte questão: Como os estudos de letramento e as práticas sociais de uso da argumentação podem fundamentar a elaboração colaborativa de materiais didáticos da EJA?

Objetivos

Objetivo geral

Investigar como as práticas de letramento e o ensino de argumentação podem fundamentar a construção de materiais didáticos utilizados pelos professores em turmas do primeiro segmento da Educação de Jovens e Adultos, em escolas públicas dos municípios de Ilhéus (BA).

Objetivos específicos

- * Articular os estudos de letramento às práticas sociais de argumentação na EJA;
- * Criar espaços colaborativos de aprendizagem para a construção de materiais didáticos direcionados à EJA;
- * Elaborar cooperativamente materiais didáticos por meio de oficinas formativas (presenciais e remotas);
- * Analisar os impactos da aplicação dos materiais didáticos construídos pelos professores-participantes da pesquisa.

Justificativa

O interesse em investigar o letramento vem sendo consolidado desde o ingresso desta pesquisadora no Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). A decisão de escolher como objeto o trabalho pedagógico realizado na EJA nasceu da relação com a prática docente na EJA no ensino público de Fortaleza.

Ao longo da experiência docente foi possível observar o comportamento dos estudantes em diferentes situações didáticas, além de escutar manifestações de colegas nos momentos de formação continuada relativas às dificuldades enfrentadas no trabalho docente no cotidiano da escola. As diferentes culturas pertinentes à variação etária e aos diferentes níveis de aprendizado dos estudantes compõem a heterogeneidade das turmas e se consolidam como um fator que torna o trabalho docente ainda mais desafiador. Isso exige do professor um empenho maior no planejamento das práticas educativas, considerando também a elaboração e utilização dos materiais didáticos que podem compor a rotina da sala de aula.

Além disso, a EJA foi escolhida por se entender que, historicamente, essa modalidade tem sido estigmatizada no âmbito educacional, em função do fracasso escolar dos estudantes matriculados nela. As dificuldades no acesso e permanência na escola geram altas taxas de analfabetismo⁴, devido à falta de domínio no uso da língua portuguesa, o que acaba afetando a vida daqueles que em algum momento foram excluídos do sistema de ensino brasileiro⁵.

Ao associar a experiência docente à pesquisa de mestrado, que trouxe uma fotografia da EJA na zona urbana de Ilhéus, foi possível vislumbrar a continuidade aos estudos e conceber esta pesquisa com o acréscimo das discussões em torno do ensino de argumentação, voltado à produção e aplicação de materiais didáticos para o primeiro segmento da EJA.

Embora se trate de um estudo de caso circunscrito à região de Ilhéus, a pesquisa poderá retratar uma realidade que se aproxima de outras identificadas em outras partes do país, daí sua relevância e pertinência.

Aparato teórico

Para a realização da revisão de literatura, procedemos à busca no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES de trabalhos relacionados à temática do letramento e da argumentação na EJA. Por meio da plataforma Sucupira, foram selecionadas pesquisas em que os termos destacados aparecem no título. Com (i) “letramento e ensino de argumentação” não obtivemos nenhum registro; com (ii) “ensino de argumentação na educação de jovens e adultos” também

⁴ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021, há 11 milhões de analfabetos no Brasil entre as pessoas com 15 anos ou mais e ainda reforça a desigualdade social.

⁵ Segundo o Censo Escolar compilado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2022), com a pandemia, houve uma queda de 270 mil estudantes na EJA, com reflexos na alteração no tempo escolar e lacunas irreparáveis no aprendizado dos estudantes.

não localizamos nenhum registro; com (iii) “ensino de argumentação” foram apurados sete resultados, abaixo relacionados:

Os títulos são relevantes, pois trazem a temática do ensino de argumentação e contêm em sua base teórica importantes discussões conceituais relativas ao estudo pretendido. Além disso, nota-se que três pesquisas estão relacionadas à abordagem do ensino de argumentação e o letramento. A tese de doutoramento de Fernandes (2021) se apoia na investigação sobre a configuração do processo de ensino-aprendizagem de argumentação em projetos de letramento com estudantes da 3ª série do ensino médio da rede pública norte-rio-grandense. A tese de Aquino (2018) ressignifica o ensino da argumentação por meio de eventos de letramento em um trabalho empreendido numa turma de 9º ano do Ensino fundamental de uma escola pública do Rio Grande do Norte. A dissertação de Santos (2017) destaca questões pertinentes ao ensino de argumentação no contexto escolar, sinalizadas em atividades cognitivas e metacognitivas na argumentação como auxílio na construção do pensamento crítico, a partir de estudos dos gêneros orais, e aponta caminhos para trabalhar por meio de um produto em formato de caderno pedagógico, formulado como sugestão de material de apoio para auxiliar a prática dos professores da área de linguagem, especialmente na língua portuguesa.

Entretanto, ao relacionar o ensino de argumentação com enfoque na EJA, não foi possível localizar pesquisas que se aproximassem ao que se pretende discutir ao longo desta pesquisa. Dessa forma, esta investigação se apresenta como inédita, com relevância relacionada ao ensino de argumentação associado ao desenvolvimento do letramento de estudantes matriculados na EJA, bem como na forma metodológica que será aplicada.

Metodologia

A presente pesquisa se caracteriza como qualitativa com contato estreito e direto da pesquisadora com o ambiente e a situação que serão investigados. Além disso, é inscrita na LA por relacionar as pesquisas envolvendo os estudos de letramento de vertente sociocultural, por possuir caráter crítico e ético e por seus objetivos superarem a observação e descrição de práticas situadas de leitura e escrita, legitimando os sujeitos de pesquisa na configuração de suas vozes para além dos muros da escola.

Por se tratar de uma pesquisa de campo que envolve um estudo de caso com manejo direto de dados produzidos por seres humanos, será imprescindível a avaliação e aprovação do CEP/UESC.

Para tanto, optamos por realizar: a) coleta de dados em escolas; b) conversas informais com os docentes e as equipes gestoras; c) formação de professores; d) acompanhamento da aplicação dos materiais didáticos; e) entrevistas narrativas com os professores participantes da investigação.

O projeto formativo será estruturado em quatro encontros, dois presenciais e dois remotos, que possibilitarão a construção colaborativa de material didático entre professores-participantes, respeitando a realidade dos estudantes, suas habilidades e dificuldades, enfocando as práticas sociais de leitura, escrita e oralidade. Desse modo, pretende-se promover a capacidade de argumentar dos estudantes de maneira ética e responsável, para que os estudantes sejam capazes de ouvir o outro, concordar ou discordar de diferentes opiniões, defender suas ideias e pontos de vista quando participam de um diálogo.

Após, haverá o acompanhamento da aplicabilidade dos materiais didáticos junto aos estudantes, para que seja possível compreender a interação dos discentes durante nas práticas de linguagem.

O último encontro formativo será destinado às trocas de experiências, por meio de narrativas docentes, a fim de promover o compartilhamento coletivo das percepções sobre o ensino da argumentação por meio das práticas de letramentos.

Discussão

Ao propor uma formação de professores de construção colaborativa de materiais didáticos, visamos alcançar o desenvolvimento da competência n. 7 da BNCC (BRASIL, 2018) através da mobilização de conhecimentos, de atitudes e de valores para resolver demandas da vida cotidiana, tal como se apresenta no documento oficial. Desta feita, proporemos a capacidade de argumentar não condicionada apenas à compreensão de aspectos estruturais relacionados ao discurso argumentativo, mas embasada em uma concepção de argumentação como prática social de linguagem, por meio da qual os sujeitos sociais têm condições de defenderem opiniões em meio ao processo interacional, a partir de uma proposta de ensino situada, vivencial e não simulada (AQUINO, 2018).

Desta maneira, colaboraremos com práticas condizentes as ideias de Freire (1999, p. 68), que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Isso é corroborado por Maturana (1998), ao afirmar que somos transformados na convivência mútua a partir das relações sociais estabelecidas em diferentes espaços, por isso podem ser identificados benefícios aos participantes desta pesquisa (professores, estudantes e a pesquisadora). Por meio de partilhas e trocas, pretende-se contribuir para a reflexão sobre a prática escolar, para suplantarmos os limites das ações cotidianas e vislumbrar novas possibilidades do seu trabalho com a argumentação por meio de práticas sociais de letramento.

Referências

AQUINO, J. L. *O ensino de argumentação em eventos de letramento*. 2018. Doutorado em Estudos da Linguagem Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

AZEVEDO, I. C. M. de. Capacidades argumentativas de professores e estudantes da educação básica em discussão. In: PIRIS, Eduardo Piris; OLÍMPIO-FERREIRA, Moisés (orgs.). *Discurso e argumentação em múltiplos enfoques*. Coimbra: Grácio editor, 2016, p. 167-190.

AZEVEDO, I. C. M. Como desenvolver capacidades argumentativas. *Guia teórico-prático para professores de educação básica*. ResearchGate. 2022, p. 1-8.

BARBATO, S. A alfabetização de jovens e adultos: princípios do ensino dialógico para a formação de cidadãos e cidadãs críticos. In: MAGALHÃES, I. (org.). *Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores*. Campinas: Mercado das Letras, 2012. p. 313-334.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Parecer nº 11, de 7 de julho de 2010. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos*. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de dezembro de 2010.

FERNANDES, F. V. A. *Ensino de argumentação em projetos de letramento*. 2021, 160 f. Doutorado em Estudos da Linguagem Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GRÁCIO, R. A. Do discurso argumentado à interação argumentativa. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 1, p. 117-128, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua Educação*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Censo Escolar de 2021*. Brasília: MEC, 2022.

MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG. [1998]. 2002.

PIRIS, Eduardo Lopes. O ensino de argumentação como prática social de linguagem. In: GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; PIRIS, Eduardo Lopes (orgs.). *Estudos em Linguagem, Argumentação e Discurso*. Campinas: Pontes, 2021. p. 135-153.

SANTOS, V. S. *O debate no ensino de argumentação: reflexões e propostas para o componente curricular língua portuguesa*. 2017. Mestrado Profissional em Letras. Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2017.

UNICEF. *Cenário da Exclusão Escolar no Brasil. Um alerta sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na Educação*. Brasília: Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2021.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Palavras-chave

Educação de Jovens e Adultos; Ensino de Argumentação; Letramento; Materiais Didáticos.

Formação docente para o ensino da argumentação: critérios de planejamento e aplicação de cursos de formação continuada de professores de português para o desenvolvimento das capacidades argumentativas

Soade Pereira Jorge Calhau¹

Prof. Dr. Eduardo Lopes Piris – Orientador (UESC)

Apresentação

Em alinhamento com os esforços de investir a formação de professores para o ensino da argumentação, concordamos com Azevedo (2016) que o desenvolvimento das capacidades argumentativas dos professores é imprescindível ao aprimoramento das capacidades argumentativas dos estudantes e à promoção da construção de seu pensamento crítico-reflexivo. Buscamos, então, por meio da pesquisa-ação, investigar quais critérios devem sustentar o planejamento de cursos de formação de professores de língua portuguesa da educação básica para o ensino da argumentação, de modo a possibilitar o desenvolvimento de suas próprias capacidades argumentativas (AZEVEDO, 2013; 2016; 2019; LIMA; PIRIS, 2021) e o aprimoramento de suas habilidades de planejar e realizar o ensino da argumentação (ENRICONE ET AL, 1998; MENEGOLLA; SANT'ANNA, 2020, entre outros). Desse modo, pretendemos desenvolver um curso de formação continuada baseado nos critérios que serão construídos, aplicados, avaliados e reconstruídos durante a pesquisa.

Considerando que a formação docente constitui-se de vários saberes além do acadêmico (TARDIFF, 2020), podemos conjecturar que os critérios de planejamento podem ser elaborados a partir da articulação entre eixos formativos que englobam teoria, experiência e prática, especificamente: estudo teórico da argumentação (saber disciplinar, construídos na academia); vivência de situações concretas de argumentação (saber prático e saber experiencial); capacitação para a elaboração do planejamento de ensino (saber curricular e saber profissional), o que contribuirá para a aplicação em sala de aula dos saberes construídos durante a formação e, conseqüentemente, o desenvolvimento das capacidades argumentativas dos estudantes durante a realização do planejamento de ensino elaborado na formação continuada.

¹ Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: soade_pereira@hotmail.com.

Objetivos

Objetivo geral

Investigar critérios para o planejamento de curso de formação continuada para professores de língua portuguesa da educação básica para o ensino da argumentação, que lhes possibilite o desenvolvimento de suas capacidades argumentativas e contribua para a aplicação dos saberes construídos em seus planejamentos de ensino.

Objetivos específicos

- Demonstrar a importância de cursos de formação continuada para o ensino da argumentação, visando ao desenvolvimento das capacidades argumentativas dos docentes e à sua capacitação para planejar e realizar o ensino da argumentação na escola;
- Elaborar critérios de planejamentos de curso de formação docente para o ensino da argumentação
- Com base nos critérios elaborados, organizar a formação docente, com material para a aplicação;
- Elaborar parâmetros de análises a fim de verificar se os critérios elaborados contribuem para o desenvolvimento das capacidades argumentativas de professores, bem como para a prática de planejamento de ensino;
- Verificar as capacidades argumentativas mobilizadas pelos professores durante a formação;
- Analisar os planejamentos elaborados pelos mesmos a fim de verificar a capacidade de planejar o ensino da argumentação.

Justificativa

A inquietação inicial deste projeto surge em nossa pesquisa de mestrado, voltada à argumentação no ensino de português como projeto de letramento, onde observamos a preferência, por parte de professores-pesquisadores do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), em seus trabalhos finais de cursos, pela Argumentação Retórica e a ênfase na Linguística Textual. Acreditamos que uma formação de professores orientada às dimensões interacional e discursiva da argumentação, amplia as possibilidades de práticas argumentativas nas aulas de língua portuguesa. Desse modo, a relevância desta pesquisa reside na oportunidade

de fazer avançar as propostas de ensino de argumentação para além das dimensões textual e retórica e, enfim, proporcionando a vivência da prática argumentativa.

Trata-se de uma proposta de pesquisa coerente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9394/96, artigo 63, inciso III, no que tange ao aperfeiçoamento de profissionais em educação, por meio da formação continuada, em virtude de que os resultados obtidos na pesquisa podem contribuir para formações docentes vindouras. Além de comungar com a necessidade de ampliação de propostas de formação inicial e continuada, alertada por Azevedo (2016), uma vez que, essa pesquisadora destaca que poucas matrizes curriculares, tanto dos cursos de Pedagogia, quanto dos cursos de Letras têm possibilidades de formação específica para o ensino da argumentação.

Aparato teórico

Para Plantin (2008 [2005]) a atividade argumentativa não é dialógica, dialogal, é biface e acontece quando se põe em dúvida um ponto de vista, em que o ato de duvidar não pode ficar gratuito, é necessário justificar as razões para tal, orientando os argumentos para outro ponto de vista e em resposta a uma pergunta argumentativa. A resposta dessa pergunta e o desenvolvimento do confronto impulsionam uma situação onde as interações apoiam-se sobre um desacordo que é tematizado ao decorrer da própria interação e impulsiona aos participantes desenvolverem seus pontos de vista de modo planejado, desempenhando funções por meio de três papéis actanciais, a saber, proponente, oponente e terceiro (não concorda nem com a opinião do proponente, nem com a do oponente, apresentando um dúvida). Nessa concepção, os papéis actanciais são desempenhados por sujeitos participativos, que tem posicionamentos sólidos e que buscam fundamentá-los ao decorrer da progressão argumentativa.

Em diálogo com esse estudo, Grácio (2016) compreende que a argumentação rompe com uma prática argumentativa imperativa. Os estudos desenvolvidos por este pesquisador português têm motivação de ordem pedagógica relacionada ao ensino da argumentação acerca das técnicas e certos esquemas argumentativos que ficavam além das expectativas dos alunos, visto que muitos apresentavam dificuldades não de construir, de analisar textos ou discursos argumentados, mas de serem postos à prova em situações concretas de confronto oposicional.

Diante dessas motivações, reflete acerca do estudo da argumentação capacitar as pessoas para serem argumentadores aptos em articular os elementos presentes nas interações argumentativas e delas participarem com maior discernimento, por meio do posicionamento de si no mundo e do exercício da cidadania. Daí que considera a argumentação como essencial para a liberdade de comunicação e contrária aos regimes autoritários, do mesmo modo que nos possibilita dizer “quem somos e onde queremos estar” (GRÁCIO, 2016, p. 31). Nesse sentido, Piris (2021) destaca a importância de reconhecer a argumentação como prática social de linguagem que tem uma perspectiva discursiva, marcada por condições sócio-históricoculturais e ideológicas, logo, é necessária, segundo este estudioso, uma educação que assume como prática problematizadora a situação dos próprios atores que atuam na escola como objeto de conhecimento. Para tal, o planejamento das aulas precisa possibilitar aos educandos a argumentação epistêmica (aperfeiçoar e apreender novos conhecimentos) e realizar a argumentação prática (intervir na sociedade).

Todavia, são vários os desafios, entre eles a forma rasa como a argumentação é abordada nos documentos nacionais, por exemplo, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) há, nas competências gerais, menção a argumentar com base em fatos, dados etc., e que ao argumentar sejam respeitados os direitos humanos, assim como o entendimento de que é preciso o trabalho com diferentes linguagens como condição necessária para saber argumentar. Todavia o documento não traz o que seja argumentar e aborda a argumentatividade, como se fosse argumentação (AZEVEDO, 2017).

Nesse sentido, Azevedo (2015, 2016) aponta que a referência aos aspectos partem do pressuposto que todos os professores têm formação específica, logo poderiam aplicar os conhecimentos em suas práticas pedagógicas cotidianas, mas como a autora notou há uma defasagem na oferta de cursos com ênfase na argumentação na formação inicial quanto na continuada, tanto nos cursos de pedagogia, quanto nos cursos de letras.

Diante dessa realidade, esclarece que é complexa a prática do docente, visto que sozinho terá de estabelecer as distinções e encontrar meios didático-pedagógico para o trabalho com a argumentação. Nesse sentido, enfatiza a premência de ações formativas específicas voltadas aos professores de língua portuguesa, por considerar que estão implicadas na formação dos estudantes, principalmente, no que tange às capacidades argumentativas de ambos (AZEVEDO, 2016, 2017). A autora destaca que as propostas de formação inicial e continuada para o

desenvolvimento das capacidades argumentativas se mostram insuficientes, inclusive pela perspectiva de abordagem dos poucos cursos existentes no Brasil, que acontecem de modo assistemáticos.

Propostas direcionadas às práticas de linguagem que não limitem à argumentação uma única perspectiva são mais amplas, pois a argumentação “mais do que um saber disciplinar, é uma *arte performativa* com uma forte dimensão social, existencial” (GRÁCIO, 2016). Ademais, trabalhar a argumentação na escola, exige de professores e estudantes o reconhecimento das regularidades intrínsecas aos fenômenos discursivos e a utilização de recursos linguísticos que permitem enunciar significados (AZEVEDO, 2016). Bem como, as vozes dos docentes em contexto de sala de aula precisam ser ouvidas, debatidas, questionadas, assim como dos discentes em seus posicionamentos, numa relação de colaboração, interação, contradição e negociação de pontos de vista. E, como bem defende Azevedo (2016, p. 187) “[...] formar professores para qualificar sua ação pedagógica, especialmente em relação ao ensino da argumentação, é um projeto bastante exigente, mas que contribui para a formação de sujeitos ativos, reflexivos, críticos e colaborativos”, por conseguinte, essencial.

Metodologia

Considerando o percurso metodológico, esta proposta de pesquisa é de natureza aplicada; quanto aos procedimentos, é bibliográfica e a abordagem é qualitativa. Além disso, pretendemos desenvolver um tipo de pesquisa-ação por, segundo Thiollent (2011, p. 32), ser um método ou uma estratégia de pesquisa que agrega “vários métodos ou técnicas de pesquisa social, com os quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa”.

É uma proposta que busca desenvolver uma **investigação na/pela ação** tendo em vista que busca por meio da pesquisa avaliar e aperfeiçoar as estratégias desenvolvidas de planejamento de ensino ao decorrer da própria pesquisa pelos cooperadores, quanto a própria pesquisadora.

Com os dados coletados pretendemos analisar:

(1) As transições das rodas de argumentação, e (2) os planejamentos, para buscar (1) as capacidades mobilizadas pelos professores e (2) a capacidade de planejar o ensino da argumentação como prática social de linguagem.

A pesquisa perpassa, no primeiro momento, pela apresentação do projeto à secretaria de educação do município, a fim realizar a anuência da proposta. Em seguida submeteremos esta proposta ao Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Santa Cruz. A partir da aprovação do CEP é que será apresentada aos professores de língua portuguesa do município X, fundamental I e II, os quais serão convidados a um encontro, no local indicado pela Secretaria de Educação, onde serão esclarecidos o objeto de estudo, as formas de participação, as etapas, a entrega do termo de adesão à proposta, sendo esta de livre arbítrio.

Pretendemos realizar dez encontros, cada encontro com 3 horas 30 minutos de duração, tendo em média 30 participantes, organizado a partir de um planejamento de formação docente elaborado a partir da pesquisa teórica acerca de critérios formativos baseados em saberes docentes. O curso é dinâmico, visto que, constará de diferentes propostas de ações (debates argumentativos, prática de planejamentos de aulas etc.) as quais serão organizadas com fins a serem (re)elaborados e/ou aperfeiçoados com a cooperação de todos os participantes.

A fim de coletar os dados serão utilizados os seguintes procedimentos:

- a. Observação participante;
- b. Gravação em áudio de roda de argumentação;
- c. Análise de planejamentos de ensino;

A coleta e a análise dos dados serão utilizadas exclusivamente para a compreensão do objeto de estudo desta pesquisa (as capacidades argumentativas dos professores em formação e a capacidade de planejar e realizar o ensino de argumentação na escola) e de acesso exclusivo da pesquisadora e de seu orientador de pesquisa e, somente os resultados obtidos serão posteriormente divulgados aos cooperadores da pesquisa, em revistas e eventos da área de educação.

Discussão

No contexto desta proposta pretendemos contribuir com a elaboração de cursos de formação de professores de língua portuguesa, da educação básica, com ênfase ensino da argumentação. Nesse sentido, esperamos que os docentes envolvidos ao decorrer da pesquisa não só ampliem suas aprendizagens acerca da argumentação, mas consigam desenvolver suas capacidades argumentativas, bem como a de seus discentes por meio de seus planejamentos de ensino.

Referências

AZEVEDO, I. C. M. de. Desenvolvimento de competências e capacidades de linguagem por meio da escrita de textos de opinião. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n.4, p. 35-47, jun.2013.

AZEVEDO, I. C. M. de; TINOCO, G. M. A. Letramento e argumentação no ensino de língua portuguesa. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 9, p. 18-35, 2019.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de. Organização de textos dissertativo-argumentativos em prosa: o que se percebe em dez anos de realização do Enem? In: FREITAG, Raquel Meister Ko; SILVA, Leilane Ramos da (org.). *Linguagem, interação e sociedade: diálogos sobre o Enem*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2015, p. 33-50.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de. Capacidades argumentativas de professores e estudantes da educação básica em discussão. In: PIRIS, Eduardo Lopes, OLÍMPIO-FERREIRA, Moisés (org.). *Discurso e argumentação em múltiplos enfoques*. Coimbra: Grácio Editor, 2016. p. 167-190.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; DAMACENO, Taysa Mercia dos Santos Souza. Desafios do BNCC em torno do ensino de língua portuguesa na educação básica. *Revista de estudos de cultura*, n. 7, p. 83-92, 2017.

BATISTA, Yuri Andrei; LIMA, Sheyla Fabrícia Alves. Argumentação e formação do professor de língua materna: percursos e transformações. *Miguilim*, Crato, v. 8, n. 2, p. 604-613, 2019.

ENRICONE, D.; SANT'ANNA, F. M.; ANDRÉ, L. C.; TURRA, C. M. G. *Planejamento de ensino e avaliação*. 10. Ed. Porto Alegre: Sagra, 1998 [1983].

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1987 [1970].

GRÁCIO, Rui Alexandre. *Argumentação na interação*. Coimbra: Grácio Editor, 2016.

GRIGOLETO, M. Leitura e funcionalidade discursiva do livro didático. In: CORACINI, M. J. (Org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. Campinas: Pontes, 2011. P. 67-77.

KLEIMAN, Angela Bustos. Letramento e suas implicações para o Ensino de Língua Materna. *Signo*, v. 32, n. 53, p. 1-25, 2007.

PIRIS, Eduardo Lopes. O ensino de argumentação como prática social de linguagem. In: GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; PIRIS, Eduardo Lopes (orgs.). *Estudos em Linguagem, Argumentação e Discurso*. Campinas: Pontes, 2021. p. 135-153.

PLANTIN, Christian. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

MENEGOLLA, Maximiliano. SANT'ANNA, Ilza Martins. *Por que planejar? Como planejar?* 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUZA, Mayana Matildes da Silva; PIRIS, Eduardo Lopes. Reflexões acerca da proposta de ensino de argumentação de um livro didático de português aprovado pelo PNLD/2017. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*. Ilhéus, n. 15, p. 175-195, jan./jun.2018.

TARDIFF, Maurice. *Saberes docente e formação profissional*. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2020

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011

VIDON, Luciano Novaes. A permanência da dissertação escolar nos exames vestibulares: o caso do ENEM. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; PIRIS, Eduardo Lopes. *Discurso e Argumentação: fotografias interdisciplinares – vol.2*. Coimbra: Grácio Editor, 2018. p. 3 - 44.

Palavras-chave

Argumentação no ensino. Língua Portuguesa. Formação continuada de docente.

Formação de professoras/es de inglês à luz de uma postura decolonial e sistêmica: em pauta o estágio e as primeiras experiências na profissão docenteSuellen Thomaz de Aquino Martins¹

Prof. Dr. Rodrigo Camargo Aragão – Orientador (UESC)

Apresentação

A proposta deste projeto nasce de inquietações de meu lugar de fala enquanto mulher, negra, doutoranda, profissional que vive em uma cultura patriarcal²; enquanto ex-professora de inglês da rede básica de ensino público e atual professora na formação inicial/geral; também de inquietações de experiência de formação continuada - o Programa de Desenvolvimento Profissional para Professores de Língua Inglesa (PDPI³). Desse(s) lugar(es), me senti provocada a refletir e a me aprofundar nos estudos sobre formação e emoção docente, com interesse na perspectiva decolonial.

Estudos acerca da formação docente, envolvendo questões relacionadas à dimensão emocional (ARAGÃO, 2007, 2011, 2019; BARCELOS; ARAGÃO, 2018), me mostraram que sentimentos ditos negativos (despreparo, insegurança, etc) são padrão. Por outro lado, essas pesquisas apontam também que “um modelo de formação de professores que considera a promoção da reflexão, baseada na relação cognição-linguagem-emoções como central, pode levar a transformações positivas” (BARCELOS; ARAGÃO, 2018, p. 518).

Além desses estudos, busquei pesquisas de perspectiva crítica, decolonial e sistêmica (BORELLI, 2018; ARAGÃO, 2019; REZENDE, 2020) voltadas à formação docente; conclui daí que emoções de professoras/es de línguas sofrem forte influência de conversações patriarcais (MATURANA, 2002) e padrões coloniais que nos foram impostos, e uma formação crítica e reflexiva, que abarque professoras/es pelo desejo de participar, pode incitar mudanças neste cenário.

¹ E-mail: stamartins@uesc.br

² Segundo Maturana (2004), devido às novas formas de relação fundadas na posse e na apropriação (cultura do pastoreio), a cultura patriarcal passa a redefinir um conjunto de outras relações: posse da terra, da mulher e das/os filhas/os, poder, surgimento da disputa, guerra, hierarquias, dinâmicas de desumanização etc.

³ Este programa busca capacitar professores de inglês da educação básica em efetivo exercício na rede pública de ensino e estreitar as relações entre Brasil e EUA, por meio da oferta de curso intensivo de seis semanas em uma universidade nos Estados Unidos (FULBRIGHT, 2014).

A partir do pensamento decolonial é possível ampliarmos nossas reflexões acerca da formação discente/docente (PESSOA, BORELLI, 2018), e da maneira de estar no mundo, agir e pensar (acrescento aqui o sentir) sobre esse mundo (MIGNOLO, 2008). Refletir e problematizar nossas experiências de formação é urgente e necessário, pois é inegável que o processo formativo, colonialista e patriarcal, valida o racional e incita um caráter arbitrário às nossas emoções (MATURANA, 2002, p. 52) e que as concepções imperialistas e coloniais afetam as emoções e as práticas de professoras/es de inglês.

Visando atender a essa demanda, proponha uma pesquisa-formação⁴ que incite a reflexão sobre a prática, reconheça a dimensão emocional da profissão docente e que problematize, com as/os participantes, as colonialidades no processo formativo e no ensino e aprendizagem de inglês. Ou seja, proponho neste projeto um espaço de escuta e de formação reflexiva, crítico-decolonial e colaborativa, com base em experiências e conversações.

Assim, inspiro-me em estudos da Linguística Aplicada que relacionam formação e emoções de professoras/es (MATURANA, 1997, 2005, 2009; MATURANA; VARELA, 1995; ARAGÃO, 2008; COELHO, 2011; BARCELOS, ARAGÃO, 2018) e na epistemologia decolonial (MIGNOLO, 2005, 2008; WALSH, 2007; BORELLI, 2018; NASCIMENTO, 2019) em diálogo com a Linguística Aplicada Crítica (MOITA LOPES, 2006, 2013; PESSOA, 2006; CELANI, 2008; BORELLI, 2018; REZENDE, 2020), procurando responder as seguintes perguntas:

- 1) Como problematizar a formação docente considerando as emoções e experiências de professoras/es de inglês (*pre-service/in-service*) no período de estágio e nos primeiros anos da profissão?
- 2) Pode se afirmar a existência de relação entre sentimento, experiências e sentidos construídos com modelos racionais/coloniais de ensino/aprendizagem?
- 3) Como os traços/marcas de colonialidades interferem na formação e atuação dessas/es professoras/es de inglês geo-historicamente localizadas/os?
- 4) Como os sentidos podem ser (re)construídos acerca das emoções e práticas de professoras/es, considerando uma formação crítico, reflexiva e decolonial?

⁴ Segundo Walsh (2013, p. 67) “decolonialidade não é uma teoria a seguir, mas um projeto a assumir”. Pensando nisso, intitulo esta proposta de pesquisa-formação, pois busco não somente compreender as questões de interesse, mas também desenvolver um projeto em que nos oportunize reconhecer outros saberes, desenvolver outras forma de conhecimento, reconstruir sentidos e pensar possibilidades.

Objetivos

Objetivo geral

Pensar a formação de professoras/es de inglês (*pre-service / in-service*), e suas implicações para a prática pedagógica, à luz de uma postura decolonial e sistêmica.

Objetivos específicos

- Problematizar a formação docente tendo como base as emoções e as experiências de professoras/es de inglês no período de estágio e nos primeiros anos da profissão;
- Refletir sobre os sentimentos, as experiências e sentidos construídos quando relacionados a modelos racionais/coloniais de ensino/aprendizagem;
- Compreender os traços de colonialidade que interferem na formação e atuação dessas/es professoras/es de inglês geo-historicamente localizadas/os;
- Discutir e analisar as possibilidades de resignificação das emoções e práticas de professoras/es de inglês mediante o desenvolvimento de um projeto de formação crítico, reflexivo e decolonial.

Justificativa

São poucas as pesquisas que versam sobre o início da profissão de professoras/es de línguas (SILVA; ROCHA, 2017). Além disso, não foi identificado no levantamento de literatura - feito na base da Capes e em artigos publicados em revistas renomadas da área - nenhum trabalho que busca problematizar a relação entre formação de professoras/es de inglês (*pre-service / in-service*) à luz de uma postura decolonial e sistêmica.

Também, é hora de os cursos de formação de professores problematizarem as concepções colonialistas/estruturalistas/modernistas de ensino e de língua e olhar esse ensino como uma questão de possibilidades criadas pelos agentes que fazem parte de cada contexto e podem falar a respeito desses lugares (SKLIAR, 2006). É preciso que vejamos a formação como um movimento de nos prepararmos para o inesperado (MASTRELLA-DE-ANDRADE; PESSOA, 2019, p. 23), para um movimento decolonial.

Ainda, investigações sobre emoções são importantes para compreendermos a formação e práticas docentes. Ademais, as emoções fazem parte de nossas identidades e têm influência sobre nosso querer pessoal e profissional, por modularem nossas ações (MATURANA, 2005;

ARAGÃO, 2007, 2011); assim como as colonialidades que exercem um forte impacto em nossas emoções e identidades.

Aparato teórico

Refletir sobre a formação docente é importante para se compreender o fazer pedagógico, o processo de ensino/aprendizagem e as emoções de professoras/es de inglês. Entendendo que não “há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato” (MATURANA, 2002, p. 22), advogo, ainda, que a dimensão emocional de professoras/es de inglês está diretamente relacionada com a noção de colonialidade (MIGNOLO, 2008), pois essas influenciam nossas crenças, emoções, nossa formação, nosso ensinar/aprender línguas.

Defendo que todas as fases da formação de professoras/es de inglês, assim como a aprendizagem de línguas, são atravessadas por conversações (entrelaçamento entre o linguajar e o emocionar - MATURANA, 1988) que se pautam em dualidades e hierarquias (conversações patriarcais) que nos fazem sentir menor ou inferior (colonialidades) àquilo que desejamos fazer (matriz emocional). A ideia de uma única língua inglesa padrão, por exemplo, atrelada a um dono (falante nativo inglês/americano) é reforçada diariamente no processo de ensino e aprendizagem (por meio de livros, gramáticas etc.), devido ao histórico do inglês como a língua do imperialismo colonial⁵.

Em outras palavras, a formação docente, as teorias de aprendizagem (MAGALHÃES, 2004) e práticas de ensino dessa língua tem carregado vestígios do seu passado colonial, que derivam de culturas e ideologias euro-eua centradas, e tem reforçado/mantido o imperialismo cultural das potências colonizadoras, principalmente através da epistemologia do falante nativo, que afeta nossas emoções no processo de ensinar/aprender. Todas essas formas de dominação caminham juntas, de forma integrada, e representam o projeto colonial que é reverberado até hoje por meio das colonialidades.

Daí a importância do autoquestionamento e de diálogos críticos para que possamos sair desse lugar de neutralidade e universalidade, driblarmos as arramas dessa ciência racional

⁵ A emancipação de países do terceiro mundo, que se encontravam sob dominação no século XIX, representa o fim do colonialismo. No entanto, mesmo após o fim do colonialismo, a colonialidade foi mantida que é a instauração de “uma matriz de poder colonial” (GROSFOGUEL, 2010, p.467) europeia para racializar e classificar a população não-europeia do mundo. Neste texto, o que me interessa são as colonialidades por afetarem a formação, as emoções docentes e o ensino.

eurocêntrica e nos voltarmos para a construção do conhecimento geo e corpo-politicamente localizado (MIGNOLO, 2009). Especificamente no que tange o ensino de inglês, precisamos problematizar narrativas e discursos que frequentemente difundem a ideia de “língua neutra” (MENEZES DE SOUZA, 2019, p. 246) euro-eua centrada e que nos divide em dois: nativos/não-nativo, brancos/não-brancos, melhor/pior etc - divisões que nos segregam e nos hierarquizam.

Questões como essas me instigam a refletir sobre as conversações que constituem a formação docente, a conversar criticamente sobre a relação entre as colonialidades e o sentir e agir de professoras/es de inglês em formação/em serviço e a difundir reflexões e provocações que promovam resistência aos discursos dominantes (de língua, sujeito, de ensino, realidade/verdade), na tentativa de construir um projeto de pesquisa-formação voltado para o (re)pensamento decolonial no ensino de línguas. Para tanto, me inspiro nas frentes epistemológicas pós-estruturalistas da Linguística Aplicada (MATURANA, 1997, 2005, 2009; MATURANA; VARELA, 1995; ARAGÃO, 2007, 2011, 2019; BARCELOS; ARAGÃO, 2018), que dialogam com as perspectivas presentes na LAC (CANAGARAJAH, 2005; MOITA LOPES, 2006, 2013; PESSOA, 2006; CELANI, 2008; BORELLI, 2018; REZENDE, 2020) e com as discussões sobre decolonialidade (MIGNOLO, 2005, 2008; WALSH, 2007; PESSOA; BORELLI, 2018; NASCIMENTO, 2019) por apresentarem um ponto de interesse em comum: a importância do processo reflexivo, crítico e colaborativo para formação docente.

Metodologia

Inscrita no campo da Linguística Aplicada Crítica, de viés decolonial, esta proposta classifica-se como qualitativa e traz uma perspectiva êmica, ou seja, a partir do ponto de vista dos envolvidos (NUNAN, 1992; DENZIN; LINCOLN, 2013). Este projeto vislumbra uma pesquisa-formação crítico-decolonial, reflexiva e colaborativa com professoras/es de inglês (*pre service/in-service*) da rede pública de ensino, que estão diretamente envolvidas/os com o estágio. O intuito é promover espaço propício para conversas críticas e colaborativas, escuta cuidadosa e reflexões, a fim de que as/os participantes possam modular, quando necessário, as ações pedagógicas. As conversas serão gravadas em áudio e transcritas.

Especificamente, os procedimentos serão: questionários inicial e final; narrativas verbais (diários escritos ou orais), visual e autobiográfica; planos de aula; textos e materiais áudio-

visuais para discussão; observação das aulas e anotações da pesquisadora. O estudo será longitudinal (um período de 1 ano) de forma que eu possa caminhar com as/os PFI no último ano da graduação (período de estágio) e nas primeiras experiências na profissão docente, e conversar com as/os PF e com as/os OS.

Após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética, 3 grupos de participantes serão convidadas/os: (1) seis professoras/es em formação inicial/licenciandas/os (PFI) de Letras regularmente matriculadas/os na disciplina de estágio II de língua inglesa na universidade/instituição locus da pesquisa; (2) seis professoras/es supervisoras (PS) de inglês da rede pública de Ilhéus (municipal, estadual ou federal) de ensino básico em serviço, que no momento da coleta de dados aceitem receber os estagiários, e (3) duas professoras/es formadoras/es (PF) da universidade que estejam ministrando a disciplina de estágio em Língua Inglesa durante o período da pesquisa. Os locais pré-definidos para este trabalho são a UESC e a(s) escola(s) públicas de ensino básico nas quais as/os PFI farão seus estágios.

A organização (transcrição e tematização) e a discussão dos documentos gerados seguirão os critérios metodológicos de André (2008), entendendo que os sentidos são construídos por mim (minhas “subjetividades” e “perspectivas” de pesquisa) e pelas/os participantes e estão intrinsecamente relacionados ao desenvolvimento do estudo. Assim, as interpretações/análises dos documentos combinarão a visão êmica (visão das/os participantes) com a minha enquanto pesquisadora e se apoiarão em aspectos da prática decolonial (construção do conhecimento de forma colaborativa e não-verticalizada).

Discussão

Argumento que a formação docente deve contribuir para um ensino de línguas reflexivo, crítico-decolonial, voltado à emancipação, empoderamento e libertação dos sujeitos das amarras patriarcais e conversações binárias (desenvolvido/subdesenvolvido, superior/inferior etc) que corroboram para a manutenção da projeção imaginada da/o falante (que parte do investimento emocional).

Acredito que esta pesquisa-formação oportunizará às/aos participantes refletirem sobre sua formação acadêmica e profissional; sobre a formação que querem ter/promover; sobre o “para quê” e “para quem” estão ensinando. Também dará liberdade para compartilharem suas práticas e, por meio da colaboração com outras/os agentes, poderão (des/re)construir e

compreender essas práticas, auto avaliando seus posicionamentos, suas crenças e emoções, criando contextos propícios à mudança, à transformação e, principalmente, oportunidades de ensino e aprendizagem de viés decolonial.

Além disso, espero, em especial, que as/os professores da rede pública de ensino (PS) possam se enxergar (e serem vistas/os) como agentes críticas/os, capazes de tomar decisões socioculturalmente conscientes e formar alunas/os reflexivas/os e críticas/os. Por fim, os resultados da investigação oferecerão aportes interessantes sobre formação docente de viés crítico e decolonial para a comunidade de professoras/es de línguas em formação inicial e continuada/em serviço.

Referências

ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 2008.

ARAGÃO, R. C. *São as histórias que nos dizem mais: emoção, reflexão e ação na sala de aula*. 2007. 287 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

ARAGÃO, R. C. Emoções no ensino/ aprendizagem de Línguas. In: ANDRADE, M.R.M de. (Orgs.). *Afetividade e emoções no ensino/ aprendizagem de línguas: múltiplos olhares*. São Paulo: Pontes Editores, p. 163-189, 2011.

ARAGÃO, R. C. LINGUAJAR E EMOCIONAR OS TEMPOS DE CRISE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS. In: Silva, Walkyria Magno e. / Silva, Wagner Rodrigues. / Campos, Diego Muñoz (Org.) *Desafios da Formação de Professores na Linguística Aplicada*. Campinas, SP : Pontes Editores, 2019, p. 243-276

BARCELOS, A. M. F.; ARAGÃO, R. C. Emotions in language teaching: a review of studies on teacher emotions in Brazil. *Chinese Journal of Applied Linguistics*, v. 41, p. 506–531, 2018

BORELLI, J. D.V.P. *O estágio e o desafio decolonial: (des)construindo sentidos sobre a formação de professores/as de inglês*. Tese de Doutorado (UFG). 224f. Goiânia, 2018.

CANAGARAJAH, A.S. (ed.) *Reclaiming the Local in Language Policy and Practice*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2005.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Ensino de línguas estrangeiras; ocupação ou profissão. In: Leffa, Vilson. *O professor de Línguas Estrangeiras: construindo a profissão*. 2d. pelotas: EDUCAT, 2008

COELHO, H.S. *Experiência, emoção e transformação na educação continuada*. 2011. 176f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2011.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. The discipline and practice of qualitative research. In: DENZIN, Norman K. (Ed.) *The landscape of qualitative research*. 4ª ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2013. p. 1-41.

FULBRIGHT. *Bolsas para brasileiros*. Disponível em: <<http://fulbright.org.br/bolsas-para-brasileiros/>>. Acesso em: 17 maio. 2014.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura. S.; MENESES, Maria P. (Org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 455-491.

MAGALHÃES, M. C. C. A linguagem na formação de professores como profissionais reflexivos e críticos. In: MAGALHÃES, M. C. C. (Org.). *A formação do professor como um profissional crítico: linguagem e reflexão*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 59-85

MATURANA, H. *Ontology of observing: The biological foundations of self consciousness and the physical domain of existence*. In Conference Workbook: Texts in Cybernetics, American Society For Cybernetics Conference. Felton: CA, 1988.

MATURANA, H. Ontologia do Conversar. In: MAGRO, C.; GRACIANO, M.; VAZ, N. (Orgs.). *A Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997. p. 167-182.

MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002 [2005]

MATURANA, H.; VARELA, F. *A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Editorial Psy II, 1995.

MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R. Abandonamos a sala da universidade: uma opção decolonial no estágio de inglês e na formação docente crítica. *Rev. Bras. Linguíst. Apl.*, Ahead of Print, 2019

MENEZES DE SOUZA, L.M.T. Educação linguística: repensando os conceitos de língua e linguagem. In: FERRAZ, D.M.; KAWACHI-FURLAN, C.J. *Bate-papo com educadores lingüísticos: letramentos, formação docente e criticidade*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019

MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: A opção decolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF -Dossiê:Literatura, língua e identidade*, n 34, p. 287-324, 2008

MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo:

Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, L. P. Introdução. Fotografias da Linguística Aplicada brasileira na modernidade recente: contextos escolares. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Linguística Aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 15-37.

NASCIMENTO, G. Raça e Resistência ao racismo em atividades de Língua Inglesa no Sul da Bahia. *REVISTA X*, Curitiba, v. 14, n. 3, p. 121-137, 2019.

NUNAN, D. *Research methods in language learning*. New York: Cambridge University Press, 1992.

PESSOA, R.R. Reflexão interativa: Desvelando e transformando Teorias práticas sobre o ensino de inglês na escola pública. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, 45(1): 75-86, Jan./Jun. 2006

PESSOA, R.R.; BORELLI, J.D.V.P. Apresentação In: PESSOA, R.R.; BORELLI, J.D.V.P. (Org.) *Reflexão e Crítica na Formação de Professores de Língua Estrangeira - Goiânia*: Editora UFG, 2018. p.11-16

REZENDE, T. “SOMOS A RESISTÊNCIA”: EMOÇÕES DE PROFESSORAS/ES (DE INGLÊS) DE ESCOLAS PÚBLICAS. Tese de Doutorado (UFES). 253f. Vitória, 2020

SILVA, A. P; ROCHA, S. A. *O abandono da carreira docente por professores iniciantes: a mudez nas pesquisas*. X Encontro Internacional de Formação de Professores, XI Fórum Permanente Internacional. Aracaju: UNIT, 2017.

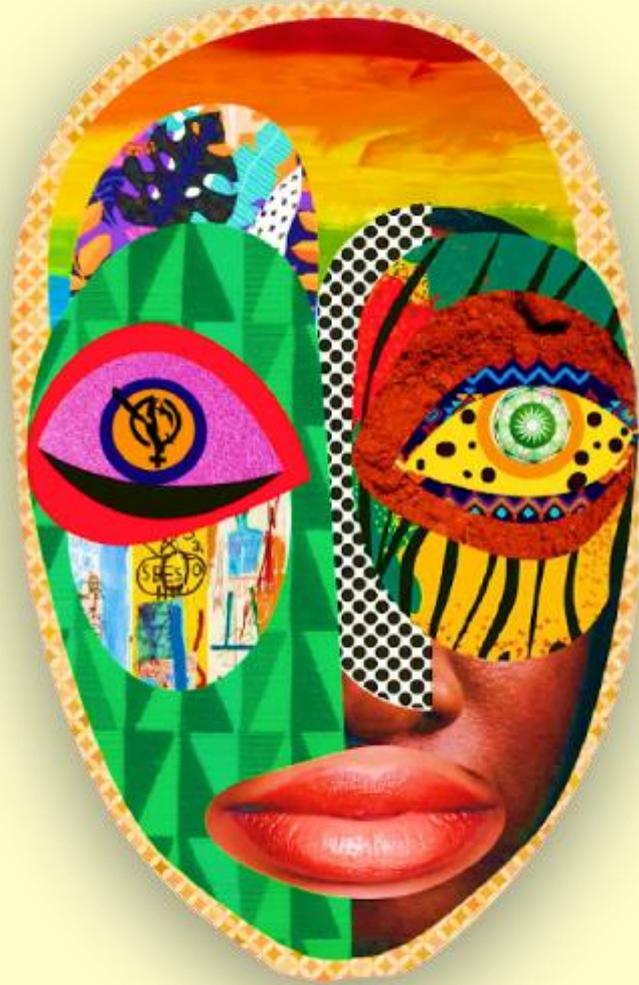
SKLIAR, Carlos. 2006. A inclusão que é nossa e a diferença que é do outro. In: RODRIGUES, David. (Org.). *Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. Summus Editorial: 15-34.

SMYTH, J. *Teachers as collaborative learners: challenging dominant forms of supervision*. Buckingham: Open University Press, 1991.

WALSH, C. Shifting the Geopolitics of Critical Knowledge: Decolonial Thought and Cultural Studies ‘Others’ in the Andes. *Cultural Studies*, v. 21, n. 2 – 3, pp. 224 – 239, 2007.

Palavras-chave

Formação de professoras/es de inglês. Reflexão. Decolonialidades. Emoções. Experiências de ensino



LINHA C
LINGUAGENS E ESTUDOS DE GÊNERO

Autotraço: a ilustração como modo de se narrar

Camila Luiza Lelis¹

Prof. Dr. Marcus Antônio Assis Lima – Orientador (UESC)

Apresentação

Depois de muito tempo sendo tratados como subcategoria em uma equivocada comparação à literatura, além de limitados ao nicho infantojuvenil, os quadrinhos conseguiram alcançar o patamar de nona arte dentro das classificações artísticas, sendo apreciados como uma classe independente produtora e propagadora de cultura, informação e entretenimento. Com isso, tornaram-se objeto de estudos acadêmicos que passaram a documentar sua história, evolução criativa, personalidades importantes e determinações técnicas de produção e publicação que, conseqüentemente, canonizaram os quadrinhos em um conjunto determinante de regras e padrões muitas vezes impostos por demandas comerciais que, ao mesmo tempo em que ajudaram a orientar o reconhecimento de técnicas e formação de futuros quadrinistas, também criaram barreiras que excluem empreitadas mais arrojadas que ousem ir além dos enquadramentos. Estamos falando, aqui, das *graphic novels* – que prefiro chamar de romances gráficos – um meio de publicação que surgiu com a ascensão dos quadrinhos e que, normalmente, está além de muitas definições padronizadoras. O romance gráfico, principalmente o autobiográfico e/ou de publicação independente, apresenta características que ultrapassam aquelas que pertencem aos quadrinhos, sendo obras portadoras de um cunho narrativo similar ao literário e que trazem em sua composição propriedades teóricas muito mais próximas da escrita literária do que do aporte técnico dos quadrinhos.

Porém, estas propriedades teóricas não estão estabelecidas como pertencentes a um ou outro estilo, fazendo com que as obras gráficas acabem se encontrando em um limbo por não preencher as lacunas de nenhuma das duas determinações artísticas. É necessário que se possa observar quais características compõem o fazer literário e artístico dos romances gráficos, principalmente através do estudo acerca de seu maior diferencial, que é a ilustração.

¹ Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: cllelis@uesc.br

Diferentemente de obras literárias que possuem ilustrações que atuam como recurso visual, as imagens presentes nos romances gráficos são a própria narrativa e exercem um protagonismo dominante na categoria, principalmente quando se trata de uma obra autobiográfica, pois o artista não está criando personagens ou trabalhando a ficção em prol de uma narrativa sequencial, mas representando a si mesmo e exprimindo sua perspectiva pessoal elaborada para que o público leitor alcance a mesma percepção. Neste caso, as ilustrações e a escrita são de mesma autoria e identifica-se nelas justamente aquele traço livre de técnicas quadrinistas e fora dos padrões que não se encaixa nos quadrinhos. Logo, partindo da compreensão do modo autobiográfico e independente de se construir esse traço, urge a necessidade de um conceito que possibilite a investigação da ilustração, a partir do momento em que ela cria, também, um modo de se narrar.

Sendo assim, indaga-se: as características literárias da escrita autobiográfica podem estar presentes em outros elementos além da escrita como, por exemplo, a ilustração em romances gráficos autobiográficos, considerando-se que ela é a narrativa? Como as ilustrações de romances gráficos autobiográficos indiciam a possibilidade de tornar o Autotraço um conceito que reflete, através das imagens, uma nova narrativa autobiográfica?

Objetivos

Objetivo geral

Investigar as características literárias da escrita autobiográfica presentes em outros elementos além da escrita como, por exemplo, a ilustração em romances gráficos autobiográficos, considerando-se que ela é a narrativa.

Objetivos específicos

1. Averiguar como a ilustração indicia a possibilidade de tornar o Autotraço um conceito que cria, através dela, uma nova narrativa autobiográfica;
2. Mostrar a capacidade da ilustração como uma das formas de se narrar;
3. Discutir a importância do conceito de Autotraço como uma das bases de um novo gênero narrativo, considerando o comportamento insurgente do romance gráfico autobiográfico enquanto desafiador das determinações canônicas dos quadrinhos;
4. Identificar o potencial narrativo das imagens em outras manifestações narrativas;

5. Analisar o Autotraço como um conceito capaz de sustentar a perspectiva teórica de uma investigação acerca da ilustração, a partir do momento em que ela se torna um modo de se narrar.

Justificativa

Quando o gênero do romance gráfico ganhou força no universo dos quadrinhos, trouxe de volta a antiga característica *underground* da independência, através de publicações autônomas e de temáticas pessoais que destoavam dos regramentos e demandas artísticas comuns das publicações em massa das grandes editoras, fugindo das obrigações técnicas da ilustração e enaltecendo tanto o desenho quanto a narrativa, fortalecendo as possibilidades autobiográficas e/ou de relatos de vivência e testemunho. E esse potencial do romance gráfico se deve muito ao fato de que, através dele, é possível um aproveitamento das possibilidades artísticas de uma produção autoral genuína. Em se tratando de relatos pessoais, a autorrepresentação ilustrada em uma obra acaba se tornando um autorretrato tanto do presente como também, e mais importante, do passado.

Isso atraiu ilustradores e roteiristas que também destoavam dos comportamentos sociais normativos e que encontraram no gênero do romance gráfico uma maneira de exprimir suas próprias vivências em diversas temáticas como sexualidade, raça, gênero, transexualidade etc. E, mesmo que as grandes editoras já tenham descoberto o potencial dessa categoria e estejam investindo, o romance gráfico continua sendo considerado uma maneira de escapar da dependência monetária dos conjuntos editoriais e das limitações dos processos criativos dos quadrinhos, ao mesmo tempo que abre portas para que artistas fora dos padrões normativos sociais possam ter maior visibilidade.

Sendo assim, o conceito de Autotraço se vale da possibilidade de permitir que aqueles que se encontram fora dos requisitos de produção de quadrinhos tenham a chance de pautarem sua criação em uma sólida análise teórica que conjecture seu trabalho não somente como aquilo que foge das regras e que está à margem das definições – o que não significa que esta descrição seja injusta ou incorreta, já que é válido e frutífero o incentivo à insurgência dentro do campo artístico em geral – mas que também encontre respaldo teórico em um conceito que possa não apenas identificar modos criativos – evitando, cautelosamente, cair em contradição e criar novas regras excludentes – mas, também, orientar futuras produções.

Aparato teórico

Esta pesquisa será composta por três capítulos que, cada qual ao seu modo, utilizarão um arcabouço teórico, tanto principal quanto de suporte, característico de sua temática que possa corroborar com o intuito da investigação proposta. No primeiro capítulo, serão apresentados e analisados os seguintes objetos desta pesquisa:

Monstrans: experimentando horrormônios (2021). Com o apoio do projeto *Rumos Itaú Cultural*, o autor, artista e quadrinista Lino Arruda publicou esta que é sua autobiografia em quadrinhos, em que ele relata sua infância, adolescência e fase adulta com foco em sua vivência como pessoa com deficiência, na descoberta de sua sexualidade e nas reflexões acerca de sua identidade de gênero. Lino é transmasculino e dedica seu trabalho como quadrinista, tanto nesta obra como em *zines* publicados em outros anos, a abordar temáticas como transexualidade, cotidiano, sexualidade e visibilidade, o que colaborou para que sua autobiografia fosse o relato de vivência de uma pessoa que cresceu sob fortes intervenções e julgamentos sociais de políticas sobre seu corpo e tentativas compulsórias (internas e externas) de normatização de sua imagem e identidade.

Outra obra proposta como objeto de pesquisa para este projeto é o romance gráfico britânico *Desconstruindo Una* (2018), em que a autora e desenhista de pseudônimo Una projeta em sua obra uma mistura de memória, jornalismo e reflexão acerca dos acontecimentos traumáticos de sua infância nos anos de 1970 em Yorkshire, Inglaterra, que concomitaram com a caçada policial ao “Estripador de Yorkshire”, um assassino em série que violentava e assassinava mulheres na sua cidade. Entre os relatos dos assassinatos cometidos pelo criminoso durante mais de uma década, Una recorda a primeira vez que foi violentada sexualmente quando tinha dez anos de idade e como a sociedade conservadora que a cercava a fez acreditar que, da mesma forma que as mulheres atacadas pelo assassino em série eram culpadas por suas vulnerabilidades, ela também seria a responsável não somente por aquele estupro que sofreu, mas por outros abusos sexuais que aconteceram na adolescência e fase adulta.

Através destes dois objetos de pesquisa, será apresentado, no segundo capítulo, a proposta de análise destas obras enquanto se estabelece a criação do conceito de Autotraço. Por meio do uso de duas teorias fundamentais aos Estudos Literários acerca da escrita autobiográfica, pretende-se averiguar as referências teóricas que podemos identificar nas obras

de romance gráfico autobiográfico, porém não (somente) na sua narrativa, mas nas imagens, com o intuito de provar a existência de capacidades narrativas de cunho autobiográfico na construção das ilustrações. Para tal intento, pretende-se recorrer à *Escrita de Si*, de Michel Foucault (2004) e à análise literária de Leonor Arfuch (2010), no que concerne o *Espaço Biográfico*.

Para corroborar com a argumentação que deu origem a este projeto, de que pelas imagens também se pode criar narrativas, o terceiro capítulo apresentará obras que acrescentam para este debate contextos e fomentações críticas acerca do tema, como, por exemplo, a obra ficcional *Filhos do Verão* (2021), da artista indiana Anpu Varkey, que, de maneira delicada e totalmente sem palavras, narra as aventuras de dois irmãos pelo sul da Índia através de ilustrações no estilo pontilhismo. Também estará presente a tese de doutorado de Nick Sousanis, intitulada *Desaplanar* (2017), que foi produzida e defendida totalmente ilustrada, justamente por se propor a analisar a confluência entre palavra e imagem nos campos artístico e linguístico. Para os apontamentos teóricos deste capítulo, recorrerei à perspectiva sociológica de Silvia Rivera Cusicanqui, através de sua obra *Sociología de la Imagen: miradas ch'ixi desde la historia andina* (2015), e à História da Arte, pelo crítico Georges Didi-Huberman e sua obra *Diante do Tempo: história da arte e anacronismo das imagens* (2015).

Até a finalização e defesa desta tese, espera-se que outras contribuições argumentativas e que possibilitem o aprofundamento do tema possam ser acrescentadas a este arcabouço teórico principal.

Metodologia

Como metodologia deste projeto, pretende-se pautar a investigação principalmente pelas teorias literárias de Michel Foucault (2004), acerca da escrita de si, e de Leonor Arfuch (2010) e o espaço biográfico. Considerando que tais abordagens já são consolidadas dentro dos Estudos Literários como imperativas de análises de obras autobiográficas, será através delas que se buscará investigar as características literárias que podem estar presentes na criação de imagens narrativas.

O conceito de Autotraço será construído através de um arcabouço teórico que dará suporte a esta investigação, em que se elencará, dentro das determinações teóricas, o que está

presente nas ilustrações dos romances gráficos propostos como objetos desta pesquisa que seja análogo aos princípios de produção autobiográfica.

Discussão

Uma autobiografia em quadrinhos pode apresentar inúmeras possibilidades de autorreflexão em se tratando de uma narrativa que permite que a imagem também seja parte da construção literária e não somente cenográfica, como é o caso de quadrinhos clássicos. Quando se trata de uma ilustração autobiográfica, temos aí a chance de vislumbrar a imagem que o artista tem de si na lembrança e que ele se propõe a expor. A criação do conceito de Autotraço vem suprir uma demanda que se faz presente ao lançar um olhar analítico para as ilustrações autobiográficas. O conceito se baseia no pressuposto de que as imagens presentes nos romances gráficos autobiográficos são o próprio enredo da obra, já que a possibilidade de que se crie uma ilustração (traço) de si mesmo (auto) pode ser analisada tanto pelo viés artístico da produção, pelo viés dos Estudos Literários e seus determinantes teóricos acerca da escrita autobiográfica, como também pela ideia de desenhar a si mesmo para fins narrativos.

O Autotraço se torna, então, o conceito que sustenta que uma ilustração autobiográfica permite que o artista construa uma narrativa através da imagem, tendo um comprometimento com a obra e a proposta de se narrar.

Referências

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ARRUDA, Lino. *Monstrans: experimentando horrormônios*. São Paulo: Ed. do Autor, 2021.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Sociología de la Imagen: miradas ch'ixi desde la historia andina*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do Tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- SOUSANIS, Nick. *Desaplanar*. São Paulo: Veneta, 2017.
- UNA. *Desconstruindo Una*. São Paulo: Editora Nemo, 2016.

VARKEY, Anpu. *Filhos do Verão*. Campinas: Editora Balaio, 2021.

Palavras-chave

Autotraço. Ilustração. Autobiografia. Romance Gráfico.



A alusão e a arquitetônica da escrita autobiográfica feminina em Clarice Lispector

Denise Gonzaga dos Santos Brito¹

Profa. Dra. Vânia Lúcia Menezes Torga – Orientadora (UESC)

Apresentação

Compreendendo a linguagem como atividade que está indissociavelmente vinculada à vida e que, por isso mesmo, num espaço-temporal, é única, singular e irrepetível, a arquitetônica nos permite lançar um olhar mais amplo sobre as narrativas de Clarice Lispector. A partir da leitura das obras que compõem os *corpora*, percebemos que a alusão, enquanto estratégia discursiva de leitura e de escrita, pode desvelar a arquitetônica da escrita autobiográfica feminina nos textos clariceanos, por meio do imbricamento entre os elementos ético, estético e cognitivo, valorados axio-dialogicamente. Assim sendo, o presente projeto se vale das noções bakhtinianas de dialogismo, de axiologia, de arquitetônica, dentre outros, bem como da noção de alusão proposta por Torga (2001, 2006, 2007, 2008) para observar como a alusão se configura na arquitetônica da escrita autobiográfica feminina nas obras *Perto do Coração Selvagem* (1943), *Água Viva* (1973), *A Hora da Estrela* (1977) e *Um Sopro de Vida* (1978) de Clarice Lispector.

Objetivos

Objetivo geral

Investigar como os recursos alusivos estão configurados na arquitetônica da escrita autobiográfica feminina nas narrativas *Perto do Coração Selvagem* (1943), *Água Viva* (1973), *A Hora da Estrela* (1977) e *Um Sopro de Vida* (1978), de Clarice Lispector.

Objetivos específicos

- 1- Identificar nas narrativas em epígrafe os elementos constituidores da arquitetônica da escrita autobiográfica feminina de Clarice;

¹ E-mail: dnisegonzaga@gmail.com

- 2- Identificar as marcas linguístico-semânticas da alusão, que, com a memória, indiciam as estratégias discursivas da arquitetura da escrita autobiográfica feminina em Clarice Lispector;
- 3- Discutir a falta, como um dos aspectos constitutivos da memória e do esquecimento, na construção da arquitetura da escrita autobiográfica feminina clariceana;
- 4- Analisar como a alusão desvela a escrita autobiográfica feminina nas obras *Perto do Coração Selvagem* (1943), *Água Viva* (1973), *A Hora da Estrela* (1977) e *Um Sopro de Vida* (1978), de Clarice Lispector.

Justificativa

Os estudos linguísticos e literários têm se debruçado ao longo dos últimos anos sobre a autobiografia. Uma das razões que explicam tal interesse é o fato de que é nesse espaço enunciativo-dialógico que as alteridades se relacionam, permitindo ao pesquisador analisar os múltiplos aspectos da vida humana em sua interação com outros enunciados. A vida autobiografada na literatura é potencializada na grande temporalidade, trazendo, por meio da memória, os significados de uma vida que se reinventa, de modo que o presente trabalho pode contribuir de forma sólida para a leitura, a análise e a interpretação de textos autobiográficos no espaço ficcional.

Aparato teórico

Os textos que compõem o espaço biográfico articulam-se num jogo duplo, na medida em que, ao mesmo tempo em que são históricos são também ficção (Cf. ARFUCH, 2010). No caso específico da autobiografia, os estudos de Mikhail Bakhtin (2010) e de Philippe Lejeune (2008) contribuíram sobremaneira para a ampliação do conhecimento que se tinha até então sobre esse gênero. Para Lejeune, a autobiografia é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14).

Philippe Lejeune deu início às suas reflexões, que culminaram na elaboração da famosa noção do pacto autobiográfico, que é um tipo de vínculo estabelecido entre autor e leitor, por meio do qual se pressupõe que existe, na obra, uma relação de identificação entre autor, narrador e personagem. O pacto autobiográfico é, portanto, “a afirmação, no texto, dessa identidade,

remetendo, em última instância, ao nome do autor, escrito na capa do livro” (LEJEUNE, 2008, p. 26). Na autobiografia, essas instâncias mantem uma relação isonômica.

Para Lejeune (2008, p. 15), um texto é autobiográfico, quando ele respeita uma relação fundamental, que é a “relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem”. Isso quer dizer que, para que um texto seja efetivamente considerado uma autobiografia, é imprescindível que ele respeite uma suposta isonomia entre essas três categorias. Dessa forma, há autobiografia quando autor, narrador e personagem são a mesma pessoa, sendo essa, inclusive, uma condição *sine qua non* para a existência desse gênero. Sem isso, nada feito.

Bakhtin (2010) também nos ofertou um conceito de (auto) biografia. Para ele, a biografia ou a autobiografia é a forma transgrediente imediata em que o eu pode objetivar artisticamente a si mesmo e sua vida. A questão que nos interessa surge exatamente quando a autobiografia serve para a auto-objetivação, estreitando a relação entre o caráter particular do autor em sua relação com a personagem (BAKHTIN, 2010).

A proposta de Lejeune, quando estabelece essa noção de pacto autobiográfico, dá credibilidade aos textos desse gênero, fazendo-nos pensar a noção de real enquanto representação fiel do passado. Contudo, esses questionamentos ganham um novo fôlego quando nos posicionamos no terreno dialógico, considerando o inacabamento do sujeito. Havendo, na autobiografia, uma isonomia entre as três instâncias (autor, narrador e personagem), há, contudo, três consciências enunciativas diferentes umas das outras, diferindo-se a partir de seus estágios de acabamento.

No texto autobiográfico, é preciso que o autor ocupe uma posição extralocalizada, de modo que ele precisa se distanciar de si mesmo no presente para mergulhar nas memórias do passado. A partir de sua excedência de visão, ocupa uma posição extralocalizada, em relação a ele mesmo, permitindo dessa forma a ressignificação do passado. Com isso, o vivido ganha ares novos, uma vez que o eu do presente tenho um acabamento diferente do eu do passado.

Apesar de essas consciências possuírem acabamento distintos, é possível se falar ainda em uma identificação entre elas, que se mantém através da dialogia. A posição extralocalizada do sujeito permite um diálogo entre essas duas consciências, vinculando-as e permitindo uma identificação entre elas (SANTOS; TORGA; CAVALCANTE FILHO, 2018).

O homem, ao atuar no plano estético, valora a realidade ético-cognitiva, condensando e iluminando tais elementos. É no plano estético, da arte, que o ser humano consegue

compreender aquilo que lhe é transgrediente, aquilo que lhe escapa no plano ético-cognitivo. Ao criar uma nova realidade estética, o sujeito possibilita a fruição de múltiplos sentidos, os quais revelam um diálogo vivo, real, entre a arte e a vida, mediado por, ao menos, duas consciências. Assim, “as partes constituintes dos enunciados se articulam no todo, construindo sentidos e, por fim, as relações axio(dia)lógicas construídas dessa movência semântico-dialética é concretizada histórica, social e culturalmente” (SANTANA, 2017, p. 118).

Tais relações revelam o que Bakhtin, na década de 1920, chamou de arquetônica, que permite que não apenas se perceba um discurso central e único, mas também as múltiplas vozes que o constitui. Desse modo, quando se pensa em descrever a arquetônica de um texto, está-se pensando na busca por um todo significativo da obra, nas múltiplas relações axio-dialógicas que constroem essa unidade de sentido, razão pela qual podemos dizer que perceber a arquetônica de um texto é percebê-lo em suas diversas dimensões, analisando as partes que compõem o todo semântico da obra em uma relação ética, estética, cultural, social, histórica com o mundo, com o Outro.

Assim, o conceito de arquetônica que iremos trabalhar nesta pesquisa está intimamente relacionada com a formação de um todo harmônico, constituído por valores éticos e cognitivos, no qual as partes que compõem esse todo estão umbilicalmente ligadas, constituindo uma unidade de sentido. Entendemos, portanto, a arquetônica como a construção “do discurso, com vistas a ser portador de uma ordenação, uma unidade de sentido, considerando sua totalidade, ou seja, é a articulação dialética e dialógica da forma, do material e do conteúdo” (SILVA FILHO, 2017, p. 66).

A alusão, na perspectiva teórica proposta por Torga (2001, 2006, 2007, 2008), é a estratégia discursiva que pode nos fazer perceber e identificar a arquetônica da escrita autobiográfica na obra de Clarice Lispector. Utilizando a teoria da alusão, conseguimos lançar sobre os textos clariceanos um novo olhar e conseguimos visualizar a existência de uma arquetônica de uma escrita autobiográfica feminina em sua obra.

É interessante perceber que existe uma relação intrínseca entre escrita feminina, autobiografia e memória. De início, vale pensar que a noção usual de memória está intimamente ligada ao passado, mas não podemos perder de vista que a memória se liga muito mais ao futuro do que ao passado propriamente dito. Paradoxalmente, a memória está muito mais relacionada

com o esquecimento, com a falta, do que com a lembrança, e liga-se muito mais ao exercício de criação do que ao resgate fiel do vivido.

Na escrita autobiográfica, assim como em qualquer outro gênero que compõe o espaço autobiográfico, o retorno ao passado não é marcado apenas pela reconstrução do vivido, mas pelo desejo do futuro e se compõe de lacunas, de rasuras, de lapsos, de esquecimentos, de silenciamentos. Há uma manipulação do passado, da nossa existência, ao omitir, rasurar, riscar, sublinhar ou dar destaque a algumas passagens (ARTIÈRES, 1998). Por essa razão, a escrita autobiográfica é tanto uma rememoração/invenção do passado quanto uma projeção/criação do futuro, e é nessa relação que a escrita autobiográfica feminina de Clarice Lispector se articula.

Nesse sentido, o estudo dos textos da autora de “Perto do Coração Selvagem” nos possibilita lançar um novo olhar sobre as obras dessa brilhante escritora que, em conjunto, arquitetam, sob as luzes da alusão, uma escrita autobiográfica feminina. Isso porque a obra de Clarice, que vive no grande tempo, rompendo gerações, se atualiza continuamente e é ressignificada no presente semântico-enunciativo daquele que recepciona a obra literária.

A análise dos textos clariceanos nos possibilita perceber novos sentidos, novas leituras, ao trazer à superfície as memórias de uma vida ressignificada e valorada axiologicamente no plano estético, permitindo, assim, “a confrontação rememorativa entre o que era e o que chegou a ser, isto é, a construção imaginária de “si mesmo como outro” (ARFUCH, 2010, p.54-55; grifo da autora).

Assim sendo, as narrativas autobiográficas, quando inseridas no plano literário, são potencializadas na grande temporalidade, possibilitando não apenas ao leitor contemporâneo recuperar os fenômenos semânticos latentes no texto, mas também compartilhar as experiências de ser e de estar no mundo de um sujeito enunciativo que, ao recordar, ressignifica a sua existência no fio dialógico da linguagem humana.

Metodologia

A presente investigação tem como base metodológica a pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico do fazer literário-enunciativo em Clarice Lispector, tendo como base teórica as ideias de Bakhtin e do Círculo: Bakhtin (1997, 2000, 2010, 2015), memória e autobiografia, espaço biográfico em Arfuch (2010, 2013), Lejeune (2008, 2014); Alusão em Torga (2001, 2006). Serão analisadas as seguintes obras: *Perto do Coração Selvagem* (1943), *Água Viva*

(1973), *A Hora da Estrela* (1977) e *Um Sopro de Vida* (1978), sendo a pesquisa desenvolvida em quatro etapas. No primeiro momento, temos como critério a leitura cronológica das obras. Em seguida, serão feitos o levantamento bibliográfico e a revisão teórica dos conceitos-chave que permeiam este trabalho, para, posteriormente, eleger quais fragmentos irão compor o corpus da pesquisa, respeitando-se o princípio qualitativo proposto, bem como a relação do corpus com as teorias adotadas nesta investigação. Sustentada pelos aparatos teóricos, a pesquisa poderá passar para a próxima etapa, que é a da análise do corpus, objetivando a confirmação, a refutação ou a complementação da hipótese. Por fim, com base nos resultados da análise, será elaborado o texto final- tese

Discussão

A arquitetônica da escrita autobiográfica feminina clariceana é desvelada a partir de alusões presentes em sua obra, no uso de metáforas, de metonímias, de memórias de passado e de futuro que revelam uma escrita em constante processo de atualização e ressignificação, bem como um pensar e agir para além da palavra encarnada. É o que ocorre, por exemplo, em: “E durante longos e profundos segundos soube que aquele trecho de vida era uma mistura do que já vivera com o que ainda viveria, tudo fundido e eterno” (LISPECTOR, 1998c). Percebe-se aqui uma escrita que se projeta para o futuro, futuro esse que, na perspectiva bakhtiniana, não é compreendido como uma projeção linear no tempo, mas como uma manifestação de incompletude, de reinvenção de sentidos, explicitando a ideia do devir, do vir a ser e do porvir. Desse modo, ao se fundirem a memória de passado e a memória de futuro, instaura-se a singularidade, de modo que, por meio da excedência de visão, o outro dá o acabamento necessário ao sujeito que rememora, atualizando a sua existência no mundo.

Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, v.11, n.21, 1998. Disponível em https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/arquivar_a_propria_vida.pdf. Acesso em 23 nov. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo; Martins Fontes, 2010.

- LEJEUNE, Philippe. *O Pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LISPECTOR. Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.
- LISPECTOR. Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.
- LISPECTOR. Clarice. *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998c.
- LISPECTOR. Clarice. *Um Sopro de Vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. *Relações axio(dia)lógicas na arquitetônica do discurso de Jesus sobre o pão da vida*. 2017. 124p. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- SANTOS, Yuri Andrei Batista; TORGA, Vânia Lúcia Menezes Torga; CAVALCANTE FILHO, Urbano. Perspectivas de uma escrita de si: Análise comparativa de discursos no gênero autobiografia. *Linha D'Água* (Online), São Paulo, v. 31, n. 3, pp. 191-210, set.-dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/150202/149042>. Acesso em 23 nov. 2021.
- SILVA FILHO, Urbano Cavalcante da. *A arquitetônica da divulgação científica nos enunciados das conferências populares da glória (séc. XIX)*. 2017. 541p. Tese (Doutorado em Letras) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- TORGA, Vânia Lúcia Menezes. *O movimento de sentido da alusão: uma estratégia textual da leitura de "Ler e Escrever e Fazer Conta de Cabeça" de Bartolomeu Campos Queirós*. 2001. 98p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- TORGA. Vânia Lúcia Menezes. *O Risco do Bordado de Aufran Dourado – A Alusão nos Gêneros Textuais: o Romance e a Tese*. 2006. 204p. Tese (Doutorado em Letras) Belo Horizonte, 2006.
- TORGA. Vânia Lúcia Menezes. "Aludir é melhor que nomear": a leitura e a alusão no texto literário. *A Cor das Letras*, v. 8, n. 1, pp.193-204. Feira de Santana: UEFS, 2007. Disponível em <https://doi.org/10.13102/cl.v8i1.1576>. Acesso em 2 de nov. 2021.
- TORGA. Vânia Lúcia Menezes. Crônicas de Machado de Assis – "pra quem sabe lê, um pinguêlê". *Anais... XI Encontro Regional da ABRALIC*, de 23 a 25 de julho de 2007, São Paulo, 2008. Disponível em <https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/> Acesso em: 22 nov. 2021.

Palavras-chave

Alusão. Arquitetônica. Autobiografia. Memória. Escrita feminina.

O funcionamento do cinismo na Blogueirinha do fim do mundo

Renata de Melo Gomes¹

Prof. Dr. Maurício Beck – Orientador (UESC)

Apresentação

Esta pesquisa objetiva compreender o funcionamento do cinismo, enquanto discurso crítico, em vídeos da midiativista Maria Bopp interpretando a personagem Blogueirinha do fim do mundo. Essa compreensão se dará a partir do entendimento de que o discurso ficcional em questão carrega marcas do cinismo de base diogeníaca, como o caráter contestador ao poder, especificamente ao do atual presidente. Já os posicionamentos de Bolsonaro remeteriam a outro funcionamento, próprio ao cinismo moderno e burguês, ou seja, incorporado pelo poder – a *razão cínica*. Para isso, retomaremos discussões realizadas, principalmente, por Navia (2009), que explora o cinismo em Diógenes, filósofo da Grécia antiga; Foucault (2011) e Sloterdijk (2012), que possibilitam uma leitura do presente através dos conceitos de cinismo, e de Baldini (2012), que contribui com os estudos do discurso cínico em Análise de Discurso.

A partir do discurso irônico da Blogueirinha do fim do mundo, é possível explorar o discurso presidencial de forma a explicitar outros sentidos possíveis latentes neste. Através dessa exploração, buscaremos compreender o funcionamento do discurso da personagem que é produzido pelo deslocamento de sentido do cinismo: do discurso cínico, em Bolsonaro, relacionado ao cinismo moderno, ao discurso irônico, com marcas do cinismo diogeníaco, na Blogueirinha do fim do mundo.

Tentaremos responder ao seguinte problema: como se dá o trabalho do sentido sobre os sentidos no cinismo? já que “toda sequência de enunciados é, linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação” (PÊCHEUX, 1990, p.53). Para responder a essa demanda, partiremos do pressuposto de que o cinismo, nos vídeos da midiativista, se estabelece através de discurso irônico (ORLANDI, 2012 [1983]); já o cinismo, observado em Jair Bolsonaro, através do discurso cínico (BALDINI, 2012).

Estes estudos serão realizados à luz da Análise de Discurso Materialista. Partiremos da ideia de discurso em Pêcheux (1969), atualizada por Orlandi (2005), como “efeito de sentidos

¹ Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: rmgomes@uesc.br

entre locutores” (p. 21). O cinismo, nos vídeos, será tomado, em seus efeitos de sentido, como atualizações de interdiscursos – discursos oriundos de diferentes lugares e momentos históricos – atravessados pela atualidade. Dessa forma, se fundamentará, predominantemente, na costura da tríplice teórica que orienta os estudos da Análise de Discurso materialista: o Materialismo em Marx, atualizado por Althusser; a Psicanálise em Freud e Lacan; e a Linguística em Saussure.

Objetivos

Objetivo geral

* Compreender o funcionamento do discurso irônico com marcas de cinismo diogeniaco, em vídeos de Maria Bopp, ao interpretar/encenar a Blogueirinha do fim mundo.

Objetivos específicos

- * Identificar os pronunciamentos de Jair Bolsonaro relacionados às temáticas tratadas nos vídeos de Maria Bopp, que possibilitam uma análise do funcionamento do cinismo baseado na *razão cínica* (SLOTERDIJK, 2012);
- * Compreender como se dá o trabalho do sentido sobre os sentidos do discurso cínico em Jair Bolsonaro para o discurso irônico em Maria Bopp ao interpretar a Blogueirinha do fim do mundo;
- * Examinar os mecanismos envolvidos na produção de sentidos dos vídeos da Blogueirinha do fim do mundo.

Justificativa

No atual contexto desfavorável para as classes populares, é fundamental compreender o funcionamento dos discursos presentes nas mídias sociais, como os da personagem de Maria Bopp, que faz provocações que contribuem para estimular o espírito crítico, problematizando questões políticas da atualidade. Além disso, o Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), busca contribuir com o empoderamento de parcela da sociedade brasileira, como as mulheres, minoria dentre os que fazem críticas sociais em formatos semelhantes ao dos vídeos de Bopp.

A escolha dos vídeos está relacionada a postagens em que ocorre, continuamente, deslocamento entre os dois sentidos de cinismo, cujo funcionamento pretendemos

compreender, como em *Pronunciamento da gripezinha* (30/03/2020), *Término do meu namoro* (28/04/2020) e *Beba tubaína* (30/07/2020). Em *Pronunciamento da gripezinha* a personagem enfoca o discurso em que o presidente denomina a Covid-19 como “gripezinha” e “resfriadinho”. Em *Término do meu namoro*, é abordado pronunciamento de Jair Bolsonaro sobre a saída do governo do ministro da justiça, Sérgio Moro. Enfim, em *Beba tubaína*, a personagem critica o posicionamento – menos agressivo, denominado “paz e amor” por parte da mídia nacional – de Bolsonaro, quando determinadas situações o afetavam e pessoas próximas a ele. Esse período foi marcado por fatos, como a prisão de Fabrício Queiroz, ex-assessor do senador Flávio Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro, e a suspensão de uma rede de perfis do Facebook de apoiadores do atual governo, associada à disseminação de *fake news*.

Vale ressaltar que, após minuciosa pesquisa bibliográfica, constatamos não haver estudos relacionados ao proposto. Logo, esta pesquisa possui objeto e corpus inéditos, além de suportes teóricos e analíticos consistentes, o que nos permite considerá-la favorável para contribuir com o desenvolvimento acadêmico.

Aparato teórico e metodologia

Maria Bopp é Influenciadora Digital, por se tratar de formadora de opinião, não se restringir a apenas uma plataforma e produzir conteúdo (KARHAWI, 2017). Por não se enquadrar no *mainstream* midiático, ou seja, à “grande mídia”, é considerada profissional da mídia alternativa (FOLETTTO, 2018). Nesse sentido, inferimos que Bopp é uma midiativista, visto que, na atualidade, o midiativismo, segundo Foletto,

é aquele em que pessoas – ou grupos, organizados em rede – criam seus próprios relatos de acontecimentos, normalmente de interesse público como protestos, manifestações e reuniões coletivas, e assim disputam uma “guerra de narrativas” com os veículos de referência. (FOLETTTO, 2018, p.97).

Logo, Bopp faz parte da disputa de narrativas no espaço midiático, favorecendo essa forma de enfrentamento na luta de classes.

Tomaremos como teoria e metodologia basilar para nossos estudos a Análise de Discurso materialista, o que significa considerar os sujeitos como sujeitos do desejo inconsciente, sempre-já interpelados pela ideologia e engendrados pela linguagem. Nesse sentido, segundo Beck e Esteves (2012),

essa corrente teórica se constitui na intersecção de três campos de conhecimento distintos, a saber: em uma concepção de língua-sistema de tradição estruturalista (Saussure); numa noção de sujeito cindido inconsciente e irredutível às suas necessidades, mas estruturado por seus desejos de base psicanalítica (Freud-Lacan) e, por último mas não menos importante, na teoria althusseriana, de cunho materialista histórico (e revolucionário), acerca da instância ideológica. (p.137).

Trata-se de teoria que problematiza a redução do humano aos seus aspectos psicológicos, biológicos e sociais, aliando três campos, ainda que sem a pretensão de homogeneizá-los (PÊCHEUX, 1990).

Também é fundamental elucidar alguns princípios e conceitos necessários para esta pesquisa. Como princípio fundamental, tomaremos o equívoco, a opacidade e a contradição como o que é próprio da língua (GADET; PÊCHEUX, 2004). O discurso, efeito de sentidos estabelecido pela posição dos sujeitos em dadas condições históricas, será amplamente acionado em nossos estudos e servirá de base para as análises como é para a Análise de Discurso.

Os indivíduos estudados serão considerados como sempre-já sujeitos, interpelados ideologicamente e inscritos em determinadas Formações Discursivas, ou seja, com “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2014, p. 160), em imbricação às Formações Ideológicas que atravessam o discurso. Logo, para a compreensão do funcionamento do cinismo nos vídeos da Blogueirinha do fim do mundo, é necessário analisar o efeito do interdiscurso, isto é, daquilo que fala antes, em outro lugar, para a construção de sentidos do discurso (PECHEUX, 2014).

Assim, consideramos a construção discursiva da Blogueirinha do fim do mundo em relação aos posicionamentos de Bolsonaro como uma leitura irônica deles. Para isso, tomaremos a ironia como um discurso que (re)produz ou destrói sentidos (ORLANDI, 2012). Conforme Orlandi:

Na “interlocação”, na prática discursiva, quando as palavras constituem um determinado universo do dizer, há ironia. Ela não está no locutor, não está no ouvinte, não está no texto: está na relação que se estabelece entre os três. Mesmo o que não parece irônico, pode sê-lo; depende da relação que se estabeleça. (ORLANDI, 2012, p.26).

Não se trata de dizer o contrário ou de um desvio, “a ironia é um acontecimento discursivo que comunica e, ao mesmo tempo, recusa de comunicar, mantendo o estado de dúvida” (ORLANDI, 2012, p.28). Logo, a ironia enfatiza o equívoco e se engendra na

multiplicidade de sentidos, construídos a partir da atualização histórica do pré-construído no interior de uma Formação Discursiva aceitável.

Em relação ao discurso irônico, recorremos ao que Freud toma como leis da condensação e do deslocamento, metáfora e metonímia em Lacan (LACAN, 1999). No caso da metáfora, temos “um significante que surge no lugar de outro significante” (LACAN, 1999, p.180). Ela diz do que vem antes, do que não pode ser dito, trazendo profundidade de sentidos, retomando o reprimido que insiste em se inscrever. A metonímia, por sua vez, diz do que falta (LACAN, 1999). Para Pêcheux,

a metáfora aparece fundamentalmente como uma perturbação que pode tomar a forma do lapso, do ato falho, do efeito poético, do Witz ou do enigma. A metonímia apareceria ao mesmo tempo como uma tentativa de “tratar” esta perturbação, de reconstruir suas condições de aparecimento, um pouco como um biólogo reconstrói conceptualmente o processo de uma doença para intervir sobre ela. (PÊCHEUX, 2015, p.160).

Dessa maneira, não existe objeto sem ser metonímico, ao mesmo tempo em que não existe sentido sem ser metafórico, resgate do recalcado. É nesse movimento que se realiza a linguagem, e é, também, nessa relação que reivindicamos a compreensão do discurso irônico. Dessa forma, buscaremos, no discurso ficcional de Maria Bopp, compreender o funcionamento do cinismo, a partir do discurso irônico constituído por metáforas e metonímias.

Para isso, tomaremos como discurso ficcional certa leitura da realidade que, segundo Beck e Pacheco,

cria possíveis quadros da realidade que nos permitem compreender o mundo e suas relações significativas, de modo que tais narrativas tornam-se referenciais para as problematizações que fazemos do nosso entorno, ocasionalmente respondendo-as ou mesmo contribuindo para a desnaturalização/desconstrução das "verdades" que dele [o mundo] retiramos. (BECK; PACHECO, 2016, p.30).

Logo, entendemos o discurso dos vídeos da Blogueirinha do fim do mundo como um quadro irônico da realidade – um dos possíveis, dada a opacidade da linguagem – que será analisado por meio da leitura das sequências discursivas, ao produzirem “encadeamentos entre a língua, imagem, sonoridade, na remissão às condições de produção” (ADORNO, 2015, p. 24), em relação a outras, a partir de uma regularidade.

O discurso cínico de Bolsonaro transpõe a noção, relacionada à ideologia, de que os sujeitos desconhecem, mas fazem, para outra em que os sujeitos têm conhecimento, mas isso não inibe que façam. Conforme Sloterdijk (2012), os cínicos modernos

Sabem o que fazem, mas o fazem porque as ramificações objetivas e os impulsos de autoconservação a curto prazo falam a mesma língua e lhes dizem que, se assim é, assim deveria ser. Dizem-lhes também que, de qualquer maneira, ainda que eles não o fizessem, outros o fariam, talvez pior. (SLOTERDIJK, 2012, p. 33).

Assim, os cínicos modernos sabem, mas agem como se desconhecêssem as interdições postas na cultura.

Discussão

Espera-se, com esta pesquisa, contribuir com a compreensão dos efeitos de sentido dos discursos presentes nas mídias sociais e do funcionamento do discurso irônico diogeníaco e do discurso cínico. A discussão, nesse sentido, poderá avançar perspectivas sobre os discursos cínicos em abordagem analítica.

Referências

ADORNO DE OLIVEIRA, Guilherme. *Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs*. Campinas, 2015. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas.

BALDINI, Lauro José Siqueira. Discurso e cinismo. In: MARIANI, Bethania; MEDEIROS, Vanise (orgs.). *Discurso e... ideologia, inconsciente, memória, desejo, movimentos sociais, cinismo, corpo, witz, rede eletrônica, língua materna, poesia, cultura, mídia, educação, tempo, (homo)sexualidade*. Rio de Janeiro, 7Letras: 2012. p. 103-112.

BECK, Maurício.; ESTEVES, Phellipe. M. S. O sujeito e seus modos: identificação, contraidentificação, desidentificação e superidentificação. *Leitura*, v. 2, p. 135-162, 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/1152/787>. Acesso em: 4 out. 2020.

BECK, Maurício.; PACHECO, Shirley C. A perversidade-causa secreta: O discurso ficcional entretecendo posições sujeitos. *Litterata*, Ilhéus, v.6, n. 1, jan.-jun. 2016. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/1212>. Acesso em: 6 set. 2020.

FOLETTTO, Leonardo F. Midiativismo, mídia alternativa, radical, livre, tática: um inventário de conceitos semelhantes. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). *Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018. p. 95-110.

FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II*. Editora Martins Fontes, 2011.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível*. Campinas: Pontes, 2004.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. In: Abrapcorp – Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas, 11., 2017, Belo Horizonte. *Anais do XI Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas: Comunicação e Poder Organizacional: enfrentamentos discursivos, políticos e estratégicos* Belo Horizonte: Abrapcorp, 2017, p.46-61. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/Artigo-1-Communicare-17-Edi%C3%A7%C3%A3o-Especial.pdf>. Acesso em: 18 out. 2020.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

NAVIA, Luis E. *Diógenes, O cínico*. São Paulo: Odysseus Editora, 2009.

ORLANDI, Eni. Destruição e construção do sentido: um estudo da ironia. *Discursividade*, Campo Grande, n.9, jan./maio 2012 [1983]. Disponível em: <http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/09/Arquivos/eniorlandi.pdf>. Acesso em: 11 out. 2020.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*, Trad. Eni Pulcinelli Orlandi, Campinas, SP: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. Metáfora e Interdiscurso. In: ORLANDI, Eni P. (org.). *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 2015.

SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da razão cínica*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

Palavras-chave

Análise de discurso materialista. Discurso cínico. Discurso irônico. Blogueirinha do fim do mundo.

Círculos restaurativos de justiça: olhares discursivos sobre patriarcado, regulações e tensões de gênero

Rodrigo Eduardo Rocha Cardoso¹

Profa. Dra. Dra. Marlúcia Mendes da Rocha – Orientadora (UESC)

Prof. Dr. Rogério Luid Modesto dos Santos – Co-orientador (UESC)

Apresentação

Trata-se de pesquisa etnográfica sobre relações de gênero, poder e tensões nos círculos de justiça restaurativa com homens acusados de violência doméstica na 2ª Vara Crime de Ilhéus.

Círculos de Justiça Restaurativa são estratégias novas implementadas no Poder Judiciário brasileiro há pouco mais de uma década. Envolvem a possibilidade de construção de paz, acordos humanos e reflexão sobre a responsabilização do sujeito. Na 2ª Vara Crime de Ilhéus a prática/estratégia de círculos de Justiça Restaurativa conta com convite e participação voluntária das pessoas acusadas de violência nas relações de gênero. A estratégia dos círculos foi adotada na 2ª Vara Crime de Ilhéus por iniciativa da Juíza Sandra Magali Brito Silva Mendonça e teve início em setembro de 2021. O pesquisador possui certificação enquanto facilitador de Círculos de Justiça Restaurativa e recebeu convite para participar da condução dos círculos no início de 2022.

O pesquisador já participou dos círculos com um grupo de 05 homens acusados de violência doméstica, e percebeu que há, por parte deles, uma tentativa de mascarar a realidade e fazer circular um discurso de poder e dominação, o que significa que, ao tomarem a palavra, parecem nem sempre ser sinceros (contrariando a diretriz do círculo). Diante desta percepção, coloca-se os seguintes problemas:

- como identificar, no discurso dos homens acusados de violência doméstica participantes dos Círculos de Justiça Restaurativa, as marcas de um processo de mascaramento da verdade em relação à violência contra a mulher?
- Que regularidades comparecem no discurso destes acusados que permitam delimitar os esforços de manutenção do próprio poder em relação à mulher?

¹ E-mail: recardoso.ita@uesc.br

Objetivos

Objetivo geral

Identificar por meio da observação dos participantes dos Círculos de Justiça Restaurativas da 2ª Vara Criminal de Ilhéus evidências de uma performance de negação da violência como estratégia defensiva para antecipar julgamentos.

Objetivos específicos

- Produzir um arquivo a partir dos círculos de justiça restaurativa desenvolvidos na 2ª Vara Criminal de Ilhéus homens acusados de violência de gênero.
- Investigar a cultura adversarial dos acusados de violência de gênero identificando regularidades que ecoem teses do patriarcado nas enunciações construídas no círculo de justiça restaurativa.
- Interpretar a opção pelo silêncio, por parte dos acusados, também como regularidade discursiva, movida por perguntas que produzem abalos na representação que o sujeito faz de si na relação de gênero.

Justificativa

A Justiça Restaurativa representa a inserção de uma dimensão pedagógica no modelo hegemônico do Poder Judiciário. Essa pedagogia visa uma humanização na condução dos processos judiciais relacionados à violência, de modo a substituir uma visão punitiva por uma via reflexiva e do diálogo, na tentativa de despertar no sujeito um reconhecimento da própria responsabilidade em relação ao fato ocorrido.

Trata-se de um estudo relevante, dotado de originalidade por se debruçar na análise de uma ferramenta/estratégia de Justiça Restaurativa regulamentada recentemente com enfoque na figura do agressor.

Embora seja uma prática cuja utilização vem crescendo no país, o judiciário da Bahia pouco utiliza das práticas restaurativas na área criminal. Todavia, desponta de forma pioneira uma iniciativa na 1ª Vara Crime de Ilhéus.

Envolver o masculino em práticas reflexivas a respeito de condutas violadoras, transgressoras, coloniais, patriarcais colabora com a construção de um registro sobre a masculinidade hegemônica visando discutir masculinidades possíveis no campo das relações de gênero.

O arquivo produzido pelo estudo poderá servir de base para os estudos de linguagens, discursos, posição do sujeito, relações de gênero e jurídicos.

Aparato teórico

A parte sobre gênero, relações de gênero estarão ancoradas inicialmente em:

- Beauvior (1970) na obra “O segundo sexo” com discussões sobre: as construções biológicas do segundo sexo; aspectos psicológicas/psicanalistas do segundo sexo: falocentrismo, Freud; construções históricas da mulher enquanto um “Outro”; crítica ao materialismo histórico que reduz homem e mulher a categoria econômica; necessidade de construção de epistemologia de gênero.
- Butler (2003) na obra “Problemas de gênero”: a visão pós-estruturalista; gênero e sexo socialmente construídos; rompimento com a categoria unificada de mulheres; análise das desigualdades e das relações de poder sociais; questionamento das categorias cuja fixidez dos seus limites passa a ser vista com desconfiança
- Butler (2014) no artigo “Regulações de gênero”: para compreensão do gênero como norma; discussão da regulação de gênero opera no campo social e jurídico; regulação de gênero enquanto disciplina, vigilância e produção de parâmetros de pessoas.
- Boudieu (2012) na obra “A dominação masculina”: que apresenta a visão androcêntrica do mundo; o discurso justifica a dominação pelas ideias de natureza biológica, psicológica e histórica; as hierarquias sexualizadas naturalizadas que passam despercebidas; e as violências simbólicas.

A análise do discurso será tratada na abordagem de Foucault, tendo em vista os temas sobre dominância e poder, bem como pelo fato de Butler citar Foucault em diversos momentos ao tratar sobre gênero. Destaque nas obras: ARQUEOLOGIA DO SABER (2008), AS PALAVRAS E AS COISAS (1999), A ORDEM DO DISCURSO (1996).

- Em Foucault discurso pode ser lido como desejo de poder e controle (FOUCAULT, 1996).
- A obra ajuda a compreender a relação entre discurso e poder (materialidades).
- Arqueologia: refutar da visão linear da história.
- Distinção entre língua e discurso.

- Trabalho, vida e linguagem enquanto objeto das ciências (FOUCAULT, 1999).
- Discursos nas divisões de Foucault (1996) envolve: procedimentos externos, procedimentos internos e condições de possibilidade (ritual, sociedade do discurso, doutrina e apropriação social).
- Discurso é visto ainda como família de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva.
- Formação discursiva composta de elementos chaves: objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias. São esses elementos que ressalvam a singularidade da FD e possibilitam a passagem da dispersão para a regularidade.
- O discurso é uma prática, que promove e indica deslocamentos do sujeito. As práticas discursivas funcionam como dispositivo de poder voltado para construção de lugares de verdade, os quais terão, de certo, efeitos sobre os sujeitos. (FOUCAULT, 1999).
- Em Foucault a historicidade atesta e possibilita o discurso. O discurso resulta de uma dispersão de enunciados regidos por um princípio de regularidade. Em sua relação com o sujeito o discurso incita, provoca, faz deslocar.
- O sujeito não é a instância fundadora da linguagem. Foucault diz ainda que o sujeito é um uma função vazia, um espaço a ser preenchido por diferentes indivíduos que o ocuparão ao formularem o enunciado. “As diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeter à síntese ou à função unificante de um sujeito, manifestam sua dispersão” (FOUCAULT, 2008, p. 61).
- Tarefa do analista: questionar a vontade de verdade, restituir ao discurso seu caráter de acontecimento, suspender a soberania do significante.
- Analisar o discurso engloba dois conjuntos: conjunto genealógico (formação do discurso) e crítico (força exercida pelo discurso).

Metodologia

Trata-se de um estudo que investiga engendramentos do poder nas relações de gênero. A pesquisa terá como campo de estudos e observação de grupos de homens acusados de violência doméstica que reúnem periodicamente em Ilhéus a partir da aplicação de círculos de Justiça Restaurativa realizados pela 2ª Vara Crime.

Considerando o objeto de estudo, parte-se de uma pesquisa etnográfica que tem como fontes primárias a observação de grupos reflexivos masculinos e entrevistas com facilitadores de Justiça Restaurativa da 2ª Vara Crime de Ilhéus.

A observação dos grupos reflexivos do Círculo de Justiça Restaurativa contará com procedimento de coleta de dados pautada na pesquisa encoberta, considerando as disposições da resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, tendo em vista que a materialidade discursiva precisa contar com a espontaneidade das falas dos participantes observados, de modo que, caso houvesse antecipação de informações que os sujeitos participantes dos grupos reflexivos seriam observados para fins de pesquisa acadêmica, certamente as narrativas não seriam fidedignas.

Conforme art. 2º, inciso XV da resolução 510/2016

XV - pesquisa encoberta: pesquisa conduzida sem que os participantes sejam informados sobre objetivos e procedimentos do estudo, e sem que seu consentimento seja obtido previamente ou durante a realização da pesquisa. A pesquisa encoberta somente se justifica em circunstâncias nas quais a informação sobre objetivos e procedimentos alteraria o comportamento alvo do estudo ou quando a utilização deste método se apresenta como única forma de condução do estudo, devendo ser explicitado ao CEP o procedimento a ser adotado pelo pesquisador com o participante, no que se refere aos riscos, comunicação ao participante e uso dos dados coletados, além do compromisso ou não com a confidencialidade. Sempre que se mostre factível, o consentimento dos participantes deverá ser buscado posteriormente;

O segundo grupo de sujeitos da pesquisa envolve facilitadores de Justiça Restaurativa que trabalham com o projeto de círculos de Justiça Restaurativa na 2ª Vara Crime de Ilhéus. O projeto da 2ª Vara é pioneiro e teve início em setembro de 2021.

Cada grupo de homens acusados de violência participa de 05 encontros com a prática chamada de círculo de justiça restaurativa (reflexões e discussões sobre gênero, família e violência), que seguem um roteiro pré-estabelecido com perguntas norteadoras. Nesse momento, conforme já dito, a pesquisa é encoberta, pois o círculo possui diretrizes de sigilo quanto aos temas que são tratados e os sujeitos não ficariam à vontade para falar a respeito dos acontecimentos de violência, ou mesmo da sua condição de acusado de violência doméstica.

Após cada encontro os facilitadores se reúnem para trocar impressões sobre o círculo, a condução, comportamento dos participantes e a efetividade das perguntas norteadoras do roteiro. Nesse momento, será produzido um registro gravado em áudio dessas informações que serão armazenadas pelo coordenador da pesquisa, mediante consentimento livre e esclarecido.

O coordenador produzirá um arquivo textual com transcrição das conversas/entrevistas com os facilitadores de Justiça Restaurativa.

Será realizada análise do discurso do arquivo para identificar discurso patriarcal, regularidades e lugares comuns utilizados para justificar a violência, a partir do instrumental teórico da análise do discurso na perspectiva de Foucault (1996, 1999 e 2008).

O estudo será submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa considerando o fato de trabalhar com seres humanos e pelos detalhes técnicos da metodologia.

Discussão

O projeto e posteriormente a tese pode colaborar com incrementos nas práticas dos Círculos de Justiça Restaurativa da 2ª Vara Crime de Ilhéus, sugerindo por exemplo temas norteadores e reformulação de perguntas norteadoras, visando otimizar a prática e conquistar maior adesão dos participantes.

No campo acadêmico o presente estudo se inscreve nas epistemologias sobre gênero tão reivindicadas pelo movimento feminista e que podem contar com “falar com” e reforço positivo de um autor do gênero masculino, inscrito na ordem patriarcal com atuação colaborativa com as questões de desconstrução e discussão de novos modelos de masculinidade. Assim, o estudo pode registrar materialidades e discursividades sobre gênero, violência, sistema de proteção das mulheres a partir dos círculos de Justiça Restaurativa e dos enunciados dos homens acusados de violência e dos facilitadores de justiça restaurativa.

O pesquisador já conta com os roteiros dos encontros/círculos de Justiça Restaurativa.

A partir do registro no Comitê de Ética será possível iniciar as conversações e entrevistas com os facilitadores de Justiça Restaurativa da 2ª Vara Crime de Ilhéus, bem como, será iniciada efetivamente a observação dos participantes do círculo por meio da pesquisa encoberta.

Referências

BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. *Cadernos Pagu*, v.42, p.249-274, janeiro-junho 2014.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero - Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro: 1970.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo* [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

Palavras-chave

Gênero. Patriarcado. Discurso. Violência. Ilhéus.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
ILHÉUS - BAHIA**